



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

WILDICLEIA DE OLIVEIRA SANTOS LOPES

UM ESTUDO PSICANALÍTICO DA DEVASTAÇÃO NO CLUBE DE LEITURA
LYGIA FAGUNDES TELLES

Maceió

2022

WILDICLEIA DE OLIVEIRA SANTOS LOPES

UM ESTUDO PSICANALÍTICO DA DEVASTAÇÃO NO CLUBE DE LEITURA
LYGIA FAGUNDES TELLES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Charles Elias Lang

Maceió

2022

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

L864e Lopes, Wildicleia de Oliveira Santos.
Um estudo psicanalítico da devastação no clube de leitura Lygia Fagundes
Telles / Wildicleia de Oliveira Santos Lopes. – 2022.
120 f.

Orientador: Charles Elias Lang.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas.
Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 110-120.

1. Catástrofe (Psicanálise). 2. Devastação (Psicanálise). 3. Clube de Leitura
Lygia Fagundes Telles. 4. Pesquisa psicanalítica. Título.

CDU: 159.964.2



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE ALAGOAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGP

TERMO DE APROVAÇÃO

WILDICLEIA DE OLIVEIRA SANTOS LOPES

Título do Trabalho: “UM ESTUDO PSICANALÍTICO DA DEVASTAÇÃO NO CLUBE DE LEITURA LYGIA FAGUNDES TELLES”.

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:


1518411

gov.br

Documento assinado digitalmente

CHARLES ELIAS LANG

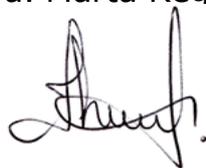
Data: 18/07/2022 08:32:35-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Charles Elias Lang (PPGP/UFAL) Examinadores:



Profa. Dra. Marta Regina de Leão D'Agord (UFRGS)





Profa. Dra. Susane Vasconcelos Zanotti (PPGP/UFAL)

Maceió-AL, 12 de julho de 2022.

AGRADECIMENTO

Concluir esse mestrado é a realização de um desejo que há muito me acompanha, mas que só pôde se tornar possível pelos encontros que tive na vida ... os laços que me contornam e que me ajudam na dura tarefa humana de existir. Tive bons encontros, fiz valiosos laços. Não cheguei até aqui montada na solidão. Cada sorriso, abraço, acolhimento, cada gesto que demonstrou disposição em ler meus devaneios, seguiu comigo, e assim, pude fazer meu desejo ganhar “pé” e caminhar. Eu apostei na vida, e na vida, eu tive quem apostasse em mim. Portanto, nesse momento, eu quero agradecer a todos que fizeram parte dessa importante trajetória.

Agradeço aos meus pais pelo amor de uma vida e pelo apoio de sempre. Por terem sido para mim, base e sustentação. Ao meu companheiro que acolhe minhas aventuras e que tece comigo, todos os dias, novas formas de amar, para que sigamos estreitando nossas semelhanças e respeitando nossas diferenças. Essa conjuntura de amor, me fez filha, mãe e mulher. E foi a partir desse lugar de sujeito dividido, que fiz amigos preciosos, aqueles que constantemente fazem a vida ser mais leve e que igualmente me abraçaram nesse momento desafiador, que foi/é a vivência de um mestrado. Obrigada meus amores.

Quero agradecer, em especial, ao meu orientador: Prof. Dr. Charles Elias Lang. Obrigada, por me acolher como sua aluna e orientanda, por contribuir com minha formação de pesquisadora e docente, e por me apresentar Lygia Fagundes Telles. Que presente! É uma honra poder homenageá-la com meu trabalho, e poder trazer junto a mim, literatura e psicanálise para falar de amor e vida. Muito obrigada, acredito que nem consiga alcançar o quão importante foi para mim.

Dentre esses encontros que me acalentam, me inquietam e me fazem caminhar, a psicanálise tem um lugar especial. Ela me possibilitou refazer rotas, reconstruir destinos, esmiuçar e experienciar a representação em torno do amor e do amar. Por meio dela, conheci pessoas éticas, comprometidas e generosas, a exemplo do querido Robson dos Santos Mello, a quem gostaria de demonstrar minha gratidão por toda paciência e acolhimento em meio a todas as discussões que tivemos, sobre essa temática tão relevante para a clínica psicanalítica. Obrigada: família, amores, amigos e professores. Cheguei até aqui custeando o meu desejo, mas não sozinha.

A palavra é uma ponte através da qual eu tento conseguir o amor do próximo. Eu sempre digo que mais importante que a compreensão é o amor. Eu prefiro mais ser amada, do que compreendida. A compreensão é muito difícil. (...) No fundo, a literatura é uma forma de amor.

Lygia Fagundes Telles

RESUMO

É pela utilização da fala que a psicanálise acontece, e é por meio da palavra e do sujeito da linguagem que ela pode ser aplicada, seja na construção de uma pesquisa psicanalítica, seja na direção de um tratamento clínico. Os conceitos psicanalíticos fazem referência ao universo dos seres falantes, e foram estes seres que moveram o clube de leitura Lygia Fagundes Telles, lugar onde a literatura foi capaz de alavancar falas e possibilitar que variados sentimentos pudessem circular em meio a um grupo.

O clube de leitura Lygia Fagundes Telles reuniu sujeitos e abriu espaço para cada singularidade emergida, lançando luz sobre o tão estimado encontro entre literatura e psicanálise, que há muito rende importantes trabalhos. Foi apostando nesse significativo encontro que esta pesquisa ganhou corpo, percorrendo sobre uma temática tão fundamental para a clínica psicanalítica e, ao mesmo tempo, tão sensível de ser abordada: a devastação na relação mãe-filha. Considerando os conceitos freudianos sobre a catástrofe e as elaborações lacanianas sobre a devastação, bem como tomando de empréstimo a literatura de Lygia Fagundes Telles – uma das maiores contistas brasileiras, que colocou o feminino na palavra a cada texto que elaborou –, este trabalho mostra que um clube de leitura é capaz de funcionar como um método na produção de uma pesquisa psicanalítica, sem perder o que o fundamenta: a relevância quanto à verdade e ao saber que há em cada sujeito do inconsciente.

Palavras-chave: catástrofe; devastação; clube de leitura; Lygia Fagundes Telles; pesquisa psicanalítica.

ABSTRACT

It is through the use of speech that psychoanalysis happens, and it is through the word and the subject of language that it can be applied, whether in the construction of psychoanalytic research or in the direction of clinical treatment. Psychoanalytical concepts make reference to the universe of talking beings, and it was these beings that moved the Lygia Fagundes Telles Reading Club, a place where literature was able to leverage conversations and make it possible for various feelings to circulate among a group.

The Lygia Fagundes Telles Reading Club brought together subjects and made room for each singularity that emerged, shedding light on the cherished encounter between literature and psychoanalysis that has long yielded important work. And it was based on this significant encounter that this research took shape, discussing such a fundamental theme for psychoanalytic clinics and, at the same time, so sensitive to be approached: the devastation in the mother-daughter relationship. Considering Freudian concepts about catastrophe and Lacanian elaborations about devastation, as well as borrowing the literature of Lygia Fagundes Telles - one of the greatest Brazilian short story writers, who put the feminine in the word in every text she wrote - this work shows that a book club is capable of working as a method in the production of a psychoanalytic research without losing what it is based on: the relevance as to the truth and the knowledge that exists in each unconscious subject.

Keywords: catastrophe; devastation; reading club; Lygia Fagundes Telles; psychoanalytic research.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A ORIGEM DO CONCEITO PSICANALÍTICO DA DEVASTAÇÃO NA RELAÇÃO MÃE-FILHA	13
2.1	A catástrofe: os indícios na teoria freudiana	14
2.2	A devastação em Lacan: da mulher à relação mãe-filha	19
2.3	A devastação na relação mãe-filha	28
3	A MATERNIDADE SOB O EFEITO DA LINGUAGEM: A PSICANÁLISE E OS ESCRITOS LITERÁRIOS DE LYGIA FAGUNDES TELLES	30
3.1	<i>A medalha</i>: os fracassos da maternidade e do feminino passados adiante	36
3.2	<i>Uma branca sombra pálida</i>: quando a maternidade ronda a morte	43
3.3	O encontro suportável da literatura com a vida	49
4	A LEITURA E A LITERATURA NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE: OS CLUBES DE LEITURA COMO FRUTO DESSE PERCURSO	53
4.1	O surgimento da leitura e da literatura: os livros como fuga das amarras socioculturais	54
4.2	Os modos de leitura: antes do silêncio vieram as vozes e os grupos	59
4.3	Os clubes de leitura e sua evolução na contemporaneidade	63
4.4	Os clubes de leitura como espaços de fala e produção de pesquisa psicanalítica	66
5	PESQUISA PSICANALÍTICA: ENTRE POSSIBILIDADES E SINGULARIDADES	69
5.1	Freud, Lacan e as universidades	69
5.2	Os principais tipos de pesquisa psicanalítica a partir das contribuições de Rogério Lustosa Bastos	77
6	O CLUBE DE LEITURA LYGIA FAGUNDES TELLES COMO METODOLOGIA DE UMA PESQUISA PSICANALÍTICA	84

6.1	Sobre os encontros do clube e os textos partilhados	85
6.2	A fala livre e a escuta diferenciada no campo da transferência	91
6.3	Pontuações sobre algumas das falas emergidas no clube de leitura Lygia Fagundes Telles pelo viés psicanalítico	94
6.4	Sobre o conto <i>A medalha</i>	96
6.5	Sobre o conto <i>Uma branca sombra pálida</i>	101
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
	REFERÊNCIAS	109

1 INTRODUÇÃO

Psicanálise e literatura: um encontro que sinaliza sua relevância desde o início das descobertas freudianas, num diálogo valioso sobre as questões que circundam a humanidade. O amor e o ódio são pautas centrais nos enredos que preenchem as páginas dos livros e nos romances que permeiam a vida humana. É apostando nesse significativo encontro que esta pesquisa ganha corpo, tomando de empréstimo a literatura de Lygia Fagundes Telles e as considerações originadas em um clube de leitura para discorrer sobre uma temática tão fundamental para a clínica psicanalítica e, ao mesmo tempo, tão sensível de ser abordada: a devastação na relação mãe-filha.

Lygia Fagundes Telles é uma das maiores contistas brasileiras, uma escritora que colocou o feminino na palavra a cada texto que elaborou. Seus escritos são capazes de conversar com a realidade de cada leitor. Neste trabalho, especificamente, dois de seus contos – *Uma branca sombra pálida* e *A medalha* –, que abordam de forma tocante a temática da devastação entre mãe e filha, foram discutidos pelos participantes do clube de leitura Lygia Fagundes Telles. Empréstimo de corpo e voz às letras de um mesmo texto, os participantes puderam trazer suas singularidades e possibilitar que o clube de leitura se estruturasse como um método de pesquisa psicanalítica.

A devastação é um conceito psicanalítico elaborado por Jacques Lacan para fazer menção à relação de duas figuras que se precisam, se demandam e, por isso, se angustiam, vivendo entre amor e ódio em um laço de muito sofrimento. Duas mulheres que não conseguem se comunicar, porque apenas um dos femininos parece operar através da voz imperiosa da mãe. O termo devastação, ainda que fundado por Lacan, tem suas raízes nas concepções freudianas. Nos anos de 1931 e 1933, ao se dedicar à temática do feminino, Sigmund Freud passa a dar ênfase à relação primária da criança com sua mãe – em especial as meninas. Embora tenha levado um certo tempo para perceber tal relevância, seus estudos sobre a feminilidade abriram possibilidades para que novas conceituações pudessem emergir. O mistério que há muito ronda o universo das mulheres também inquietou o inventor da Psicanálise: "o que quer uma mulher?" foi uma das questões por ele suscitadas em um de seus diálogos com Marie Bonaparte (ZALCBERG, 2003). As histéricas que passaram por sua clínica e deitaram em seu divã, com seus corpos esborrando algo ainda

desconhecido, encaminharam-no para novas compreensões quanto ao atravessamento do complexo de Édipo para a menina, bem como à estruturação futura de uma mulher.

De acordo com Freud, os enigmas femininos estariam ligados à relação primária da menina com sua figura materna, mais especificamente em torno da fase que antecede o complexo de Édipo, a fase pré-edípica, afirmando que cada mulher poderia ser compreendida por sua função sexual (FREUD, [1933]/2019a). Foi em torno de tais considerações que o autor proferiu as conferências *Sobre a sexualidade feminina* (1931) e *A feminilidade* (1933), deixando claro que suas construções ainda seriam muito vagas, e que aqueles que quisessem saber mais sobre a feminilidade se voltassem aos poetas ou aguardassem o trabalho dos novos pesquisadores (FREUD, 2019a). Freud reconhecia que suas articulações deveriam ser levadas adiante para que pudessem apresentar conceitos mais aprofundados e mais articulados. Jacques Lacan parte das concepções freudianas e avança nas investigações sobre o feminino, compreendendo que há, nas mulheres, algo a mais, algo que transborda, que excede o próprio corpo e possibilita modos singulares e variados de viver, em que cada uma buscará meios de lidar com a falta que a constitui, a qual sua mãe – também uma mulher como ela – não foi capaz de explicar. Assim, Lacan inaugura o conceito de devastação para dizer de um vínculo necessário, mas que, no transcorrer da vida, pode se tornar nocivo para ambas, pois, de acordo com a teoria lacaniana, se o desejo da mãe não for mediado pela função do pai, a criança fica exposta a todas as capturas fantasísticas, tornando-se objeto da mãe sem ter outra função senão a de revelar a verdade desse objeto (LACAN, [1970]1992b).

Da catástrofe à devastação, da literatura à vida. A psicanálise nasce para investigar aquilo que na vida humana se desconhece, enveredando nos conteúdos inconscientes para compreender e tratar dos sofrimentos pela via da palavra. Palavra cara, que a literatura explora antes mesmo da psicanálise; ainda que possam divergir em seus propósitos (se é que há um específico), ambas se sustentam pelo poder da palavra. A literatura tem a capacidade de abrir mundos, de proporcionar mergulhos em um universo que, ainda que constituído pela representação de muitos, é o lugar de um só: um casco, uma concha, a própria solidão. Ao ler, é possível embarcar em uma viagem sem roteiro estabelecido. Pega-se carona no transporte do autor, toma-se emprestada sua fala para construir, em cada imaginário, um cenário, personagens, dor, alegria, raiva: tudo que se lança para o leitor através de cada enredo. Lendo, as

peças se compadecem, se identificam, tomam partido, dão aos personagens do autor uma vida que também é sua. Como fala Fowler (2017, p. 7) em seu romance intitulado *O clube de leitura de Jane Austen*, “cada um de nós tem uma Austen particular”. O encantamento pelo mundo literário é capaz de fazer pontes, e uma delas está direcionada aos clubes de leitura. Estes permitem agregar solidões, partilhar olhares diversos sobre um mesmo texto, zarpando juntos na viagem de cada um.

Um clube de leitura se propõe a ser um porto de embarque e desembarque para viajantes apaixonados por livros. Seu ponto fundamental não é ensinar e transformar por lições moralistas, mas compartilhar experiências das capturas de si mesmo a partir da leitura de um livro. É uma aposta na vida, e é por esse caminho que a psicanálise também faz seu trajeto: ainda que não se desconsidere a morte, é na vida que se aposta. Desse diálogo esperançoso de quem acredita que há uma saída para as durezas da vida – ainda que não toda – fez-se pesquisa, atestando que a fala, para a psicanálise, é sua mola mestra, e que o sujeito não se extingue à função do pesquisador. Freud, Lacan, Lygia Fagundes Telles e um clube de leitura mostraram o quanto são capazes de apresentar ao mundo humano as excentricidades que extrapolam seus seres.

2 A ORIGEM DO CONCEITO PSICANALÍTICO DA DEVASTAÇÃO NA RELAÇÃO MÃE-FILHA

O conceito psicanalítico da devastação na relação mãe-filha é inaugurado por Jacques Lacan na década de 1970. Porém, as investigações em torno dessa temática já marcavam seu início com Sigmund Freud. Ainda que o autor não nomeie o estudo como tal, nos anos de 1931 e 1933 ele profere duas conferências significativas sobre as questões do feminino – *A feminilidade* (1931) e *Sexualidade feminina* (1933) –, que foram fundamentais para as novas descobertas sobre a constituição da mulher e a função da figura materna. É nesse período que Freud funda o termo *catástrofe* para se referir à complexidade na estruturação do inconsciente na menina, considerando a importância do vínculo entre ela e a mãe.

Depois de um significativo período de estudos sobre o desenvolvimento sexual infantil, Freud passa a inquietar-se quanto ao complexo de Édipo na menina, compreendendo que há uma ligação enigmática entre ela e a mãe que implica em sua formação de mulher. O criador da psicanálise percebe que o futuro da menina dependerá de sua relação inicial com a mãe, que sua estruturação de mulher e suas escolhas amorosas estarão vinculadas ao seu processo de ligação e separação junto àquela. Somente separando-se dessa figura tão fundamental é que a menina poderá escapar à *catástrofe* de permanecer até o fim de sua vida presa à dual ligação de amor e ódio que a impedirá de caminhar com mais autonomia, o que não garante que, na ocorrência da separação, os sentimentos hostis se dissolvam por completo, pois, segundo o autor, algo disso restará:

O afastamento em relação à mãe ocorre sob o signo da hostilidade; a ligação com a mãe acaba em ódio. Um ódio dessa espécie pode tornar-se extremo e durar a vida toda; ele pode, mais tarde, ser cuidadosamente supercompensado; uma parte dele, via de regra, é superada, e outra parte persiste. (FREUD, 2019a, p. 325).

Seus últimos escritos contemplaram a figura da mãe numa perspectiva diferente, em comparação com o início de suas investigações, pois foi somente mais adiante, em seus estudos, que ele pôde reconhecer que, para a menina, a mãe também entra no jogo infantil da sedução, e que a figura do pai, que inicialmente era primordial, fica nas dependências de sua relação primeira com a mãe. As pontuações suscitadas acerca dessa temática na teoria freudiana apresentaram limitações que

foram reconhecidas pelo próprio autor e abordadas de modo mais aprofundado pelos pós-freudianos, a exemplo de Jacques Lacan, que adentra nos estudos sobre a estruturação feminina desenvolvendo a investigação quanto à complexidade que circunda a mulher e seus lugares de mãe e filha.

Jacques Lacan deu sequência aos estudos sobre os mistérios femininos, inovou a psicanálise, vinculando a linguagem e o mundo humano, e proporcionou outros entendimentos quanto à estruturação dos sujeitos, utilizando-se da linguística, da matemática e da lógica para formular matemas que possibilitassem, pela materialidade da escrita, melhor compreensão em torno das questões subjetivas da humanidade. Por meio de suas elaborações em torno da linguagem, na qual o sujeito é habitado – e pela qual se humaniza –, Lacan divide o mundo humano sob a ótica do significante e da significação, abordando lugares permeados por funções de linguagem que dão ao ser humano um lugar no mundo.

O ser falante só adquiriu seu poder de fala porque o símbolo o fez homem (LACAN, [1953]/1998d). Portanto, a fala, com sua função simbolizadora, possibilita que o sujeito, que pela linguagem é falado, traga à tona, sob o viés da psicanálise, os mal-entendidos que permearam sua história e que estruturaram sua verdade inconsciente. Por essa vertente, o autor seguiu investigando as incógnitas em torno da mulher, os restos irresolutos que a marcam e a colocam do lado daquilo que excede, inclusive em sua função e efeito de fala. Mulheres que indagam incessantemente outras mulheres – em especial as mães – sobre a falta de uma representação simbólica que as possa definir, que fale de seus corpos. Mas, pelo fato de a linguagem não alcançar aquilo que excede em seu modo de gozo, elas não obtêm respostas que possibilitem resolver seus enigmas. Sempre filhas, às vezes mães, mas sempre atravessadas pelos símbolos, imagens e resquícios inconscientes que as fazem transbordar.

2.1 A catástrofe: os indícios na teoria freudiana

Durante o desenvolvimento da teoria psicanalítica, que teve como criador Sigmund Freud, a figura da mãe seguiu tomando direcionamentos e compreensões diferentes. A partir de todo avanço/progresso no percurso teórico e prático da psicanálise, a maternidade passou a ocupar lugar de relevância na estruturação inconsciente dos seres humanos, sendo a mãe o primeiro objeto de amor que irá repercutir na constituição de todo sujeito. É a partir dela que o pequeno ser, recém-

chegado ao mundo, estabelece suas relações com os outros e com o meio que o cerca. Seja para o menino ou para a menina, a função materna é fundamental. A escolha da mãe como objeto amoroso passou a vincular-se a tudo que adquiriu grande importância no esclarecimento psicanalítico das neuroses, originando a fase do desenvolvimento que ficou conhecida como complexo de Édipo (FREUD, [1924]/2019b). Essa fase se estenderá tanto para a menina quanto para o menino, possibilitando a estruturação do aparelho psíquico e, posteriormente, a formação da masculinidade e da feminilidade de cada sujeito. E a mãe, enquanto primeiro objeto amoroso, terá para ambos, no atravessamento desse período, um lugar diferenciado.

O complexo de Édipo freudiano compreende uma fase circundada por amor, hostilidade e identificação. A entrada nessa fase, para ambos os sexos, se formula entre semelhanças e especificidades, mas a saída se dará de maneira completamente distinta. Para o menino, a disputa pela mãe como seu objeto coloca-o em posição de rivalidade com o pai, marcando sua entrada no complexo de Édipo, em que esse Outro se atravessa em uma relação que outrora era exclusiva. Ou seja, o menino, tendo a mãe como seu primeiro objeto de amor, rivaliza com o pai desejando ocupar o seu lugar na ânsia de possuir a mãe, odiando-o por ser ele um empecilho (FREUD, [1910]/2019d).

Ao se deparar com as diferenças anatômicas entre ele e a menina, bem como as interdições quanto aos seus atos sexualizados, o menino compreende que algo pode lhe acontecer como punição por seu desejo incestuoso, tal qual ocorreu com a menina, e, por medo de perder o seu pênis, tomado pela angústia de castração – assim nomeada por Freud –, ele se afasta do complexo de Édipo, se identifica com o pai, que, como ele, é possuidor do pênis e direciona para objetos substitutos o desejo que outrora entendeu como proibido. A estruturação da menina também passa pelo Édipo e pela castração, mas tais complexos exigirão dela maior movimentação libidinal e maior sofrimento pela separação e troca de seu primeiro objeto de desejo. O que a psicanálise chama de castração corresponde à primeira separação instituída pelo pai na relação fechada entre a mãe e a criança, que está, em seus primeiros tempos de vida, totalmente submetida aos desígnios maternos (ZALCBERG, 2003). O pai também instituirá uma separação entre a mãe e a filha, mas, diferentemente do menino, essa cisão terá uma maior dificuldade quanto à identificação. De acordo com Zalcberg (2003, p. 15):

Para o menino, a identificação masculina recebida do pai é, em princípio, resolutive de seu Édipo porque marca sua separação com a mãe. Não é o caso da menina, para quem a identificação masculina, embora necessária em termos estruturais, não resolve sua questão identificatória. Ela ainda terá, à saída do Édipo, de continuar a procurar uma identificação feminina; esta, só poderá encontrar junto à mãe, mulher como ela. Com isso, o processo edípico, no caso da menina, deixa um *resto* na condição de separação com a mãe.

A ocorrência do Édipo, na menina, possui fatores complicadores, pois ela, que também tem a mãe como seu primeiro objeto de amor, precisará encontrar um caminho para o pai, mas “como, quando e por que ela se desliga da mãe?” (FREUD, 2019c, p. 285). Observando a dificuldade da saída da menina de seu Édipo, Freud percebe a importância de compreender a fase que a antecede: a fase pré-edípica. Esta ganha muita significância, em seus estudos, quanto à relação mãe-filha e quanto à construção da feminilidade. O pai da psicanálise toma como certeza e deixa como legado que não se pode compreender a demanda de uma mulher sem investigar sua fase pré-edípica com sua mãe. É sabido que Freud levou certo tempo para alcançar a importância e a especificidade de tal relação. O próprio autor marcou, em muitos momentos de seus escritos, a dificuldade de entender a ocorrência do desenvolvimento sexual nas meninas e a estruturação de seu funcionamento psíquico. Ele afirmava que sua compreensão sobre os processos de desenvolvimento na menina era “insatisfatória, lacunar e vaga” (FREUD, 2019b, p. 254).

Apenas no ano de 1931, em sua conferência sobre sexualidade feminina, ele passa a abordar de forma mais aprofundada a relação mãe-filha e a se aproximar mais de sua relevância. O pai, que inicialmente era apresentado como figura fundamental, tornou-se secundário em seus últimos escritos, e a relação pai-filha também passou a ser visualizada nas dependências de sua fase pré-edípica: quanto mais intensa fosse a relação da menina com a mãe, em seus primeiros momentos de vida, mais intensa seria sua relação posterior com o pai, em que este sairia da posição de rival incômodo para se tornar seu novo objeto de amor, numa ligação intensa e apaixonada, tal como havia sido com a mãe. Ainda que ele dê à figura da mãe uma outra representação na configuração psíquica da filha, Freud não abandona a importância da figura paterna na estruturação da futura mulher. Considerando os textos freudianos sobre a feminilidade e a sexualidade feminina, Zalcberg (2003) afirma, a partir de Freud, ser impossível compreender uma mulher sem analisar sua relação com a mãe, e ainda acrescenta:

Chamando a atenção para esse importante vínculo mãe-filha, Freud sabiamente não abre mão do vínculo pai-filha, procurando manter a arquitetura estrutural do Édipo. A cada filha cabe encontrar uma articulação entre os dois polos - materno e paterno - pelos quais irá constituir-se mulher. (ZALCBERG, 2003, p. 17-18).

Ao pai cabe, então, a importante função de romper a ligação entre mãe e filha, objetivando que uma nova mulher possa surgir para além da imagem capturada de sua mãe, possibilitando que essa filha se desvie do destino funesto de ser um objeto de complementação de uma mãe que também é marcada pela falta. De tal forma, a menina terá a intensa tarefa de se deslocar da figura materna para a paterna, retornando para a identificação com sua mãe após a compreensão de que é um sujeito à parte e não sua extensão ou complemento. Transições difíceis, que Freud levou muito tempo para perceber e desenvolver em suas interpretações: uma temática que demandou – e ainda demanda – prosseguimento e consideráveis reformulações com o avançar dos tempos.

A teoria freudiana sobre a sexualidade dos sujeitos está vinculada à primazia do falo, que, para o autor, faz referência ao pênis e à sua representação enquanto presença ou falta nos diferentes sexos. A partir de sua construção sobre a teoria da sexualidade, Freud introduz a compreensão de que há, na menina, uma percepção quanto à sua condição de desfavorecimento em relação ao menino, possuidor do falo. O autor considera que a menina reconhece seu lugar de inferioridade, por ser ela portadora de um órgão tão pequeno como o clitóris, órgão este que seria análogo ao pênis, colocando a menina – diante de sua inveja do pênis – em uma posição masculina na construção de sua sexualidade. Segundo Freud, é como se por muitos anos a vagina não existisse para a menina: o clitóris seria a parte do corpo onde ocorreria o essencial da genitalidade na infância da mulher (FREUD, 2019c). Apenas com o abandono da fantasia de possuir um pênis a menina passa a reconhecer a falta: esta, através de sua mãe e de outras meninas em seu convívio, toma um caráter de imagem generalizada quanto à condição de seu sexo.

Assim, ela atravessa o seu complexo de masculinidade e segue para sua especificidade feminina. Ou seja, segundo a teoria freudiana, a menina só se torna mulher quando abandona sua posição masculina originada pelo atravessamento do Édipo. É no atravessamento e no declínio desse período que a mãe passa a ocupar um lugar de hostilidade na relação com a filha. O reconhecimento de sua inferioridade

e, por conseguinte, da superioridade do sexo oposto provoca nela uma revolta por ter vindo ao mundo como menina, e essa responsabilização é direcionada à mãe, àquela que a fez imperfeita e insabida, e dela será preciso afastar-se. Tal sentimento se une aos já existentes, afinal essa mulher que a insere no universo da sexualidade ao tocar seu corpo com os primeiros cuidados é, também, aquela que a tolhe quanto aos seus atos masturbatórios mais tenros. Isso iniciará, de acordo com Freud, o elenco de inúmeros sentimentos aversivos a essa figura. Segundo o autor:

O rancor por ser impedida da livre atividade sexual desempenha um importante papel em seu desligamento com a mãe. O mesmo motivo volta a produzir efeitos após a puberdade quando a mãe assume seu dever de proteger a castidade da filha. (FREUD, 2019c, p. 295).

Freud percebe o impacto que a figura materna possui, desde o início, no desenvolvimento sexual da filha: é ela que aponta os proibidos e os permitidos em seu processo civilizatório, mas, em se tratando do sujeito do inconsciente, algo sempre escapará. De acordo com sua teoria, a repressão da sexualidade se transformará em hostilidade e se agravará quando a filha se der conta de que, tanto a ela quanto à mãe, algo falta. Ambas são castradas.

Amor, hostilidade, revolta e identificação com a incompletude lhe darão forma de corpo e sujeito. Trajeto de um ser banhado pela presença marcante de uma mãe que lhe mostra de forma recorrente sua condição. Um início que, segundo Freud, muito dirá sobre seu meio e, de alguma forma, sobre a impossibilidade de seu fim. É de acordo com a intensidade dessa relação inicial que se apontará a dificuldade de separação entre elas, bem como a dificuldade de se eleger o sexo oposto como seu novo objeto amoroso.

O sentimento de hostilidade pela mãe nem sempre é a confirmação de que a filha consegue separar-se dela. Considerando esse movimento de maior complexidade, entende-se que algumas mulheres levam muito tempo para que haja esse desligamento da mãe, e que outras passam a vida toda em torno dessa questão. A viragem da menina em direção ao pai é uma evidência de que ela conseguiu escapar do que Freud nomeou, em sua conferência sobre a sexualidade feminina, como *catástrofe*, no que tange à sua relação de profundo apaixonamento com a mãe (FREUD, [1931]/1996). Se a menina não consegue parar de direcionar suas demandas pulsionais à figura da mãe, ela tenderá a vivenciar grande sofrimento em

sua construção de mulher. Viverá uma ambivalência que trará para ambas sofrimento. Em seus últimos escritos, Freud apresenta, com certa clareza, que a relação com a mãe é o cerne das doenças neuróticas ou psicóticas da futura mulher. Segundo ele, “[...] esse bem parece ser o medo [*Angust*] surpreendente, mas sistematicamente encontrado de ser morta (devorada?) pela mãe” (FREUD, 2019c, p. 288). De tal modo, o autor põe luz na estranheza que embala a estruturação desses seres. Ele percebe que é nessa relação tenra e inicial da vida da menina que se encontram os impasses da construção de seu feminino. Esse laço não se desata fácil e nem por completo.

É sobre os enodamentos dessa relação que a mulher estabelecerá seus vínculos afetivos para com as suas figuras amorosas, retornando a algo que não pôde ser resolvido, repetindo, com tais amores, a relação vivida com sua mãe (FREUD, 2019c).

Diante dos conflitos de sentimento originados na tentativa de compreender a importância da figura materna, algo se complica nesses lugares. Aquela que se ama também se odeia. A ela se deve a vida, mas também a angústia de não saber o que se é. Na teoria freudiana, é possível entender que entre mãe e filha os sentimentos são ambivalentes. Há amor, mas também há ódio. Amor por ser a figura materna sua primeira via de afeto, cuidado e alimentação, mas, igualmente, por ser a marca de sua indefinição como sujeito.

A menina marca sua entrada no Édipo, reconhecendo sua castração: para ela, a castração não é o declínio, mas a instauração do Édipo. Quando ela se dá conta de sua desvantagem quanto ao menino, de que tem algo que a simboliza como tal sexo, a menina se revolta, inibe sua sexualidade e inaugura seu complexo masculino, em que ativamente vai buscar no pai o que a mãe não pôde lhe dar. Freud inaugurou discussões fundamentais quanto à estruturação dos sujeitos, porém deixou explícitas suas limitações acerca da compreensão do feminino. O complexo de Édipo freudiano deu à luz, claramente, ao masculino, mas no que tange à feminilidade ele deixou evidências de que seria preciso algo mais para se aproximar daquilo que se apresenta como impossível de ser explicado: a mulher.

2.2 A devastação em Lacan: da mulher à relação mãe-filha

Não é novidade que, para a psicanálise, a infância é o ponto de partida para a compreensão dos sofrimentos humanos. É lá que tudo começa, que o homem ou a

mulher se formam, que a letra faz nome e a linguagem possibilita um lugar. Freud ([1905]/2016) já havia escrito, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, acerca das diferenças entre o homem e a mulher, abordando conceitos, mas também lugares, apresentando três orientações para melhor tratar da complexidade humana, que vai além do sexo posto pela biologia. Para ele, homem e mulher precisariam ser pensados por três sentidos: de passividade/atividade, biológico e sociológico¹ (FREUD, 2016, p. 139).

Com isso, Freud já sinalizava que os lugares do feminino e do masculino não seriam dados somente pelo órgão genital, e que haveria uma contradição estrutural entre a psique e a anatomia. Como afirma Zalcberg (2003, p. 103-104), “o reconhecimento da ausência da diferença sexual no inconsciente fora uma das maiores descobertas de Freud; ela atestava uma contradição estrutural entre a ordem psíquica e a ordem anatômica para todo sujeito”. De tal modo, ainda que suas articulações privilegiassem a existência ou não do pênis, ao tratar da temática do falo, algo em seus escritos possibilitou avanços, a partir de leituras mais próximas sobre a técnica que se propunha a curar sintomas neuróticos pela palavra.

A palavra, em Freud, já estava em cena, e era preciso olhá-la nas entrelinhas da conjuntura, uma a uma. Essa foi a linha traçada por Jacques Lacan: a linha da letra, da linguagem, da significação das palavras e das coisas.

A tríade freudiana mãe-filho-pai, bem como a premissa do falo e a incidência da castração, ganharam, a partir de Lacan, outras possibilidades em meio às discussões psicanalíticas. Lacan tratou do falo como significante e, com isso, fez também novas elaborações quanto à castração, seguindo sua compreensão do inconsciente estruturado como linguagem.

O falo, enquanto representante do pênis, tem sua história originada na antiguidade. Tido como um símbolo de força e proteção digno de ser venerado e cultuado pelos povos antigos de religiões pagãs, ele era a marca da potência dos deuses itifálicos enquanto órgão masculino em ereção. Com a religião monoteísta, os deuses e o falo passaram a ser rejeitados por terem suas práticas consideradas como

¹ Nota de rodapé apresentada no livro *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (2016), onde Freud fala da importância da designação da libido enquanto masculina, considerando a pulsão como sempre ativa. Fala, também, dos caracteres biológicos femininos e masculinos, e que mediante a observação da existência efetiva dos indivíduos masculinos e femininos, enquanto seres humanos, nem no sentido psicológico, nem no biológico se acha uma pura masculinidade ou feminilidade.

obscenas e orgíacas. Lacan, então, vai retomar a concepção de falo por seu atributo divino e não por seu caráter biológico: em sua teoria, o falo torna-se o significante do desejo, significante que marca o inacessível, o impossível de ter, a não ser pela via do simbólico (ROUDINESCO; PLON, 1998). Para ambos os sexos, o falo é a marca da falta, da castração. Ainda que o homem (do sexo masculino) acredite tê-lo, ele o tem apenas enquanto significante, aquele que o representa como sujeito para outro significante (LACAN, [1973]/2008b).

Assim, com Lacan, o complexo de Édipo vai além, percorrendo discussões sobre a lógica do *ter* ou *não ter* o falo, *ser* ou *não ser* o falo. Nessa dimensão, a figura da mãe é aquela que encarna o Outro fundamental para a criança, aquela que, em seu início de vida, lhe proporciona as inigualáveis satisfações, que interpreta cada grito e que corresponde a cada necessidade sua, até o momento em que essa criança inicia sua atuação no mundo dos seres falantes, no mundo da linguagem e, então, passa a demandar ao outro aquilo que deseja; com isso, experimenta a perda de algo nessa relação que jamais encontrará tal e qual. Como afirma Zalcberg (2003, p. 57):

Esse é o momento em que a criança terá de expressar suas necessidades de forma articulada ao outro; terá de fazê-lo através de demanda, no registro da linguagem. Ter de pedir o que deseja através de uma demanda endereçada ao outro confronta a criança à ordem da perda. Alguma coisa é perdida quando a criança, atendida até então sem ter de pedir, passa a ter de endereçar seu pedido em forma de demanda ao outro. Se não fosse essa perda, o mundo pararia nesse ponto, em uma ilusória autossuficiência da relação mãe-criança, em uma circularidade de demandas sem nada para ser desejado.

A primeira marca de existência da criança no mundo humano se dará pela sua relação de dependência com a mãe. No entanto, para que se constitua sujeito, precisará separar-se dela e buscar novas correspondências que possam lhe sugerir outras possibilidades de encontrar o que junto a esta, que não mais lhe atende por inteiro, não encontra mais.

E aqui entra o terceiro ou o quarto nessa relação – a contar com a tríade lacaniana mãe-falo-criança: o pai, aquele que simbolicamente, pela via da linguagem, possibilitará uma ruptura nessa tríade. Na teoria lacaniana, o complexo de Édipo é entendido como uma função simbólica, em que o pai opera sob a forma da lei, fazendo corte na relação simbiótica da criança com a mãe. De tal modo, o desejo incestuoso é rompido, marcando a impossibilidade dessa fusão entre ambas, marcando que a mãe tem desejo e que a criança não pode bastar para satisfazê-lo.

Nesse momento de separação, a criança se encaminha para as possíveis identificações, a considerar o significante fálico. Enquanto o menino entende que supostamente o tem, a menina entende que supostamente o é (ou melhor, precisa sê-lo, já que não há nada nela que o simbolize).

Sendo assim, de um lado tem-se a existência pela suposição de ter o falo, tratando-se aqui do menino – que seguirá na vida temendo perder o que acredita ter, elencando substitutos que o mantenham na certeza de possuí-lo; do outro lado, um outro modo de existência que se dará pela suposição de ser o falo (sem sê-lo), referindo-se aqui à menina, que, diante da falta de um significante que a defina, vê no lugar de objeto (a) uma possibilidade para sua existência, estabelecendo relações em que possa ser para algo ou para alguém. Isso acentua a importância da mãe e a complexidade em torno das diferenças no tocante às identificações.

Essas elaborações possibilitaram novas maneiras de se pensar a sexualidade, o feminino, os laços e as relações, principalmente aquela que aqui faz texto: a relação entre mãe e filha. Como afirma Zalcberg (2003), é no desenvolvimento da teorização da feminilidade que Lacan vai chegar a sua formulação sobre a expectativa da filha em relação à mãe. Segundo a autora,

Lacan enveredou primeiro pela forma como a mulher continua, depois da passagem pelo Édipo, a endereçar ao pai, e depois ao homem, entre espaçosa e desafiante (que espécie de homem é você que não pode me dar um significante feminino?), sua demanda de receber dele um significante que fundaria sua feminilidade, por obter um lugar assegurado, assim como o homem tem o seu pela identificação masculina recebida do pai. [...] isto é, uma maneira de ficar totalmente sobre o abrigo do simbólico, como é o homem. (ZALCBERG, 2003, p. 102-103).

Em Freud, as peculiaridades – e por que não dizer nocividades – da função materna passaram a tomar forma em seus últimos textos, mas foi com Lacan que tais questões ganharam campo para serem discutidas e desenvolvidas. As complexidades em torno da mulher – desde os mistérios sobre elas, que perpassam histórias, até os memes criados para falar da impossibilidade de explicá-las – puderam ser mais bem pensadas pela teoria lacaniana. Nela, o autor apresentou a compreensão de que, da mulher, o que se pode capturar é a inexistência de uma representação específica capaz de dizê-la, de um significante que a defina e que possa simbolizá-la desde o início de sua vida. Filha e mãe, ambas estão atravessadas pelas complexas questões do feminino. De tal modo, no campo da mãe também está a mulher.

Como afirma Soler (2005, p. 90), “[...] ali onde havia surgido a mãe do amor, Lacan invocou... a mulher”. É nessa perspectiva que Lacan vai abordar a relação mãe-filha, pela via do *ser mulher*: aquela que, enquanto filha, pôde tornar-se mulher por intermédio de uma outra mulher, sua mãe.

É a partir da figura materna e da desafiadora tarefa de separar-se dela que essa filha poderá inserir-se no mundo do desejo. O desafio é conseguir separar-se, pois, em seu início de vida, foi esse Outro primordial que necessariamente lhe apresentou ao mundo do desejo, desejando-a e colocando-a no lugar de objeto. Para que a filha possa inventar-se uma outra mulher, ela precisa abdicar desse lugar de objeto, não mais sendo aquela que existe para satisfazer e completar uma mãe que, *a priori*, parecia não possuir nenhum desejo para além dela. Portanto, esse desejo é via de vida e morte: ele é capaz de fundar e também de findar uma existência.

Em seu início de vida, a criança necessita desse olhar desejoso da mãe para que possa sentir-se existente, para que sobreviva, não só de alimento, mas também de amor. A criança que é originada por uma mãe não desejosa carregará consigo a marca dessa ausência, que recairá sobre sua existência.

De tal forma, alienar-se inicialmente ao desejo da mãe e separar-se posteriormente dele, ao menos em parte, é o caminho que se faz necessário para inventar-se mulher, para que cada uma possa construir sua feminilidade como for possível. Pode-se então afirmar, dentro da perspectiva psicanalítica lacaniana, que a separação entre mãe e filha ocorre com maior turbulência se comparada à separação da mãe com o menino, na qual a diferença se apresenta ao simbólico e ao imaginário de forma mais estabelecida.

Tal separação se dará, fundamentalmente, com a inscrição na *metáfora paterna*, em que o Nome-do-Pai será capaz de dar nome ao desejo da mãe e possibilitar que essa filha se erga, ainda que com uma imensurável fenda em seu ser, já que a entrada da função paterna também representa a perda. O pai é tido, na psicanálise lacaniana, não como uma mera imagem figurativa do sexo masculino, mas como uma função simbólica (independente do gênero), um nome, uma metáfora que, originada pela linguagem, é capaz de romper e estruturar.

É mediante a instauração dessa função que a filha poderá sair desse lugar de objeto que complementa a mãe para formar-se mulher. Como afirmam Roudinesco e Plon,

[...] a função paterna não é outra coisa senão o exercício de uma nomeação que permite à criança adquirir sua identidade. [...] sendo a encarnação do significante, por chamar o filho por seu nome, o pai intervém junto a este como privador da mãe, dando origem ao ideal do eu na criança. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 544).

A psicanálise lacaniana aborda a maternidade permeando a figura do feminino, na busca de uma melhor compreensão em torno das questões que atravessam as mulheres para além do sexo biológico, considerando-as como aquelas que estão às voltas com seu corpo, sua existência e com o feminino que as habita e que lhes possibilita inventar-se mulher – e, por assim dizer, algumas delas também mães. Montadas com o que cada uma foi capaz de elencar no rol de seus significantes, sempre uma a uma. Como afirma Lacan, “[...] das mulheres, a partir do momento em que há os nomes, pode-se fazer uma lista, e contá-las. Se há *mille e tre* é mesmo porque podemos tomá-las uma a uma, o que é essencial” (LACAN, [1972]/2008d, p. 17).

Quando se têm duas mulheres implicadas numa relação mãe-filha, têm-se também as complexidades do feminino elevadas ao dobro. A grande marca da mulher é a indefinição de seu ser. Do seu lado, como igual, está a mãe, mas o que é que a representa? Essa é uma resposta que não se alcança com exatidão, pois a ela também falta algo, e este é o ponto: o ponto de reticências, a continuação das indefinições, que possibilitará que cada uma siga mascarando a falta como consegue, na busca incessante de respostas sobre si em meio ao mundo e diante dos outros que circulam em sua vida. Zalcberg dirá que,

Por não ter um significante que a represente especificamente como mulher, uma parte dela fica fora do processo de simbolização. Justifica dizer-se a mulher tem maior proximidade com o *real*, isto é, com que fica fora do processo de simbolização instituído pela metáfora paterna, esta, a deixar um o *resto* sem solução na mulher. (ZALCBERG, 2003, p. 103).

Mãe e filha, duas mulheres que experimentam no corpo o desconhecido: uma já constituída; a outra entregue às falhas e às dúvidas que restaram dessa constituição – referindo-se, aqui, à estrutura neurótica –, onde a mãe ama e demanda amor, e onde a filha, presa no emaranhado de restos e desejos dessa mãe/mulher, buscará incessantemente por ela também *ser* amada.

Segue-se, então, a corrente das demandas (de amor) que sempre restarão insatisfeitas, de início direcionadas à mãe (necessariamente) e, posteriormente, a

outros que possam fazer menção a esse amor. Sua feminilidade poderá ser criada quando ela compreender a incompletude de sua mãe – em que esta também precisa deixar surgir sua falta – e voltar-se tanto para o pai quanto para a mãe à saída de seu Édipo, tentando encontrar um significante que defina o sexo feminino, o que a lançará para a infindável busca de alguém que possa, então, fazer menção a essa possibilidade, nesse caso o homem (enquanto posição sexuada), aquele que a necessita como objeto *a* em sua fantasia, para que, assim, ele permaneça alimentado da tal suposição de *ter* o falo e ela de *ser* o objeto *a* que falta ao Outro.

Entende-se, aqui, que a psicanálise lacaniana não reduz o homem ou a mulher ao sexo biológico, mas às posições, identificações e escolhas de objetos que são elevados à representação sexual. A psicanálise lacaniana entende e trabalha com a diversidade sexual, compreendendo o sujeito pela lógica do *Um* – que coletiviza, universaliza, faz um *todo* – e do *Heteros* – que marca a exceção, a heteridade, que não faz *todo* e não é universal. Sendo assim, de um lado há os que compartilham da lógica do *Um* e do *todo*; do outro, os que compartilham da lógica da heterogeneidade e do *não-todo*. Os ditos homens e as ditas mulheres que se atraem e fazem sexo mediante a diferença. Como afirma Quinet:

Para haver sexo, é necessário a diferença do outro – não se faz sexo com o mesmo. [...] para haver sexualidade entre homem-mulher, ou entre dois homens ou entre duas mulheres é preciso haver esse elemento *Hetero*, que é a relação entre um elemento do *todo fálico* com um elemento do *Não-todo fálico*. [...] A sexualidade do ser falante é sempre da ordem do *Heteros*, para além da diferença anatômica dos sexos. (QUINET, 2013, p. 139-140).

É cabível dizer que as histórias de amor são construídas mediante a suposição de que o outro tem aquilo de que se precisa, sendo demandado a este o lugar de sustentação para aquilo que, indefinidamente, falta. O amor toma forma quando o outro se propõe a ocupar esse lugar fantasístico e sem garantias de que pode dar o que não tem. A atração surge por intermédio da diferença: é ela que desperta no sujeito a possibilidade – fracassada – de completude, que o faz desejar sexualmente. Há uma disparidade significativa quando se diz “*Você faz diferença!*” ou “*Você não faz a menor diferença!*”: a primeira marca o enlaçamento; a segunda, o desenlace, este talvez não efetivamente, mas de afeto, de desejo sexual.

Não se vive a dois quando um não faz diferença para o outro: é preciso que haja um objeto causa de desejo para que um suponha tê-lo (dito homem) e o outro

suponha sê-lo (dita mulher). Quando a mulher se coloca para o homem como falo ou objeto *a* em sua fantasia, ela pode construir sua feminilidade, o que também a coloca nas proximidades e possibilidades de uma sequência devastadora, porque esse lugar de objeto precisa percorrer a via da fantasia. Se ela aceitar responder a esse lugar de objeto real para o homem, ela passará a viver devastada, não só no nível de fantasia, mas, efetivamente, reduzida a mero objeto do qual o outro poderá gozar (ZALCBERG, 2003). Esse é o lugar (de objeto *a*) que a aproxima de sua relação inicial com a mãe e que, como tal, se não é rompido, é mortífero.

Todo e não-todo, termos que Lacan utilizou para tratar de questões entre homens e mulheres, apresentando junto a estes a temática do gozo fálico e do gozo Outro: duas modalidades de gozo que acompanharão os sujeitos até o fim de suas vidas, estando elas ligadas ao desejo do sujeito e, por conseguinte, ao desejo do Outro. O grande Outro, escrito com “O” maiúsculo, faz referência a um significante que ocupa um lugar simbólico e que está relacionado ao inconsciente.

Na teoria lacaniana, o Outro é representado em seus matemas pela letra *A*, a primeira letra do alfabeto. Esse lugar, enquanto supremo e inalcançável, e ao qual o ser humano estará vinculado desde o início de sua vida, precisará ser barrado para que o sujeito do inconsciente venha a ser constituído e para que não viva tomado pela voz operante do Outro, como é o caso da psicose. Portanto, Lacan apresenta a necessidade de que nele haja um corte: um corte em sua supremacia e completude perfeita, sendo simbolizado, em sua teoria, por uma barra (\bar{A}). Isso que dele se perde, que cai e não se sabe conscientemente o que e para onde foi, Lacan chamou de objeto *a*, objeto que não tem forma, nem consistência, que é da ordem do real, do inconsciente. É ele a causa de desejo que fará o sujeito sentir-se atraído por alguém (alguma coisa), que o fará despertar para outros amores na busca – sempre fracassada – de encontrar esse tal objeto de satisfação perdido e que está ligado ao Outro, mais especificamente ao que do Outro se perdeu, já que “[...] é como desejo do Outro que o desejo do homem ganha forma” (LACAN, [1960]/1998f, p. 828).

Os vínculos, o amor (demanda), o gozo, a dependência do Outro e os cortes fazem parte do mundo neurótico, tanto dos meninos quanto das meninas. Esses acontecimentos linguageiros proporcionam a criação de desejos mais autênticos, possibilitam que a criança construa diferentes formas de existir no mundo e siga, na vida, buscando dar sentido ao sem sentido, amparada pela linguagem.

Cada sujeito encontrará um modo de existência, esteja ele do lado *todo fálico* ou *não-todo fálico* em sua realidade psíquica. E é do lado *não-todo fálico* que as ditas mulheres se encontram, do lado do gozo Outro, suplementar, que escapa à representação e que no corpo vai além. Nas imediações do irrepresentável, seus esforços estarão voltados para ser, para conseguir dar um nome a si mesma, admirando, rivalizando, aspirando ser uma mulher tal e qual aquela outra que, em sua fantasia, detém as chaves para o mistério do feminino: *Ela sabe como ser mulher! À mulher resta ser para que sua inexistência ganhe sentido*. Essa inexistência d(A) Mulher, elaborada pela teoria lacaniana, faz menção à impossibilidade desse “A” como artigo definido que possa designar o universal, pois a mulher não pode ser toda dita do lado fálico. Por não ter um significante que a defina, ela está relacionada ao significante do Outro, que, por sua vez, só pode existir enquanto barrado (A), marcando uma falta que possa fazer emergir no sujeito um desejo. Ou seja, a mulher faz relação com a falta de significante no Outro, que corresponde ao matema S(A). Portanto, como afirma Lacan (1973-2008, p. 79): “Esse A não pode se dizer. Nada pode se dizer da mulher”. “Não há mulher senão excluída pela natureza das coisas, que é a natureza das palavras” (LACAN, [1973]/2008b, p. 87). É nisso que ela é não-toda, pois, ainda que atravessada pela questão fálica, não pode ser explicada ou representada por ela, não de todo, porque do falo, ela vai além em seu gozo, um gozo Outro, “[...] sobre o qual talvez ela mesma não saiba nada a não ser que o experimenta” (LACAN, [1973]/2008c, p. 80). Ela é não toda dita. Ela diz dela, mas não diz tudo, porque, ainda que ela muito fale, algo dela escapa à representação da linguagem. Algo se excede, um gozo a mais, suplementar, que não lhe possibilita simbolização. Lacan apresenta o conceito de gozo para marcar a movimentação do sujeito entre o prazer e o desprazer.

O gozo, para a psicanálise lacaniana, é aquilo que se recusa, mas que retorna fazendo sintoma para dizer sobre algo que escapa à palavra. Segundo Lacan, o gozo é uma instância negativa que vive submetida às ordens do superego (LACAN, 1973/2008c). É um termo utilizado, em sua teoria, para fazer menção à impossibilidade, ao sem sentido e ao inesgotável, tal qual o *Tonel das Danaides* mencionado em seu seminário XVII, onde o autor aborda o gozo como aquilo que escoia e aquilo de que não se escapa, a não ser quando algo do real pode ser dito em uma análise e quando o analista, em sua função, pode ser capaz de suportar a escuta do gozo passado à palavra. É pela via da fala como um elemento material, concreto e

individual que algo da ordem do sentido pode ser inventado, que o sujeito falante e neurótico, com sua capacidade fantasística, pode dar ao sem sentido do gozo um destino através da palavra que se amontoa no corpo. De tal forma, o gozo é movimento, seja ele para a vida ou para a morte. Ao passo que traz sofrimento, também faz o sujeito caminhar: ele é causa de angústia, desejo e atos que escapam ao mundo do sentido. Portanto, há diferença entre o modo de gozo antes e depois de uma psicanálise: pode-se dizer que, depois de uma psicanálise, quando há uma análise, não se beira tanto a morte. Seguir essa linha de raciocínio em torno das questões que perpassam a lógica do significante, do falo, do Outro e das formas de gozo faz-se necessário para tratar da relação entre mãe e filha, porque, para a psicanálise lacaniana, a estruturação de uma filha dependerá desse Outro primordial que, antes de ser mãe, é uma mulher, estruturada por uma outra mãe que também foi banhada pela falta de representação. Duas mulheres que não sabem ao certo o que fazer com toda a súplica de amor que as circunda, por isso se amam e se ferem, se precisam juntas, mas também separadas.

2.3 A devastação na relação mãe-filha

Vida e morte também são termos pertinentes para se abordar a temática da dita mulher (filha de uma outra mulher), habitada por esse gozo Outro, indizível, suplementar. Aquele que a coloca do lado fálico, mas *não-todo* em sua modalidade de gozo. Que vai além do falo, que escapa à linguagem e, portanto, não faz coletivo, porque não há um significante que a defina. Não há algo que a identifique como tal e igual a uma mulher – exceto sua mãe, que também é insabida e a partir da qual precisará entender-se como outra, para além dela e, assim, conseguir ter uma voz à parte, com a autenticidade que lhe seja possível, tarefa bem difícil. E é nisso que a temática da morte se aproxima das questões sobre a mulher e a mãe, nas dependências de uma relação mãe-filha: quando não há espaço para serem duas, sem voz e sem movimento de desejo, há mais morte do que vida.

É preciso que a voz operante do Outro falhe a ponto de se formularem novas palavras em meio aos ecos. Por esses corpos femininos não terem algo que marque tão claramente suas diferenças, as sequelas em torno dos mal-entendidos de tal relação se perpetuarão, algumas com mais danos, outras com menos danos, mas dessa relação não sairão ilesas. Diferentemente do dito homem, que se apropria da função fálica para assegurar-se como homem na posição masculina, estando ele do

lado *todo fálico* em seu modo de gozar, onde uma mulher ou um homem pode representar o significante fálico que lhe é tão necessário. Do lado dessa relação entre mãe e filho, tem-se uma maior possibilidade de autonomia deste, já que, em seus corpos, há um significante que lhes apresenta a diferença, e que junto à lei do pai, quando inscrita, marcará mais tranquilamente tal separação.

Quando se discorre sobre maternidade, na psicanálise, também se discorre sobre o amor, seja em sua presença, em sua ausência ou em seu excesso. A construção do imaginário sobre a palavra amor ocupa tanto espaço com o ideal da beleza e do romantismo que escapa algo fundamental quanto ao seu emergir: o amor demanda amor, ele quer retorno e, quando olhado mais de perto, é possível ver as devastações originadas por ele (LACAN, 1973/2008c). Amor que não se reduz ao belo, mas que também faz menção à dor, porque nele moram desejos que estão sempre atravessados pelo Outro, marcando histórias que se repetem e deixam seus restos. Reminiscências que remontam às representações de tantas demandas outras, estabelecendo diversos tipos de relações, onde a linhagem do feminino e da maternidade segue rondando vida e morte, quietude e devastação.

Toda mãe carrega consigo sua marca de filha, e toda filha carrega consigo a marca de uma mãe. O estudo psicanalítico de Lacan segue enveredando na busca de compreender esses femininos que se chocam, se encontram, se desencontram e se hostilizam diante da ausência de representação de seus seres. De acordo com Zalcberg (2003, p. 128):

A criança, portanto, toca a causa do desejo da mãe porque desperta nela não apenas a mãe, mas, além disso, desperta nela a mulher, a mulher em falta. Significa que uma criança tanto se relaciona com sua mãe como com a mulher existindo nela.

A partir daí, ela se estrutura. A partir dessa relação seu feminino poderá ser criado, considerando a fundamental existência e atuação desse Outro em sua vida, bem como o modo como essa filha será capaz de ler ou não a falta dessa mãe. Todo ser falante alimentou-se da letra advinda do Outro. É nisso que Lacan encontra pauta para seu fundamento do inconsciente estruturado como linguagem: a língua do Outro. Língua que apaixona, aproxima, rompe e promove repetição, lá onde o in-sabido é via de ato. Não se trata de um não saber pelo que não se lembra, mas um não saber pelo que não pôde ser bem entendido, porque, mesmo que a linguagem se proponha a

dizer tudo, algo sempre escapará ao dito, fazendo da palavra via para a vida e para a morte.

Pode-se dizer, então, que a relação mãe-filha é mal-dita. Duas mulheres postas na vida a tamponarem suas faltas. Uma mulher que também é mãe e que levará adiante sua eterna necessidade de ser: ser vista, amada, ouvida, correspondida, porque toda demanda é um pedido de amor. Essa mulher faltosa amará e pedirá retorno desse amor, mas nessa troca algo de muito semelhante poderá levar ambas a uma vida de caos, por não conseguirem fundar a diferença diante da ausência de uma marca que possa explicar suas existências. A mãe é uma mulher que, por um período, estará preenchida e provará do mundo fálico como não houvera provado antes. Uma criança pode lhe dar essa possibilidade; o agravante é que, ao esvaziar-se, tendo uma menina em seus braços, tal qual um dia fora, maiores sacrifícios serão exigidos para que essa filha possa ser para além dela, bem como para que essa filha possa entender, da maneira menos devastadora possível, que sua criação de mulher se dará a partir da falta que sua mãe também experimenta e que em seu corpo levou adiante.

3 A MATERNIDADE SOB O EFEITO DA LINGUAGEM: A PSICANÁLISE E OS ESCRITOS LITERÁRIOS DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Lygia Fagundes Telles é reconhecida mundialmente como uma das principais contistas da língua portuguesa. A escritora é dona de uma narrativa inquietante, detalhista e, principalmente, dramática. Seu modo de escrita aproxima o leitor das verdades e fragilidades humanas. É uma paulistana que desde a adolescência decidiu-se pela criação literária, decisão que a levou para importantes premiações da literatura nacional e internacional. Tal reconhecimento se deu por produções como *Antes do baile verde* (1970 – Grande Prêmio Internacional Feminino para Estrangeiros na França), *As meninas* (1973 – importantes prêmios literários no Brasil, como Coelho Neto, Jabuti e Ficção da Associação Paulista de Críticos de Arte) e *Seminário dos ratos* (1977 – Prêmio da categoria do Pen Club do Brasil).

Em 1982, Lygia foi eleita para a cadeira 28 da Academia Paulista de Letras, e em 1987 tomou posse da cadeira 16 da Academia Brasileira de Letras, na vaga deixada por Pedro Calmon. Rodeada e admirada por amigos e escritores ilustres – Hilda Hilst, José Saramago, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade –, Lygia Fagundes Telles viveu ativamente no universo das palavras, deixando uma importante marca do feminino na literatura brasileira. Seus textos, como uma boa literatura, não se propõem a ensinar nada: eles iniciam e terminam sem que haja de fato um fim; com isso, Lygia dá ao leitor a possibilidade de utilizar seu imaginário e seguir com os personagens vivos (ou mortos), continuando suas histórias.

Uma das características dos contos de Lygia é a de recusar o alívio. [...] Não se aliviam os seres, não se alivia aquele que lê suas histórias. Ao fim dos contos, os dramas, uma vez eclodidos, não se resolvem, e aquele que lê terá de arcar ele mesmo com resolver internamente as questões suscitadas. (RESENDE, 2016, p. 60).

Ao concluir a leitura de seus textos, tem-se uma espécie de efeito produzido que pode ser representado por um “E agora? O que aconteceu com ele ou ela?”. A autora não conta: ela dá de presente ao leitor a chance de fazer parte da construção, de fazer laços com os personagens e aproximá-los de sua própria vida, fazendo-os caminhar a partir de sua compreensão sobre o mundo e as relações humanas. Em seus textos, é preciso que o leitor permita tornar-se um cúmplice (RESENDE, 2016). Sendo assim, a forma com que os personagens de Lygia são apresentados não dá

vazão para que suas condutas passem pela via do juízo de valor. A autora consegue produzir com as palavras um efeito de drama para todos: há sofrimentos, medos e incertezas escoando para todos os lados. Não há mocinhas/mocinhos e vilões entregues de pronto: seus personagens são demasiadamente humanos, por isso suas criações literárias são tão utilizadas para tratar – por meio da interlocução com outras áreas – de questões da vida humana. Pode-se lê-las como quem constrói ou quer construir sua própria história (RESENDE, 2016). Ficção e realidade do mundo fazendo ponte. Nisso a psicanálise acredita e disso ela é capaz de fazer bom uso.

A literatura trabalha com o retorcido, o sinuoso e não com as retas; tal qual a psicanálise, ela lida bem com a estranheza. Ambas acolhem os equívocos, os tropeços na palavra e as voltas que estruturam os livros e as histórias dos pacientes que chegam à análise. A psicanálise lida com os conteúdos inconscientes, com o capítulo censurado, onde parte da história do sujeito é marcada por um branco ou ocupada por uma mentira, e onde sua verdade, já escrita em outro lugar, pode ser resgatada (LACAN, 1998d). A conversa entre esses dois campos pode render importantes trabalhos, sejam eles literalmente escritos ou subjetivamente experienciados.

A literatura é hábil em adentrar temas difíceis de serem vistos de perto, a olho nu. Ela viabiliza, pelo jogo neurótico da fantasia, no uso da palavra, encontros dolorosos com histórias que tendem a retornar e transtornar a vida, afinal o mundo, os outros e o Eu passam pela caneta do escritor: são seus conteúdos humanos que fazem eco em sua escrita e, por conseguinte, encontram outros ecos, não iguais, mas identificados. “É o mundo das palavras que cria o mundo das coisas” (LACAN, 1998d, p. 277), e é o olhar do escritor sobre as coisas do mundo que o faz produzir um texto. Freud dizia que o poeta gosta de reduzir a distância entre o que lhe é singular e a essência humana em geral, acreditando que em cada um se esconde um poeta e que o último poeta morrerá com o último homem (FREUD, [1908]/2020).

De fato, apenas alguns conseguirão fazer emergir, na escrita, o seu poeta escondido; embora todos tenham seus romances e seus dramas particulares, nem todos são capazes de escrevê-los. A estes, para os quais a escrita não é uma condição possível, a leitura pode proporcionar encontros, refúgios e afagos. Em entrevista concedida aos *Cadernos de Literatura Brasileira*, Lygia Fagundes Telles (1998, p. 29) fala da aproximação entre ela e os personagens, pontuando que, durante a construção de um romance, chegava a confundi-los com seres da vida real,

momento em que se tornavam uma só matéria. Escritor, escrita e leitor, entrelaçados pelo uso e pelo efeito da palavra.

A literatura tem, em seu trajeto, modificações históricas, e seu desenvolvimento acompanha o percurso e o impacto da escrita no meio social. As épocas avançam, as eras se modificam, e os modos de escrever sofrem alterações em contraste com o funcionamento da sociedade. Os romances, que outrora descreviam mocinhos e bandidos e preocupavam-se com os finais felizes, no início do século XX passam a caracterizar-se por uma escrita mais realística, abordando conteúdos de cunho psicológico. A vida humana passa a estar mais próxima da ficção, e o belo não é mais prioritariamente objeto de fascínio para escritores e leitores. O cruel, a dor e a desonestidade tornam-se, também, via de escrita. Como afirma Reuter (2012, p. 24):

As personagens diversificam-se socialmente e desenvolvem-se através da textualização de traços físicos variados e de uma espessura psicológica à qual se acrescenta a possibilidade de transformar-se entre o começo e o final do romance. Mais realistas não cumprem apenas destinos heroicos, mas vivem, às vezes, existências miseráveis. Seus valores opõem-se de modo mais complexo. O narrador designa de modo menos maniqueísta os bons e os maus. De fato, a passagem a uma sociedade menos estática e menos hierarquizada, a emergência histórica da noção de indivíduo e os enfrentamentos de valores abriram possibilidades. (REUTER, 2012, p. 24).

A literatura de Lygia Fagundes Telles reflete tais modificações. Com sua narrativa realística e detalhista, a autora leva o leitor à cena, transportando-o para o contexto do romance ou do conto. Personagem e leitor seguem juntos no desenrolar da história. Lendo a vida pelo viés da ficção, as pessoas adentram seu próprio mundo, tocam em suas próprias dores e memórias. “A literatura, dando-nos personagens, dá-nos pessoas com as quais podemos ou não nos identificar; pessoas que podemos imitar ou refutar” (RESENDE, 2016, p. 29).

A criação literária, por sua estrutura letrada, concerne ao que do sujeito leitor se enuncia: ela abala o que pela fala – habitada pela linguagem – não pode ser de todo dito; ela faz sentir. A literatura e sua ambição de lituraterrear [*lituraterrire*], tal qual o sujeito em sua análise, deslizando da letra (*letter*) para o lixo (*litter*), acomoda os restos (LACAN, [1971]/2003e). Pode-se assim compreender, através da teoria lacaniana, que “[...] o sujeito é dividido pela linguagem como em toda parte, mas um de seus registros pode satisfazer-se com a referência à escrita, e o outro, com a fala” (LACAN, 2003e, p. 24). A fala e a escrita, como efeitos de linguagem, adentram o mundo humano, possibilitando aos seres que nele habitam estabelecerem laços e

suportarem o que de traumático os marcou e seguiu esquecido, fazendo desse traço primário apagado a rasura que o constituiu como sujeito. A rasura daquele que escreve é capaz de confluir-se à rasura daquele que o lê: um encontro de histórias que, na passagem à letra, tomam forma de um querer dizer, uma mensagem que chegou ao seu destino, estes sempre singulares. Por sua capacidade de abordar temas difíceis, próprios da vida humana, a literatura é cara para muitos. Sigmund Freud reconheceu sua importância e, desde o início da história da psicanálise, a literatura se fez presente. As questões vinculadas ao inconsciente seguiram próximas às criações artísticas, e esse entrelaçamento se tornou valioso e constante nas pesquisas psicanalíticas.

Os textos literários passaram a ser lidos sob os olhos da psicanálise, e os conceitos da teoria puderam ser investigados junto à poesia, aos contos e aos romances, tal como na presente pesquisa. Os dois contos de Lygia Fagundes Telles aqui mencionados, *A medalha* e *Uma branca sombra pálida*, condensam dramas da vida real e abordam sentimentos que causam estranheza por se tratar de histórias envolvendo mãe e filha. Ao mesmo tempo, conseguem apresentar a delicadeza que é própria da temática da devastação nessa relação. Os danos e os sofrimentos recaem sobre ambas: não há uma mensagem culposa apresentada nos contos, mas o relato em torno de um vínculo entre duas mulheres afetadas pela maternidade e pelo feminino. Mulheres que sofrem por não conseguirem separar-se, vivendo sobre os restos inconscientes oriundos de questionamentos que não alcançaram respostas.

Pelos ditos advindos das mães e por não conseguirem distanciar-se deles, as filhas caminham para destinos funestos; seus desejos estão completamente ligados às figuras maternas. Vida, dor, amor e morte: Lygia constrói seus textos contemplando a contradição, a dualidade. A autora entende que a vida precisa da morte para existir e dá a seus textos uma pitada generosa, tanto de uma quanto de outra. Como afirma Nilton Resende,

A sua ficção por todo o tempo tange a morte, [...] há, em Lygia Fagundes Telles, uma aposta, um risco inerente ao seu modo narrativo. [...] Ao escrever, ela permite a sua obra acercar-se da morte [...]. Mas se os textos nos dão a morte, o temor da morte nos dá os textos. (RESENDE, 2016, p. 62).

A vida humana está lançada em todos os escritos de Lygia: ela insere sutilmente o leitor – utilizando-se de uma linguagem fluida – em conteúdos sérios,

polêmicos e rotineiros. Em suas criações, a temática da morte, tão difícil de ser abordada, parece abraçar o leitor, dando-lhe a mão como quem convida a dar um passeio em meio às plantações de rosas, entre a beleza e os espinhos. Sua escrita, de aparência simples, “faz o texto ter sobre si o enganoso véu do banal, tecido por uma linguagem que não chama a atenção demasiada sobre si, tal modo ela se vale de construções sintático-lexicais próximas do cotidiano” (RESENDE, 2016, p. 51). Ao ler seus contos e romances, o leitor pode sentir o impacto de uma escrita que diz como quem nada pretende dizer.

A morte segue sendo retratada, não unicamente como aquela que encerra por completo a vida, mas como aquela que da vida vai tirando os pedaços, aos poucos: mortes em vida. Junto à temática da morte, uma outra se destaca em suas obras: o feminino. Lygia aborda as questões referentes ao ser mulher, à demasia de viver nesse lado da humanidade e o modo com que a cultura as acolhe e, principalmente, as tolhe. Há algo nas entrelinhas de seus escritos que inquieta, que toca em alguma coisa do feminino, que, ainda que escape à palavra, faz ruído, circulando o obscuro continente negro da sexualidade feminina que se mantém, em parte, inatingível pela palavra (ZALCBERG, 2003). Tomando seus textos palavra por palavra, é possível encontrar mulheres em suas excentricidades, vivenciando questões que lhes dão condições para sobreviver, morrer ou, considerando o sentido figurativo da palavra, renascer. Quantas, em seus textos, clamando amores, olhares e liberdade! Virgínia, Bruna, Otávia, Laura, Lorena, Lião, Ana Clara, Adriana, Gina... mulheres presas à imensidão de um universo que escapa à representação.

Histórias capazes de provocar suspiros e identificações. O vaso, as flores, o túmulo, o jardim, o rangir da escada, o miado: detalhes que montam perfeitamente uma cena e produzem diversos sentimentos no leitor. Imagem e som, escrita e música: Lygia sabe fazer arte, e sua arte cumpre bem a função que lhe cabe, levando ao rigor as consequências de um mal-entendido (LACAN, 1998d). Ainda que não seja possível interpretar os escritos literários pela via do escritor, é convidativo sentir enquanto leitor. Ainda que não se possa alcançar a interpretação do objeto da arte – pois o escritor não está no mesmo lugar do discurso que o analisando em sua experiência analítica –, a literatura se presta a uma análise, seja ela linguística, psicológica ou psicanalítica (CALDAS, 2007). A análise psicanalítica que esta pesquisa apresenta sobre os contos *A medalha* e *Uma branca sombra pálida* trata da relação de Adriana e Gina com suas respectivas mães, propondo-se como uma via de estudo capaz de enveredar no

complexo tema psicanalítico da devastação, compreendendo o desastre que ronda a relação entre elas.

A maternidade, no literal da fala e no avesso da escuta. A língua, escutada desde os primeiros momentos de vida, se estrutura na dimensão da materialidade da voz que vem do outro e na ranhura desconfigurada que seu som produz, sem deixar a especificidade de uma marca exata. Literal e litoral, língua e *alíngua* (*lalíngua* /*lalangue*). Lacan joga com tais palavras para falar da linguagem que atua no sujeito e dos tropeços que nela o sujeito dá. Para falar do significante, que sempre se antecipa ao sentido e que, adiante, dele desdobra sua dimensão (LACAN, [1957]/1998a). Os estudos de Lacan seguem tratando do real e do gozo, dando, ao fim de seu ensino, um novo olhar às suas elaborações iniciais sobre o Outro: antes, visto como o que antecedia o sujeito; mais à frente, como antecedido por ele. Há algo no sujeito que preexiste à criação simbólica do Outro, algo que faz vínculo com o campo do gozo próprio: o Um, como singularidade, o que leva Lacan à formulação do conceito de *alíngua*, que na materialidade da língua se aloja.

Alíngua ou *lalíngua* (*lalangue*) é aquilo que cai do “Outro desorganizado, caótico, portador de uma fala disjunta da estrutura da linguagem, que vale pelas ressonâncias e efeitos de gozo que provoca no corpo” (CALDAS, 2007, p. 54). Sobre os efeitos de *alíngua*, Lacan pontua:

A linguagem, sem dúvida, é feita de *alíngua*. Uma elocubração de saber sobre a *alíngua*. [...] *Alíngua* nos afeta primeiro por tudo que ela comporta como efeitos que são afetos. Se se pode dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, é no que os efeitos de *alíngua*, que já estão lá como saber, vão bem além de tudo que o ser que fala é suscetível de enunciar. (LACAN, 1973/2008e, p. 149).

Há uma comunicação entre inconsciente e *alíngua* pelo saber que ambos compartilham, saber este de que a linguagem não dá conta e que, no corpo, escapa sob a forma de gozo. Pela materialidade da fala e da escrita, as palavras podem simbolizar os significantes que, banhados pelo gozo, marcam o corpo, servindo de contorno para aquilo que escapa à literalidade, mas que marca um lugar entre terra e mar, na linha fronteira da divisão do sujeito do inconsciente. A mãe fala ao filho, e sua língua produz ecos que não têm garantias em sua dimensão: os ruídos e as ranhuras que ficarão dessas falas restarão como enigmas. A escuta atrapalhada faz das histórias humanas dilemas, amores e caos, e cada um terá que se haver com

isso. Alguns seguirão ferindo a si e àqueles com quem se relacionam; outros encontrarão meios de suportar tais ecos, seja escrevendo, pintando, trabalhando, amando ou, de forma mais aprofundada, em uma análise. Não há roteiro generalizado para lidar com a vida (ou com a morte): cada um criará seu percurso, uns com mais sucesso, outros nem tanto, e haverá aqueles que não terão sucesso nenhum.

Psicanálise e literatura, juntas, mostram que para viver é preciso inventar. A personagem Gina, do conto *Uma branca sombra pálida*, não conseguiu ir muito longe em sua criação: calou-se de vez, ainda jovem. Já Adriana, personagem do conto *A medalha*, prova da morte em vida, repetindo fracassos na tentativa de deles se esquivar. No que concerne às suas mães, em ambos os contos, estas transbordam sobre as filhas suas incógnitas de mulher, tornando-as prisioneiras de seus desejos devastadores. Dois lados que pelas semelhanças se encontram, e que pela intensidade das demandas e pelos desentendimentos dos ditos se chocam.

As filhas demandam às mães que lhes digam o que nem elas mesmas conseguiram entender sobre si, e no retorno quanto à solicitação de uma mãe inteira, no campo da neurose, o que do real se marca é uma mãe de que faltam pedaços, em imagem e símbolo. Herdeiras da incompletude e do não sabido, as mães de meninas seguem muitas vezes devastando os femininos que emergem diante delas por tocarem em seus obscuros mundos, que transbordam falta de resposta. Há um traço importante nos contos mencionados acima: neles, as filhas possuem nomes, enquanto as mães são apresentadas apenas como mães, ou seja, a maternidade está em jogo, e o caos dessa relação em evidência. É por meio desse lugar grandioso, de filhas que demandam incessantemente às mães e de mães que demandam incessantemente às filhas, que Lygia Fagundes Telles mostra não só o poder da palavra, mas o poder da palavra de uma mãe.

3.1 A medalha: os fracassos da maternidade e do feminino passados adiante

A medalha é um dos contos que fazem parte do livro *A estrutura da bolha de sabão* (1991), de Lygia Fagundes Telles. A narrativa apresenta a história de uma mãe/mulher que mantém com sua filha um relacionamento difícil, repleto de amargura e sofrimento. É possível perceber, ao lê-lo, quanta aflição há no vínculo entre Adriana e sua mãe, duas mulheres que se ferem durante todo o diálogo estabelecido no conto. Como é próprio da escrita de Lygia, os detalhes levam o leitor a identificar-se com um dos lados, mas é perceptível que as falas das personagens tomam forma de dor para

as duas: mãe e filha sofrem, retratando acontecimentos que, pela via da ficção, montam o conto, e pelo viés da realidade, na montagem da vida, camuflam suas verdades.

A história tem início com Adriana chegando de uma de suas noitadas com um homem que não é seu noivo, às vésperas de seu casamento. Ela sobe as escadas de casa na ponta dos pés para não chamar a atenção de sua mãe, que ainda a aguarda sozinha e acordada em sua cadeira de rodas. Ao ouvir o rangir dos degraus, chama-lhe aos gritos: “Adriana!” (TELLES, [1991]/2018, p. 265). Ela, tal qual uma criança rebelde, mas temerosa, vai ao seu encontro, sem que o contato ultrapasse a linha da porta do quarto. Nesse momento, ambas trocam farpas e se machucam com palavras, talvez por não conseguirem dizer, cada uma em seu lugar de mulher, sobre as suas próprias angústias. O quarto de sua mãe fica no andar superior da casa: de lá, através de sua janela, ela vê o mundo e a movimentação de Adriana. Uma mulher cadeirante que tem, entre ela e o mundo, uma escada pela qual não pode passar, um trajeto intermediário que denuncia a mulher que há em Adriana, trazendo à tona um feminino que “pisa” no insuportável dessa mãe, que também é uma mulher.

A palavra “escada”, como qualquer outra no texto, não surge por um acaso: ela tem nele uma função. A sexualidade de Adriana faz ruído no feminino da mãe desde sua adolescência, quando por volta dos quinze anos, na “escada”, ela fora flagrada com seu primo, por quem mantinha uma paixão. Já adulta, ela tira seu “sapato decotado, com fivela de pedrinhas verdes” (TELLES, 2018, p. 268), tão cheio de características femininas, e pisa nos degraus com a cautela de quem precisa passar despercebida, pulando aquele terceiro degrau que rangia. Ela conhecia a escada e o “radar” de sua mãe. Ainda que tentasse escapar do rangido, sua mãe estava atenta aos seus passos; mesmo estando despida de seus sapatos femininos, a escada denunciava suas noites de prazer como mulher, e isso sua mãe não podia suportar. Distanciadas e ao mesmo tempo aprisionadas, as duas seguem vivendo e repetindo solidão, cada uma a seu modo: do lado da mãe, o quarto com uma janela de vidro; do lado de Adriana, as esquinas com os inúmeros homens que sempre a abandonam.

Tudo se passa na madrugada. Adriana sai – o que aparenta ser algo corriqueiro –, enquanto a mãe a aguarda para tecer-lhe comentários a respeito de suas relações triviais com os homens, estando ela prestes a casar: “Precisava ser *também* na véspera do casamento? [...] Cadela. Já viu sua cara no espelho, já viu?” (TELLES, 2018, p. 265). Adriana está às vésperas do casamento, mas não fala de seu noivo, ou

melhor, do genro de sua mãe com muito afeto: fala dele enfaticamente, como uma via para agredi-la. Ainda casando, a filha segue presa à sua ligação com a mãe. Sabendo que os negros não são benquistos por ela, é com um que Adriana decide se casar.

Não deve ser mesmo muito agradável, concordo, um saco ter uma filha casada com um preto, ih! Que saco. Preto disfarçado mas preto. Já reparou nas unhas dele? No cabelo? Reparou, sim, você é tão esperta, um faro! Sou branca, tudo bem, mas meu sangue é podre. Então é o sangue dele que vai vigorar, entendeu? Seus netos vão sair moreninhos, aquela cor linda de brasileiro. (TELLES, 2018, p. 267).

Adriana percebe os traços do noivo e sabe do horror da mãe quanto às pessoas de cor preta. Ela sabe que é uma forma de machucar a outra, mas, no jogo de quem ofende mais, Adriana não machuca somente a mãe: machuca a si mesma, negando a si, inconscientemente, o direito de viver uma história diferente. Uma mulher com cabelos oxigenados – pintada com a cor que agrada a mãe –, falseando bigodes para mostrar-lhe que talvez tenha algo a lhe ofertar: é um corpo adulto cravado na infância, uma filha que se percebe estar perdida de seu desejo, amarrada a inúmeras tentativas de ter sua demanda correspondida pela mãe.

Passou a mão indolente pelos cabelos oxigenados de louro. Apanhou uma ponta mais comprida, levou-a até a cara e ficou brincando com o cabelo no lábio arregaçado.

- Olha só o meu bigode, mãe, agora eu tenho bigode!

Ao passo que do intenso e integral olhar de uma mãe é preciso se afastar, dele também se necessita para que uma existência possa ser construída, pois, se o sujeito tem lugar no desejo de sua primeira figura de amor, posteriormente ele será capaz, ao distanciar-se, de reviver com outros o sentimento – ainda que desconfigurado do de origem – de ser pertencente a algo ou alguém, sem que sua busca seja necessariamente um fracasso. Adriana não consegue separar-se de sua figura primordial porque, nessa maternidade insaciável, a mãe não cessa de lhe demandar, mantendo-a presa como seu objeto de gozo, lugar este sempre mortífero. Adriana é a filha que não lhe satisfaz, que está sempre confrontando-a, possivelmente como uma tentativa de resistir a essa objetificação, ainda que dela não escape. Sobre o desejo insaciável da mãe, Lacan afirma:

Esta mãe insaciável, insatisfeita, em torno de quem se constrói toda a escalada da criança no caminho do narcisismo, é alguém real, ela está ali e,

como todos os seres insaciados, ela procura o que devorar, *quaerens quem devoret*.² (LACAN, [1957]/1995c, p. 199).

Para que a criança escape ao devoramento da mãe, esta precisa direcionar a mira de seu desejo para um outro que a faça sentir-se, além de mãe, mulher. Se somente o seu lugar de mãe emerge, é a criança que receberá a incumbência de manter seu desejo sempre satisfeito: uma tarefa inalcançável, exaustiva e danosa para ambas. Seus cuidados amorosos necessitam passar pela via do limite para que seu gozo encontre substitutos e a relação siga para um futuro desligamento. A mãe precisa amar a criança a ponto de entendê-la como outra e permitir que, para além dela, ela seja um alguém. Isso só pode acontecer quando a figura da mãe, enquanto mulher, volta-se para um outro como objeto, pois é assim que se configura sua existência na dialética social.

Esse outro, para o qual a mãe/mulher se colocará na posição de objeto, é um terceiro que terá, na intensa relação desta com a filha, uma função fundamental. Esse terceiro termo é o pai, como presença de um “personagem, desejo ou rival”, que permitirá ou não que a filha se torne uma criança demandada (BROUSSE, 2004, tradução nossa). A mãe precisa ser interdita pela lei oriunda da metáfora paterna para que ela ame a criança, reconheça-a como tal, tome-a para si e, só posteriormente, depois de fazê-la provar dos sentimentos de zelo e amor, deixe-a ir, e para que, como mulher, também possa seguir. Inicialmente, objeto de desejo como filha; mais adiante, objeto de desejo como mulher: é experienciando o lugar de existência rudimentar para o Outro que a criança prosseguirá fazendo-se existir para alguém, porque assim, na vida, ela entende que há um lugar onde ela pode ser. O não reconhecimento no desejo do Outro tem, para o sujeito do inconsciente, valor de morte. Ainda que dele seja necessário afastar-se, é por meio dele que o sujeito configura sua existência.

No caso da menina, o desdém materno tende a custar ainda mais caro, já que, por não ter um significante que defina sua condição de mulher, ela necessita de uma figura a quem possa endereçar suas indagações em torno de um corpo marcado pela ausência de um símbolo capaz de defini-lo na coletividade, pois é a partir de um símbolo que a criança pode ser significada: um significante que, enquanto sujeito,

² *Quaerens quem devoret* - tradução do latim: “Procurando a quem devorar”.

possa fazê-la reconhecer-se (BROUSSE, 2004). Ainda que o retorno das indagações esteja fixado no campo da insatisfação, é preciso ao menos supor que haverá alguém que possa acolhê-las. De acordo com Colette Soler:

[...] a nocividade materna, da qual se faz tanto caso, divide-se entre dois pólos: a possessividade, muito comumente denunciada, e o abandono, percebido com menos frequência. Totalmente ocupada com o filho, ela faz dele seu refém fálico; em nada ocupada com ele, deixa-o sem recursos diante de seu poder de silêncio, um silêncio que não é de fala, mas de forclusão. (SOLER, 2005, p. 101).

No conto, Adriana está lançada a uma sequência de desamparos: o abandono de sua mãe, que a desqualifica na linhagem do feminino de sua família; a ausência do pai, já falecido; a fuga de Naldo, seu primo e primeiro amor adolescente, que a deixou sozinha na escada, entregue aos olhares de reprovação diante do flagra de sua primeira experiência sexual e amorosa. Esse texto fala de sexualidade feminina, de uma filha que na adolescência – como esperado – inicia suas vivências sexuais e de uma mãe que passa a reprimi-la quando isso vem à tona e entra em choque com suas próprias frustrações e inquietações de mulher, já que “há na mãe, do lado do desejo, um gozo desconhecido, feminino” (BROUSSE, 2004, p. 64). Adriana sai com vários homens, como quem busca incessantemente ser.

A personagem literária apresenta a realidade psíquica de uma filha devastada, que segue com os homens o caminho da devastação. Como afirma Marie-Helene Brousse (2004, p. 65): “Um homem devastação para uma mulher, é aquele que reaviva o sem-limite do gozo feminino não saturado pela função fálica”. Adriana é uma mulher devastada, apaixonada por um primo que a abandonou e que é mencionado no conto como um devasso, cheio de doenças sexualmente transmissíveis e, o mais importante, que não a protegeu. Desse primeiro amor – que no contexto parece não resolvido –, ela se lança para outras relações em que sua existência não se faz importante. Sabendo que nisso a filha fracassa, com isso a mãe goza.

Ah, me lembrei agora, era Naldo, não era? O nome daquele seu primo, o primeiro da lista. Nem quinze anos você tinha, Adriana, nem quinze anos e já se agarrando com ele na escada, emendada naquele devasso.

- Ele não era devasso. [...] E ele me amou.

- Amou... fugiu como um rato [...]. Fugiu como fugiram os outros, nenhum quis ficar, Adriana, nenhum. Vi dezenas deles, casados, divorciados, toda uma corja te apertando nas esquinas, detrás das portas, uma corja que nem dinheiro tinha para o hotel. Um por um, fugiram todos. (TELLES, 2018, p. 268).

Cada uma parece saber como causar dor na outra. O enredo segue com ambas buscando elementos que possam provocar entre elas desconforto e sofrimento. A mãe de Adriana insulta-a de forma consecutiva: uma perseguição violenta sob a materialidade da fala, que aponta a relação devastadora que as circunda. A autora traz, sob o formato da escrita, vivências traumáticas de femininos que não se correspondem, porque, no tocante à devastação, a troca fálica é impossível, uma vez que aquilo que deveria ter feito da mãe objeto na estrutura da troca escapa à lei simbólica. Isso faz com que esta permaneça “como Outro real, interpretada como Outro do gozo” e, assim, nessa relação, ela convoca ora a fusão impossível, ora a perseguição (BROUSSE, 2004). Nos desencontros entre ambas, é a ofensa que marca presença.

Duas mulheres que não conseguiram separar-se das histórias de suas mães, não conseguiram romper os laços que as sufocavam e que lhes usurpavam o direito de escolher suas próprias máscaras, em que ambas pudessem suportar a castração. Casamento, solidão e fracasso são pontos cruciais nesse conto e marcas profundas nessas mulheres. Adriana sabe que seu casamento será um fracasso, mas, como quem sobe a escada rolante do lado em que ela desce, permanece pisando no mesmo degrau, ou melhor, pulando o seu mais importante degrau: aquele em que seu feminino faz barulho. Pensando estar fugindo do destino funesto que circunda as mulheres de sua família materna por três gerações, Adriana segue colada a significantes que a mantêm no mesmo lugar: o de uma mulher que, no fim, é sempre abandonada, sozinha.

A repetição está nas entrelinhas do texto: o ordenamento das palavras coloca em vista histórias que se repetem, mulheres que carregam no pescoço os ruídos de uma linguagem materna que segue pendurada na corrente. Uma relação tão intensa e intrusiva, que a filha sente não ter direito à própria vida, como se a vida que a mãe lhe concedeu implicasse uma dívida que circula entre mãe e filha, dívida que se paga ou com seu próprio corpo ou com o corpo da criança que vier a ter, como uma tentativa desesperada de separar-se da mãe. Porém, essa dívida de gratidão não pode estar fixada no passado: precisa situar-se no futuro para que a filha não viva aprisionada à mãe e para que, de tal modo, seja possível a transmissão da vida (ZALCBURG, 2003). O conto traz, sutilmente, essa ligação que se estende à filha, à mãe e à mãe da mãe. O casamento de Adriana se conjuga a dois outros casamentos, o de sua avó e o de

sua mãe; quanto ao primeiro, nada se sabe, mas o segundo, o casamento de seus pais, toma destaque no texto por seu fracasso. Não há uma fala de apaixonamento e afetuosidade na menção feita à figura do marido falecido, o pai de Adriana. A filha o defende dos xingamentos feitos pela mãe, xingamentos estes que recaem sobre ela, já que, aos olhos da mãe, ela é o pai encarnado.

- Cínica. Igualzinha ao pai. Ele ia achar graça se te visse assim, aquele cínico.
 - Não fale do meu pai.
 - Falo! Um cínico, um vagabundo que vivia no meio de vagabundos, viciado em tudo quanto é porcaria. Você é igual, Adriana. O mesmo jeito esparramado de andar, a mesma cara desavergonhada... (TELLES, 2018, p. 266).

A figura do pai é passageira no conto, mas a menção a ele marca a importância de sua função no interdito do gozo da figura materna. A mãe permanece, intensamente, tentando fazer cair esse homem, esse nome, o Nome-do-Pai. Como afirma Brousse (2004, p. 61), na devastação o desejo da mãe “comporta uma zona obscura não saturada pelo Nome-do-Pai, e como tal sem limite definido”. A morte do pai de Adriana, certamente, escancarou a vulnerabilidade da filha mediante os atos devastadores de sua mãe. É a função simbólica do pai que interdita o desejo devastador da figura materna. “Para que o complexo de castração seja pelo sujeito verdadeiramente vivido, é preciso que o pai real jogue realmente o jogo. [...] que ele assuma sua função de pai castrador” (LACAN, [1957]/1995b, p. 374). Na fragilidade da inscrição do Nome-do-Pai, diante da ausência real do mesmo, Adriana segue em direção ao abismo, sempre prestes a dar sequência aos amores fracassados.

Ainda que pareça, por sua fala agressiva e hostil, manter-se distante da mãe, há aí uma forte e persistente ligação de quem almeja ser vista por ela. Seu primeiro choro no conto se dá quando a mãe esboça sua decepção por tê-la como filha. É nesse lugar que Adriana se coloca a todo tempo, em pé, na porta do quarto da mãe, como uma criança que em seu mundo amoroso não pôde entrar.

- Às vezes nem acredito. Uma filha assim, eu não acredito.
 A moça esfregou os olhos congestionados. O rímel das pestanas deixou nas pálpebras dois grossos aros de carvão.
 - Sou ótima, mãe. Uma ótima menina, é o que todo mundo diz. (TELLES, 2018, p. 266).

O infantil está em cena desde o início do conto, quando Adriana, mulher de idade adulta, sobe as escadas na ponta dos pés para não fazer barulho e acordar a

mãe, que não dorme a esperá-la. É como criança que ela responde ao seu chamado impositivo: “Adriana!”. É também como criança que ela permanece por um longo período parada, em pé na porta entreaberta, perguntando, por mais de uma vez, entre uma ofensa e outra: “Acabou mãe? Já posso ir dormir?” (TELLES, 2018, p. 265). De lá não sai, enquanto ela não lhe autoriza. Como afirma Colette Soler: “São as palavras da mãe, seus imperativos e seus comentários, que inscrevem na memória a voz, às vezes devastadora e persecutória, que o analisando evoca com tanta frequência” (SOLER, 2005, p. 99). Devastada em sua relação com a mãe e devastada em sua relação com os homens, Adriana segue repetindo a amargura dos amores que, mesmo na infelicidade, são levados ao altar, sob uma longa quilometragem de véu com o qual se tenta encobrir a castração, véu este em que se pinta a ausência e se instaura a relação a um mais-além, como “captura imaginária e lugar de desejo” (LACAN, [1957]/1995a, p. 158).

A infelicidade no amor parece uma condição para essas mulheres: elas levam à frente, cada uma a seu modo, a desgraça de não conseguirem inventar formas próprias e autorais de serem mulheres. Três mulheres e uma medalha; uma história entre mães e filhas cheia de mágoas e ressentimentos, presas não só pela medalha que passou de mãe para filha por três gerações, mas, principalmente, pelos desentendimentos das demandas que se lançam e se chocam intensamente. Ainda que Adriana devolva a medalha no pescoço de seu gato vagabundo, ela não deixa de caminhar para a morte, tal qual o gesto mortício que sua mãe faz em direção à janela pouco antes de entregar-lhe a medalha, desejando que ela enegreça em seu pescoço: “Fiz o que pude”. A frase encerra o duelo e aponta o inalcançável da compreensão sobre os atos, sobre uma maternidade desmedida e sobre o sofrimento e a solidão que se repetem em suas vidas.

3.2 *Uma branca sombra pálida*: quando a maternidade ronda a morte

Uma branca sombra pálida é um conto de narrativa forte que faz parte do livro *A noite escura e mais eu* (1995), de Lygia Fagundes Telles. Nele, a relação entre mãe e filha, novamente, toma destaque na história, mas desta vez a narradora é a mãe, e o cenário principal, um cemitério. Facilmente o leitor é transportado à cena e ao contexto, envolvendo-se no drama e na vida ficcional das personagens. Pela potência da criação literária, a relação desmedida entre mãe e filha é alcançada por meio da materialidade da escrita, no encontro com as palavras, deixando à flor da pele dilemas,

dores, amores e desamores que rodam o universo da mulher e da maternidade. A mãe, que no conto não tem nome, mantém com sua filha, a quem chamava de pequena Gina, uma relação conflituosa que se intensifica após a morte do pai da jovem.

A referência à filha como “pequena” (Gina) dá ao texto ainda mais substância para que o leitor perceba a onipotência dessa mãe: uma palavra que ora pode estar vinculada à diminuição, ora pode ser utilizada para enfatizar um ato de carinho, mas que, particularmente nesse enredo, vem potencializar uma relação em que não cabem duas mulheres. Para a mãe, Gina era pequena, e assim deveria continuar sendo. Tornando-a pequena, ela não precisaria ver um outro feminino surgindo à sua frente e continuaria conduzindo sua criança ao seu bel-prazer. Quando uma mãe coloca a criança como algo que faz parte do interior de seu próprio corpo, sendo incapaz de lhe dar um corpo imaginário, tomando-a como uma mera extensão do seu, ela condena a criança a um destino totalmente alienante, sem um corpo próprio; restará a essa criança, como função de vida, testemunhar a onipotência da função materna (ZALCBERG, 2003). Nessa narrativa, a incapacidade de uma mãe de reconhecer para além de si a existência de uma filha, com corpo e desejo próprios, fez dessa maternidade uma tragédia.

A história se passa em um cemitério, onde a mãe de Gina narra o contexto que desembocou na morte de sua filha. A forma com que as palavras são apresentadas no texto proporciona ao leitor a condição de sentir a raiva presente no relato dessa mãe e o conflito existente nessa relação devastadora. Mãe e filha presas uma à outra; uma totalidade que resulta em uma filha sem voz, com sua feminilidade devastada. Um gozo mortal, um sofrimento em vida para ambas. No conto, Gina é uma jovem de 20 anos que tem uma forte amizade com Oriana, algo que desencadeia em sua mãe intensos sentimentos de reprovação e desagrado. As duas amigas costumavam se divertir no quarto, enquanto a mãe, do lado de fora, fervilhava pensamentos sobre como a filha e sua amiga estariam se relacionando, deixando em suspenso uma possível relação amorosa entre elas. A juventude e a satisfação refletidas em ambas são retratadas com antipatia pela mãe, sendo perceptíveis, em sua fala, sentimentos de inveja e até mesmo de competição. Segundo Malvine Zalcborg, “a criança [...] toca a causa do desejo da mãe porque desperta nela não apenas a mãe, mas, além disso, desperta nela a mulher em falta. Significa que uma criança tanto se relaciona com sua mãe como com a mulher existindo nela” (ZALCBERG, 2003, p. 128). A mulher contida

na mãe de Gina não cessa sua voz imperativa: “Ou ela ou eu, você vai saber escolher, não vai?” (TELLES, 2018, p. 447) – ela se impõe na noite anterior ao suicídio da filha.

Toda menção à filha ocorre, no texto, de forma consideravelmente ríspida. Em algumas passagens, ela demonstra seu desconforto quanto à relação de proximidade que existia entre Gina e seu pai:

Minha filhinha de vidro, ele disse. O pai. Fumava cachimbo com aquele mesmo ar romântico com que Gina ouvia Chopin, mas eu sabia o que estava por detrás desse romantismo. (TELLES, 2018, p. 446).

O pai tinha uma função importante diante do gozo devastador dessa mãe, mas não foi suficiente para que o Nome-do-Pai pudesse ser instaurado e, assim, romper essa relação intensa separando a filha de sua mãe e possibilitando entre elas trocas simbólicas (ZALCBERG, 2003). Uma frase, no texto, mostra uma das tentativas desse pai de barrá-la: “Deixe a menina em paz” (TELLES, 2018, p. 447). O conto aponta toda a complexidade possível numa relação entre mãe e filha, dando destaque à nocividade que uma figura materna pode representar quando a metáfora paterna não se inscreve, restando ódio, hostilidade e sofrimento como pontos centrais. Um conto que fala de gozo, objeto, desejo: vida e morte.

O texto mostra a aproximação entre ficção e vida real; mostra como as relações podem ser complexas e como a maternidade está para além das flores. As flores surgem, nesse conto, considerando suas cores, como representação de uma sexualidade viva e ao mesmo tempo aplacada. Elas estão presentes durante todo o texto: as vermelhas marcando a sedução no relacionamento entre Gina e Oriana; as brancas, situadas como apagamento, morte. No cemitério, a mãe verbaliza intenso ódio ao ver as rosas vermelhas deixadas por Oriana para sua filha:

Você é suja! [...] me inclino diante da jarra das rosas vermelhas. Choveu, elas ficaram encharcadas. Depois veio o sol e as vermelhas se fartaram do calor, obscenas de tão abertas. (TELLES, 2018, p. 443).

As rosas são símbolos de sexualidade. Gina e Oriana tinham entre elas a vermelhidão, tão característica da paixão, representada nas rosas vermelhas que manifestavam seus sentimentos. A mãe de Gina entendia o que estava por trás daquelas rosas e, também, por detrás daquela porta, portanto, o vermelho presente nessa relação não lhe agradava nem um pouco, e, diante do insuportável de um

sexual que lhe tocava o próprio corpo, a mãe de Gina escondia seu feminino na ausência de uma cor viva. As expressões de amor ferido, emergidas no conto, oscilam entre vida e morte. Há momentos, no texto, em que a mãe observa a filha ainda viva em seu quarto, cuidando das rosas vermelhas que recebera de Oriana; olha para as rosas e também para a filha, com sua camisolinha curta e seus traços juvenis, transmitindo sentimentos de inveja, por não ser ela a dona daquele corpo jovem e daquelas rosas repletas de um desejo endereçado a uma outra mulher que não ela. Através da filha, a mãe experimenta muitas vertentes de sua própria sexualidade, manifestando-a na sexualidade da filha como retorno do recalçado (ZALCBERG, 2003). Seu incômodo com toda aquela vida e excitação acompanha-a até o caixão e o túmulo da pequena Gina:

Eu já tinha ocupado com as minhas rosas brancas quase a metade do caixão quando Oriana veio de novo com suas rosas vermelhas e teve um gesto tímido. Posso? [...] Seus olhos brilhavam em meio das lágrimas, tem olhos bonitos e quando sorri, chega a ficar bonita, enfim, essas coisas da juventude. Posso? [...] Consenti com um movimento de cabeça, está bem, deixasse suas rosas obscenas aí no caixão mas só da cintura para baixo, ventre, pernas, ô! filha, eu deixei escapar. (TELLES, 2018, p. 450).

Com toda sua beleza no jogo das palavras, a literatura possibilita à psicanálise estudar conceitos que, na realidade vivida, causam muita dor e sofrimento. Um desses conceitos, extremamente importante por marcar a especificidade da estruturação do sujeito feminino, é o conceito da devastação, que está no âmago do complexo de Édipo feminino. Um conceito que fala da relação primordial entre mãe e filha, em que a separação desses sujeitos se arrasta por muito tempo e, em alguns casos, por toda a vida. Marcando entre elas um excesso de gozo:

[...] a devastação, para uma mulher, constitui-se na relação com sua mãe, da qual espera receber mais substância do que do pai. [...] Essa substância, da qual a filha espera receber da mãe mais do que do pai, diz respeito à espera da menina de que sua mãe consiga lhe transmitir a feminilidade para conseguir responder à pergunta norteadora: "o que é ser uma mulher?". (FARIA; STARLING, 2019, p.159).

O que resulta dessa pergunta não é a resposta, mas a ausência dela. A mãe, enquanto uma mulher que também teve sua expectativa de resposta frustrada, fracassa na missão que pela filha lhe foi dada, dando sequência à corrente de um feminino em conflito com sua definição. Um corpo marcado pela falta de um

significante que o defina, dando à relação mãe-filha um fracasso mediante a resposta esperada sobre o que é ser uma mulher, restando a disputa de quem tem a melhor resposta. Uma maternidade capaz de destruir a feminilidade da filha, podendo haver um gozo dessa mãe por mantê-la como seu objeto. Nessa relação, os ditos destruidores do Outro se sobrepõem ao desejo do sujeito, seja sutilmente ou de forma mais direta e/ou impositiva, considerando que “o eu da criança repousa sobre a onipotência da mãe” (LACAN, 1995c, p. 197). Então, a filha vive nos arredores da mãe, sem que, inconscientemente, se depare com uma brecha para que seu feminino tenha lugar e “liberdade” de ser, mesmo que não encontre uma resposta exata diante das inúmeras definições sobre o que é ser uma mulher. “Apesar de a experiência feminina não poder ser transmitida, as mulheres a buscam constantemente” (ZALCBERG, 2003, p. 149). Cada uma, a seu modo, precisará encontrar uma saída. No conto de Lygia F. Telles, a *pequena Gina*, diante do impasse com a mãe, encontrou saída na morte: um corpo que, não podendo ser e falar, cessou sua existência e calou-se de vez.

As questões que rondam o feminino na relação mãe-filha, de Freud a Lacan, firmam-se na compreensão da essencialidade da relação primeira com a mãe, no que concerne ao futuro de uma mulher. Freud já afirmava que “[...] a problemática feminina não é, no fundo, outra coisa, senão o retorno inelutável da relação antiga com a mãe” (FREUD, 1996, p. 261). Essa relação primordial de cada sujeito com a sua mãe foi continuamente estudada por Lacan, agregando outras questões a essa temática. Lacan introduz o conceito de devastação em *O aturdido* ([1972]/2003g), quando se refere a esse aspecto da relação mãe-filha pela primeira vez. Ele também prossegue falando sobre a função materna no seminário 17, onde afirma a importância do papel e do desejo da mãe na constituição do sujeito. Segundo Lacan:

O papel da mãe é o desejo da mãe. É capital. O desejo da mãe não é algo que se possa suportar assim, que lhes seja indiferente. Carreia sempre estragos. Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão — a mãe é isso. Não se sabe o que lhe pode dar na telha, de estalo fechar a bocarra. O desejo da mãe é isso. (LACAN, 1992b, p. 118).

Ao devorar a filha, essa mãe impede que haja uma separação dolorosa, mas necessária, mantendo-a numa posição de “fetiche materno” (BROUSSE, 2004, p. 60). A devastação faz com que esse rompimento com a mãe seja sempre adiado, bem como o desejo do próprio sujeito, que estará sempre às voltas com o desejo desse

Outro. O conceito da devastação pode ser potencialmente observado no conto aqui referido. Nele, Gina clama por essa mãe: “[...] Mãezinha, mãezinha!...” (TELLES, 2018, p. 448). Mas essa súplica de amor parece ter fracassado até mesmo depois de sua morte.

Passei esses três meses tentando provar – a quem? – o quanto estava sofrendo e assim entrei numa voragem de pequenas obrigações, missas, roupas pretas, o capricho na escolha deste túmulo aparentemente modesto mas da melhor qualidade. Até que me veio de repente a indignação [...] chega, não foi isso que ela quis? Não foi? Então deve estar satisfeita, sua vontade foi cumprida. E se eu mesma me envolvi nessa espécie de polêmica com Oriana é porque estranhamente esses jogos florais me excitam. (TELLES, 2018, p. 445).

Além das flores, a música também tem um importante espaço no conto. Ela surge como um elo de afeto entre Gina e seu pai e, mais adiante, entre Gina e Oriana. E disso a mãe também não fazia parte: ficava de fora, questionando os gostos e fomentando intenso despeito sobre a excitação que aquelas músicas causavam nas relações das quais ela não participava diretamente. Uma música em especial marca o conto. Trata-se daquela que deu o título ao texto: *A whiter shade of pale* (Uma branca sombra pálida), cantada pela banda Procol Harum. Quando as jovens estavam no quarto, esse era o som que embalava os encontros entre as almofadas e o chão. Uma música profunda, que fala de paixão e despedida, de alegria e dor. Intensa e fantasmagórica, tal qual a relação de Gina com sua mãe: um fantasma que ela não conseguiu atravessar, mas por ele foi atravessada. Por essa música, três mulheres experienciavam diferentes sentimentos: Gina e Oriana dentro do quarto; a mãe, inconformada, do lado de fora. Isso é a música e seu poder de atingir o imperceptível de cada um. Como afirma Alain Didier-Weill:

[...] vocês já devem ter notado, que quando ocorre de a emoção musical nos invadir, que ela suscita dois movimentos, dois “estados de alma”, dos quais poderíamos provisoriamente dizer que realizam a conjugação de um estado de felicidade e outro de nostalgia psíquica. (DIDIER-WEILL, 2014, p. 41).

Diante disso, tem-se literatura e música para falar da vida, e tem-se a psicanálise para estudar tudo o que esses campos podem humanamente ofertar. O texto traz palavras que provocam impacto, que são capazes de suscitar sentimentos no leitor. Ficção que se assemelha a histórias da vida humana, e que pode fazer eco nos romances familiares de quem lê. Trabalhar textos como esse, lidos de diversas

maneiras, em que a partilha de dizeres pode tocar no singular de cada um, resulta em um rico manancial para a psicanálise. Fala, sujeitos de linguagem, literatura e escuta: isso faz texto e, também, pesquisa.

3.3 O encontro suportável da literatura com a vida

A literatura faz encontros com a vida constantemente: encontros agradáveis e também difíceis. O modo com que as criações literárias vão avançando junto à humanidade torna-as cada vez mais próximas das questões existenciais. Deparar-se com os dilemas humanos e sentir prazer em lê-los, pela forma com que são apresentados, é um suporte para a vida. Escritor e leitor se encontram nesse percurso. Ao escrever, o literato possibilita a si mesmo um amparo para o sem sentido que ronda sua existência; seu amparo escoia, generosamente e sem pretensão, para os sentidos que no mundo humano marcam os corpos. Como afirma Natalie Goldberg:

Escrever pode nos ensinar a dignidade de falar a verdade, e isso vai além do texto, se espalha por toda nossa vida. [...] O desafio é este: deixar que o texto nos ensine sobre a vida e que a vida nos ensine sobre o texto. (GOLDBERG, 2008, p. 156).

A depender da escrita, do jogo das palavras na narrativa, os leitores podem se ver nos personagens, ver suas histórias refletidas num enredo que encena a vida por entre as linhas de um conto, um romance ou uma crônica. Algo extrapola o texto e abala os corpos: algo desconhecido que flutua sobre as palavras e que faz o leitor colocar-se em cena, guiando-se por um personagem que, sutilmente, o convida a participar de sua aventura amorosa, seu drama ou sua tragédia. De acordo com Heloisa Caldas:

A literatura é uma escrita que se deposita fora do corpo, seja no papel ou na tela do computador. Mas ela só existe porque um corpo a escreveu, razão pela qual ela depende do que nesse corpo já era escrita. [...] É bem verdade também que, se a escrita morre ao se separar do corpo, revive ao alcançar o corpo do leitor [...]. (CALDAS, 2007, p. 59).

Pelo viés da psicanálise, o corpo, seja do leitor ou do escritor, amontoado de significantes, sente, se afeta, não enquanto corpo de carne e osso, mas enquanto uma conjuntura de dizeres que o marcam, fazendo estremecer algo que faz menção à sua verdade por meio de um corpo imaginário, montado pela função simbólica. Palavras que nesse âmbito não são analisadas por seu valor semântico, mas por seu efeito de

escuta, pois “o pensamento, o engajamento, a própria vida e, acima de tudo, a escrita são obras da linguagem” (KRISTEVA, 2019, p. 38).

A psicanálise lacaniana traz a concepção de que o ser, para se humanizar, precisa ser atravessado pela linguagem, linguagem esta que não representa a fala em si, mas aquilo que a faz emergir enquanto campo material, aquela que simboliza os significantes que constituem o sujeito e estruturam seu inconsciente. Pelo efeito originário do véu da humanização, o real do corpo torna-se um chamado a elevar-se, a erguer-se, marcando um corpo que não é apenas material, mas que pode ser imaterializado pelo enxerto do véu imaginário e da palavra, esta que, com seu poder criador, pode transgredir o código, deixando que apareçam significações inéditas (DIDIER-WEILL, 2014). É a palavra como símbolo que possibilita a representação das coisas do mundo e dos afetos oriundos da humanidade. É por meio dela que o escritor consegue aproximar a literatura da vida, não se atendo a limites e muito menos às margens (GOLDBERG, 2008). Ele convida o leitor a adentrar o mundo da ficção, lançando-o para o seu mundo interior e dando-lhe cobertura para que possa recostar-se diante das tempestades que encharcam sua realidade.

A dor, a morte, o trágico e o ódio se misturam ao amor, à sorte e à vida. Apresentando a instabilidade inerente ao universo humano, ao movimento que embala os romances da vida real, as criações literárias dão colo durante uma infância cruel, uma adolescência intensa ou uma vida adulta ferida. Elas são capazes de reconfigurar as histórias de amor despedaçadas; não resolvem a vida alheia – muitas vezes nem a dos personagens é resolvida –, mas são capazes de chacoalhar o que está adormecido. A literatura desperta sentidos, efeitos e desejos. Aqui, ela e a psicanálise dão as mãos. O trabalho de uma análise é despertar, no sujeito, a ética de não ceder de seu desejo, indicando que, pelo uso da palavra, a história de uma vida pode ser recontada, e o que dela se ouviu (mal ouviu), em parte, pode ser reeditado. “O psicanalisante é aquele que chega a realizar como alienação o seu ‘eu penso’, isto é, a descobrir a fantasia como motor da realidade psíquica, a do sujeito dividido” (LACAN, [1967]/2003d, p. 358).

O sujeito do inconsciente, dividido por sua estrutura de linguagem, converge para o que do texto escapa e emerge do real do escritor. É pela condição simbólica da escrita que o leitor pode aproximar-se de conteúdos profundos, através da vida dos personagens, porque, ao mesmo tempo em que fazem parte de um mundo ficcional,

eles falam com sua própria essencialidade. Diante de uma criação literária, pode-se dizer

[...] que não se lê o sentido comum da palavra. [...] Sempre há na escrita um aspecto elegível que, justamente por sê-lo, convoca à produção e ao ato. Esse aspecto é o real na palavra, que na fala oral se apresenta como o impossível de escutar. (CALDAS, 2007, p. 51).

Muitos contextos dolorosos podem ser abordados pela literalidade da palavra e tocados pela litoralidade da escuta, já que a “linguagem chama/convoca o litoral ao literal” (LACAN, 2003e, p. 19), abalando aquilo que parece estar em suspenso entre o óbvio e o esquecido. É pela via da palavra que o sujeito do inconsciente pode emergir no que o ser desconhece de sua própria verdade, em que o dito pode marcar presença naquilo que se diz. O sujeito do significante, atravessado por seu aparelho de gozo, se acopla a um corpo simbólico, dando-lhe imagem e possibilidade de existência. Há nesse corpo, para além da matéria, um sujeito que fala, que antecede aquele que escreve, pois

A escrita [*écriture*]³ é, no real, o ravinamento do significado, aquilo que choveu do semblante com aquilo que constitui o significante. A escrita não decalca este último, mas sim seus efeitos de língua, o que dele se forja por quem a fala. (LACAN, 2003e, p. 22).

Ainda que o texto não tenha a condição concreta de uma voz falada, há, no ato de ler, o encontro com um querer dizer do escritor que alcança o leitor e provoca-lhe afetos. Por mais que não seja possível analisar a vida do escritor por sua obra, pois o produto artístico existe independentemente dos aspectos psicobiográficos de seu criador (DIDIER-WEILL, 2014), o escritor trabalha para criar ou encontrar uma voz própria, que irá alcançar o leitor, fazendo-lhe apurar os ouvidos e prestar atenção (ALVAREZ, 2006). Nas palavras que cruzam o universo de quem escreve, a fantasia montada nas páginas, para ambos – escritor e leitor –, tem um querer dizer. A escrita é um suporte, seja no ato de produzir ou enquanto possibilidade de se ler o que foi produzido, porque a linguagem se conjuga ao mundo da fala e da escrita como símbolos capazes de bordejar o mundo dos significantes que antecedem o sujeito.

³ *Écriture*: Palavra francesa que significa “escrita”, enquanto conjunto de símbolos gráficos que podem representar fala e pensamento.

Sujeito este que, habitado pela linguagem, por ela se verbaliza e se configura em sua estrutura. Um ser falante, um *falasser*.

Os bons escritores não almejam mudar a vida de ninguém; não é essa a característica fundamental da literatura, por mais que, indo ao seu encontro, o leitor possa olhar determinadas questões e, quem sabe, atravessá-las. Os livros literários não se obrigam a tratar, curar ou ensinar: eles são portas para isso, mas não uma condição. É sabido que o escritor escreve para dizer algo a alguém, algo que muitas vezes ele nem percebe que disse, mas que causa impacto do lado de quem recebe. Imaginariamente, pode-se pensar a literatura como uma mão que se estende a ninguém, mas haverá sempre um alguém que nela se apoiará. Umberto Eco discorre sobre isso, no que ele chama de poder imaterial da literatura: aquilo que não deve servir para nada, um bem que “se consuma *gratia sui*⁴, por amor de si mesma – e que se leem por deleite, elevação espiritual, ampliação dos próprios conhecimentos, talvez por puro passatempo, sem que ninguém nos obrigue a fazê-lo (com exceção das obrigações escolares)” (ECO, 2003, p. 9). É na habilidade contida no texto, diante de um saber no ato de manejar as palavras, que a criação literária possibilita que, no duelo entre vida e morte, a vida esteja à frente, operante... suportável.

⁴ *Gratia sui*: expressão latina que representa um sentimento próprio, autoestima.

4 A LEITURA E A LITERATURA NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE: OS CLUBES DE LEITURA COMO FRUTO DESSE PERCURSO

Ao considerar o sujeito leitor como aquele que fez um trajeto em direção ao letramento, considera-se, também, o fato de que o fenômeno da leitura é algo que tem um marco inicial, um trajeto de desenvolvimento, e que está sempre em continuação. Sua representação se desloca com o passar dos tempos. No livro *A história da leitura*, de Steven Roger Fischer (2006), é possível encontrar esse percurso histórico, partindo das primeiras manifestações da leitura, desde seu uso em pedras, ossos, cascas de árvore, muros, monumentos, tabuletas, rolos de papiro, códices, livros, até as telas e os livros eletrônicos. Formas de ler que, ao emergirem, marcam sua importância para a sobrevivência humana nos determinados sistemas, nas diferentes épocas. A leitura é parte fundamental da história da humanidade, seja ela solitária ou partilhada.

É possível que o sujeito sinta prazer ao ler uma obra, que ela o tome para dentro, que o faça conversar com seus próprios pensamentos, mas também é muito comum mover-se, enquanto leitor, a partilhar a compreensão e o sentimento diante do lido. Segundo Burgos, Evans e Buch (1996, p. 6), “a presença efetiva desta relação entre o indivíduo e o coletivo, tanto no imaginário dos leitores como nas suas práticas, parece evidente – a maioria de nós pode testemunhar o duplo desejo de ler sozinho e de falar com outros”. Da leitura falada à silenciosa, da silenciosa à partilhada, o livro ganha espaço na sociedade como fundamento cultural. O que anteriormente parecia ter um fim único e objetivo, com o advento da literatura ganha uma variedade de possibilidades. Nesse contexto, diante de sua estrutura, que tanto se aproxima da realidade humana, paira o interesse da psicanálise, dentro e fora dos centros acadêmicos. Como afirma Barthes (2014), “é o papel da literatura representar ativamente à instituição científica aquilo que ela recusa, a saber, a soberania da linguagem”.

A literatura é uma janela pela qual se podem ver retratos da realidade, retratos estes que tomarão forma a partir dos olhos de cada leitor e da maneira como cada um será capturado pelo texto lido. Segundo Wood (2017, p. 13), “o real na ficção é sempre uma questão de crença – cabe a nós como leitores validar e confirmar”. Diante de toda compreensão – que há muito se discute – acerca da importância da literatura em torno da subjetividade humana, é sabido, também, que nos arredores da criação literária há um espaço muito fecundo para a psicanálise. Sigmund Freud inaugurou

essa conversação entre ambas por seu gosto pessoal pelas artes e pelas produções literárias, mas manteve seu interesse maior voltado para o artista/escritor. Enquanto seu senso investigativo buscava interpretar o artista pela arte, Jacques Lacan sela esse encontro – literatura e psicanálise – com o que há de mais valioso para ambas: a palavra e seu potencial linguageiro. É o que toca o corpo diante de uma leitura que faz com que se queira falar sobre ela, que faz pessoas se reunirem para trocar ideias em torno de um texto, um romance ou um conto. Seja só, seja com outros, a leitura move o imaginário e é capaz de tocar algo do indescritível de cada sujeito, fomentando nele o desejo de fala e partilha sobre aquilo que leu. Assim, do mundo do isolamento, saem leitores dispostos à partilha; surgem as leituras em grupo; os encontros para discuti-las; os clubes de leitura. Surgem os espaços onde a fala pode circular e fornecer à psicanálise substância para produzir estudos.

4.1 O surgimento da leitura e da literatura: os livros como fuga das amarras socioculturais

Os livros não marcam sua história no mundo de forma branda e acessível, isso porque ter acesso aos livros, desde seu surgimento, significava (e ainda significa) acessar o conhecimento e expandir o saber, algo nada interessante para as figuras de poder que, utilizando-se da ignorância, mantinham o povo sob sua posse – realidade que no mundo contemporâneo apresenta melhorias, mas que, ao mesmo tempo, carrega os restos operantes de uma forma de domínio através da restrição ao conhecimento.

O acesso à leitura inaugura seu percurso com muitas restrições. Sua disseminação se dá a partir dos países desenvolvidos (na região europeia), onde as produções eram destinadas ao público masculino e economicamente mais abastecido. O livro só se torna mais disponível para a massa quando seu processo de barateamento é iniciado. Com a descoberta do papel e o impacto da imprensa no meio social, o livro passa a ser uma realidade mais palpável para muitos que antes não conseguiam possuí-lo. O material que passou a ser impresso na Europa após os anos de 1760 possibilitou que uma atividade exclusivamente reservada para as elites pudesse alcançar, ainda que a passos lentos – em torno de 1850-1880 –, uma cultura de massa, inicialmente na Grã-Bretanha e na França e, posteriormente, no mundo em que vivemos (MOLLIER, 2008, p. 7). A leitura não era fomentada para todos, e, referindo-se ao Brasil, ainda não é, e demonstra estar distante de ser.

O Brasil, enquanto um país colonizado, tem sua história vinculada a Portugal. Os portugueses chegaram ao Brasil e apossaram-se de suas terras e de seu povo. Nada, no país, entrava ou saía sem o aval português, inclusive os livros. Diante dos interditos estipulados pela metrópole portuguesa, a população brasileira teve seu contato com os livros tolhido até a vinda da família real, em 1808, pois os portugueses temiam uma possível propagação de ideias políticas progressistas e revolucionárias, portanto a proibição dava-se, expressamente, sobre qualquer tipo de reprodução impressa, em todo o território nacional (EL FAR, 2006). Enquanto boa parte do mundo experimentava o poder da leitura em suas vidas, o Brasil era um dos países que seguiam reféns dos ditames autoritários da época. Nas décadas de 40 e 50, na França, já havia crianças se apropriando da leitura e da escrita.

Com o advento do papel, arte inventada na China e mantida em segredo por muitos séculos, a caligrafia floresceu no mundo (PUCHNER, 2019) e, entre a religião cristã e a ambição financeira de Gutenberg, as letras passaram a formar textos e emitir suas mensagens de forma acentuada no Ocidente. Gutenberg é conhecido mundialmente como o pai da imprensa: um alemão revolucionário que soube fazer uso do papel e da tinta, levando as letras escritas para uma cultura de massa. Seu nome de nascimento era Johannes Gensfleisch, mas, adotando a tradição da época, tomou como identidade o sobrenome referente à localidade em que sua família residia – Hof zum Gutenberg –, tornando-se, assim, conhecido pelo nome de Johannes Gutenberg. Gutenberg tinha ambição de mercado. As igrejas e o clero de poder uniram-se e, juntos, através do “livro mais importante de todos os tempos”, a Bíblia, apresentaram ao mundo “as novas tecnologias da escrita” (PUCHNER, 2019, p. 191).

A entrada da escrita no Brasil é um acontecimento tardio: o país recebia os ecos do mundo e ia reproduzindo. Sem ter acesso à informação, aos brasileiros restava concordar e seguir. O material impresso só passa a circular entre a população brasileira quando D. João VI se instala no país (Rio de Janeiro) e, junto com ele, a Biblioteca Real.

Fugindo das tropas de Napoleão, [...] D. João VI escolheu o Brasil como sede do Estado português. Com ele, todo o aparato administrativo e burocrático do governo [...] tomou o mesmo rumo, instaurando no Rio de Janeiro o terreno necessário para suas atividades. [...] fundou, no dia 13 de maio de 1808, a Imprensa Régia, a princípio com o único objetivo de divulgar “toda a Legislação e Papéis Diplomáticos” do serviço real. Poucos meses depois, [...] o governo português deu à Imprensa Régia [...] um uso mais difuso,

permitindo em seus prelos a passagem de textos literários e de conhecimentos gerais. (EL FAR, 2006, p. 15-16).

Possuir muitos livros era sinônimo de muito conhecimento e, com isso, de detenção de poder. A biblioteca trazida por D. João VI tinha este objetivo: mostrar seu poder intelectual sobre aqueles que não o possuíam. De tal modo, o movimento de restrição à leitura seguia: para que os livros pudessem entrar ou sair do país, precisavam ser autorizados, censura que só vai se dissolvendo com a Proclamação da Independência. Aos poucos, o que os demais países experienciavam a partir da leitura foi sendo possibilitado de forma mais permissível para alguns brasileiros, a depender de seu poder social e aquisitivo. Podia-se ler, mas para isso era preciso fazer parte de grupos específicos – homens ricos e/ou poderosos.

Ainda que a presença da família real não se vinculasse à benevolência e ao desejo de progresso para o povo, a vinda dessas figuras ao país, de forma indireta ou até mesmo pela persistência daqueles que, de um modo ou de outro, encontravam meios de se oporem às rédeas – fazendo com que o conhecimento do mundo chegasse ao país por meio das pequenas aberturas vindas da corte real portuguesa –, uma rachadura na crosta dura do poder pôde ser feita, e a disseminação dos conteúdos escritos chegou ao país. A família real trouxe com ela os livros e também uma fina fresta de liberdade. Os livros da Biblioteca Real foram deixados no Brasil mesmo após o retorno de D. João VI a Portugal, dando ao estado brasileiro do Rio de Janeiro a vasta e valiosa Biblioteca Nacional.

A escrita transferida para o papel e o hábito da leitura passam a fazer parte da rotina de uma parcela de cidadãos. Com o avanço dos tempos e a chegada das revoluções, a quebra de poder sobre o povo torna-se uma via de avanço. As reivindicações por direitos e o desejo de progresso abrem as portas para o mundo dos livros e, por conseguinte, da literatura.

Antes de 1838, o livro mantinha-se raro e caro, enquanto que, no início do século XX, passou a entrar em todos os lares – pelo menos tendencialmente. Em menos de setenta anos, graças à revolução nas estruturas escolares, à revolução da democracia, que afirmava a informação do cidadão, e à revolução que despertou o sistema editorial, [...] uma batalha foi ganha, a da articulação de massas aos princípios que regem a galáxia Gutenberg. (MOLLIER, 2008, p. 9).

Gutenberg disseminou a escrita no mundo por meio de seu senso inventivo e esperto. Pôs em funcionamento ideias já emergidas, fazendo-as funcionar a todo

vapor. Intensificou o mecanismo de fundição, criando mais de mil letras por dia: “letras produzidas em massa tornaram possível a produção em massa de livros” (PUCHNER, 2019, p. 186). Aos livretos feitos com letras de madeira, segue-se o aperfeiçoamento das impressões em papel e, assim, os livros caminham para uma produção ainda mais intensa. “O desenvolvimento do romance está estritamente ligado ao desenvolvimento da escrita, da diversificação de suas funções e da multiplicação de leitores (fora do círculo dos clérigos e das cortes) da Idade Média a nossos dias” (REUTER, 2012, p. 5). A literatura não só acompanhou o caminhar da escrita, como também, e principalmente, possibilitou que as letras tomassem forma de sentimentos e alcançassem ainda mais leitores, marcando ocorridos históricos e culturais de maneiras que o mundo jamais poderia esquecer.

Martin Puchner desdobra a história da literatura em quatro etapas: dos escribas ao uso do papel e da imprensa em meio à massa. A primeira das etapas refere-se ao grupo de escribas, que compilavam as histórias dos contadores e, sozinhos, dominavam o sistema de escrita; a segunda remete às contestações de professores como Buda, Sócrates e Jesus, que desenvolveram novos estilos de escrita; a terceira vincula-se ao surgimento de autores individuais mediante o acesso à escrita, criando novos tipos de romances; e a quarta destaca o uso generalizado do papel e da imprensa, que dá largada à era da produção e da alfabetização em massa, através de jornais, folhetos e de textos históricos importantes. Assim, tornou-se possível a criação de um mundo moldado pela literatura (PUCHNER, 2019, p. 19).

Civilização e literatura seguem, juntas, seu percurso de desenvolvimento. A humanidade descobre novas formas de conhecimento, prazer e evolução; descobre que a escrita por si só, sem sentimento, desejo, criatividade e interpretação, não é capaz de desbravar o mundo, nem de convocar novos desbravadores. A inventividade da escrita e a criatividade do escritor abraçam a mente e o coração do leitor. Por mais que o povo brasileiro tenha demorado a provar do saber e do sabor que o livro pode ofertar, boas sementes foram plantadas nesta terra. Grandes escritoras e escritores nasceram a partir do contato subversivo com a palavra; leitores que se tornaram escritores e que passaram adiante a liberdade e a paixão que podem resultar em literatura.

O mercado dos livros tem suas portas abertas no Brasil: novos escritores, editores e livreiros foram chegando ao país, colocando no papel e lançando às vendas a mistura de um povo que tardiamente conheceu o poder de um livro. O Brasil tem a

marca do abuso e do sofrimento nos entornos do universo do saber; a educação é sempre o grande calo do país, e o desinteresse pela leitura está evolutivamente marcando presença. De acordo com a quinta edição da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, fundamentada em dados do ano de 2019 e disponibilizada em 2021, houve uma redução no percentual de leitores entre 2015 e 2019. O Brasil continua com um patamar de quase 50% de não leitores, o que pode explicar por que, no *ranking* do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), o país está no 84º lugar, atrás de vários países da América Latina, tendo caído cinco posições entre 2018 e 2019 (FAILLA, 2021).

Para que o número de leitores aumente no país, é necessário que a educação seja uma prioridade. Que se descubram meios para que o conhecimento não seja um peso, mas uma saída. Que o encontro com a leitura aproxime e não que afaste as pessoas. A literatura, quando tomada por sua principal característica – envolver o leitor e levá-lo por alguns instantes para além das obrigаторiedades da vida –, pode ser um grande instrumento para formar leitores e, com isso, tirá-los da inércia que o desencontro com as palavras é capaz de proporcionar. Como muito bem referenciado na contracapa do livro *Retratos da leitura no Brasil*: “Um público comprometido com a leitura é crítico, rebelde, inquieto, pouco manipulável e não crê em lemas que alguns fazem passar por ideias” (LLOSA *apud* FAILLA, 2021). Não se pode pensar em reais avanços quando a maior parte da população não conhece sua própria história e não a tem a chance de provar do mundo por entre os livros.

A leitura é libertadora e promove o protagonismo no acesso ao conhecimento e à cultura. Ela transforma, informa, emociona e humaniza. Ela nos aproxima do que é humano em diferentes tempos, lugares, sentidos, culturas e sentimentos. (FAILLA, 2021, p. 22).

Ainda que a revolução escolar – com a inserção dos livros em meio aos alunos – tenha sido um passo de extrema importância para o desenvolvimento de leitores no país, o hábito da leitura não seguiu sendo cultivado na cultura brasileira. A literatura não marcou, nas escolas, o lugar que lhe é merecido: o de despertar o desejo de querer saber, de ler mais e mais para conhecer novas histórias ou, mais ainda, poder deparar-se com a sua, encontrar-se junto ao enredo e aos personagens. Os que beberam da criação literária, seja na escrita ou na leitura, tiveram a oportunidade de descobrir o poder arrebatador que a palavra pode ter. Por meio dos livros, lutas foram

levantadas e cessadas: a realidade foi posta em letras e colocada nas mãos dos cidadãos. Quebras importantes foram feitas na cultura. A literatura marcou resistência no tocante à liberdade. Por mais que o texto literário não se proponha a uma causa, a literatura é um convite à diferença. Segundo Frei Betto, a literatura

Dá voz a quem foi silenciado. Dá vida a quem morreu assassinado. Não nasce da encomenda do poder, e sim do grito parado no ar, da garganta sufocada, do sentimento reprimido, da oceânica vocação humana à liberdade. É literalmente uma escrita subversiva, que corre "por baixo" e projeta luz crítica sobre o que se passa "por cima". (BETTO, 2017, p. 98).

A palavra, a depender de seu uso, é capaz de controlar situações e pessoas: ela faz massa, protesto, paz ou violência... ela é revolucionária. Sem o impacto da literatura no mundo, possivelmente os livros não teriam alcançado crianças e mulheres; o patriarcado seguiria de vento em popa, e a humanidade desconheceria a potência que uma escrita feminina pode ter no uso criativo das palavras. O desejo das mulheres e suas vidas em sociedade puderam ser retratados por vozes femininas, que romperam paradigmas e estabeleceram lugares novos no meio social. As mulheres não só puderam ler: elas puderam escrever! De acordo com Reuter:

O romance também tirará proveito de sua aptidão para apropriar-se dos novos valores ligados às mudanças sociais. Aparece como gênero da *liberdade*, escapando à submissão às antigas regras e permitindo a *inovação* formal ou temática. (REUTER, 2012, p. 11).

A liberdade sempre foi algo temido pelas figuras de poder, das épocas mais antigas aos dias atuais. Deixar que as emoções corram, que os pensamentos fluam, que o corpo sinta, do prazer ao desprazer, é não poder mais ludibriar as pessoas como mera estratégia para ganhos, e isso é muito ameaçador para quem necessita manter-se no domínio. Os seres humanos são seres de histórias, as quais as letras puderam simbolizar. Diversos líderes, nas mais variadas épocas, perceberam e usufruíram disso. Através da palavra, ata-se e desata-se, dá-se ou tira-se um sentido. A literatura é boa na arte de dar sentido ao sem sentido, e é fundamental para expressar sentimentos, pensamentos e ideias reprimidas. Aproximar-se da literatura é estabelecer novas afinidades com as palavras, aquelas que outrora eram limitadoras; no contato com uma envolvente narrativa, são convites para dar uma bela e excitante volta ao mundo.

4.2 Os modos de leitura: antes do silêncio vieram as vozes e os grupos

A leitura solitária não foi um advento primário: para que pudesse se tornar um hábito, o ato de ler precisou passar primeiro pelas vozes dos poucos que dominavam a leitura; posteriormente, com o avanço da escrita e da produção de livros, aqueles que sabiam ler atraíam e formavam determinados grupos de não leitores que também gostariam de adentrar o mundo das palavras. Historicamente, a leitura em voz alta inaugura e fomenta o universo dos leitores; o silêncio no ato de ler só se torna usual, no Ocidente, em meados do século X (MANGUEL, 2004).

De acordo com Alberto Manguel, os monges tinham um espaço reservado, nos mosteiros da era medieval, para que pudessem escrever e ler silenciosamente determinados textos, lugar chamado de *Scriptorium*, onde a leitura silenciosa tornou-se uma norma (MANGUEL, 2004). Esses registros anteriores da leitura silenciosa eram restritos apenas a alguns escribas do ambiente sacerdotal. Para o mundo além dos muros dos mosteiros, essa atividade era desconhecida e levou um tempo considerável para alcançar a população. Ou seja, o movimento da leitura no meio social, caracterizado pelo modo individual e silencioso, só emerge de forma naturalizada após um longo processo voltado à escrita e à leitura na civilização, quando os livros se tornam uma realidade cada vez mais possível para um maior número de pessoas.

Ainda que o contato introspectivo com a leitura seja datado de séculos muito anteriores, a leitura em voz alta seguiu marcando sua importância e função por muito tempo. Inicialmente, ler em voz alta era uma forma de compreender o que estava escrito nos respectivos textos, pois “as palavras escritas, desde os tempos das primeiras tabuletas sumérias, destinavam-se a ser pronunciadas em voz alta, uma vez que os signos traziam implícito, como se fosse sua alma, um som particular” (MANGUEL, 2004, p. 28). Mais adiante, o costume de ler em voz alta se estendeu a grupos, nos quais quem sabia ler partilhava as palavras escritas que conhecia. Somente quando a fala pôde ser registrada por símbolos a escrita se tornou uma possibilidade e, portanto, surgiram aqueles capazes de decifrá-la e apresentá-la ao mundo, como uma via importante de comunicação entre o homem, a história e o universo. Segundo Alberto Manguel (2004), a prática da leitura em grupo tem registros datados de séculos anteriores. Uma prática trazida dos tempos do Império Romano. A leitura feita em voz alta, não solitária, já marcava presença e propósito entre os séculos XIV e XV, fosse nos grupos de amigos e familiares, nas cortes durante os

jantares, como diversão criativa, ou até mesmo no grupo de mulheres, que, no século XV, reunia-se para fiar e conversar sobre as desonras dirigidas a elas, escritas pelos homens da época. Essas reuniões resultaram na criação de uma espécie de grupo de leitura denominado “*Avant la lettre*”⁵. Nesse grupo, um velho letrado tomava nota do que liam e comentavam sobre a feminilidade em que elas acreditavam, e que queriam reter como memória (MANGUEL, 2004). Nesses espaços, as leituras já ocorriam com outras finalidades que estavam para além da ideia de um ensino-aprendizado. Entre escrita, leitura, evolução e revolução, as palavras seguem modificando pensamentos, quebrando padrões já estabelecidos e ofertando, para muitos, meios inéditos de expressarem sentimentos perante as questões da vida.

Até boa parte da Idade Média, os escritores supunham que seus leitores iriam escutar, em vez de simplesmente ver o texto, tal como eles pronunciavam em voz alta as palavras à medida que as compunham. Uma vez que, em termos comparativos, poucas pessoas sabiam ler, as leituras públicas eram comuns e os textos medievais repetidamente apelavam à audiência para que “prestasse ouvidos” à história. (MANGUEL, 2004, p. 29).

Considerando que o acesso aos livros e ao letramento era restrito nos séculos passados, tanto porque, a princípio, os livros eram muito caros, quanto porque o ensino da escrita e da leitura não era permitido para todos – as mulheres, as crianças e os negros, por exemplo, por muito tempo não puderam ter acesso ao estudo –, raras eram as pessoas que antes do século XVIII tinham livros ao seu dispor. As mulheres e as crianças eram vistas como seres não pensantes, e, por um longo período na história, se afirmava que, para elas, os livros não teriam função. De acordo com Mollier (2008, p. 15), “a mulher, assim como a criança e o povo, foi uma das maiores vítimas de sujeição do século XIX”.

À medida que a escrita no papel foi sendo possibilitada e distribuída no mundo, a civilização foi avançando. O processo de alfabetização foi sendo considerado e seguiu englobando, a passos muito lentos, a população mais geral, inicialmente voltada para os meninos e, posteriormente, para as meninas. Ainda assim, mesmo depois da independência do Brasil, a escolarização das crianças e o ensino disseminado entre a população não seguiram obrigatórios, ficando estabelecida a sua obrigatoriedade depois dos anos de 1870, com a reforma do ensino proposta pelo imperador Dom Pedro II, momento em que o mercado editorial disparou com as obras

⁵ *Avant la lettre*: expressão francesa que significa “antes da letra”.

didáticas e, em seguida, com os livros de leitura, as seletas ou antologias (LAJOLO; ZILBERMAN, 2019). Entre os séculos XIX e XX, os livros vão se aproximando e transformando a humanidade sob grande impacto: das formalidades educacionais, com os dicionários e as enciclopédias, à satisfação durante um período de lazer, através dos variados tipos de romances. Todo esse avanço em torno da leitura – que seguiu adentrando as salas de aula, as bibliotecas públicas e privadas, as salas e os quartos das casas, onde cada um podia ter em suas mãos um livro para chamar de seu – foi precedido pela leitura compartilhada. Os textos circularam o mundo, primeiramente, pelas vozes em meio aos grupos.

Em seu livro *Círculos de leitura e letramento literário*, Cosson (2014) retrata a antiga prática da leitura compartilhada utilizando o relato de José de Alencar publicado no ano de 1873, quando o escritor contou, em sua biografia, que sua função em casa era ler para sua mãe as correspondências, os jornais e os romances. A leitura dos romances reunia, além de sua mãe, a tia e as amigas, e o momento contava com pausas para externalização de sentimentos a partir da história lida/ouvida, inclusive choro e riso. As reuniões em praça pública, os encontros às escondidas dos leitores curiosos, as trocas de saberes entre os leitores burgueses, marcaram o acontecimento das leituras compartilhadas há muito tempo já existentes. Antes de a história virar texto, ela era voz. Os fatos e os ocorridos foram narrados, e só posteriormente escritos, primeiro pelos escribas, depois pela imprensa e pelos editores. O século XX traz, junto com ele, o pensamento de que vale lutar pelo direito ao conhecimento e à liberdade.

Com toda a mudança social que emergiu no decorrer dos séculos XIX e XX, as ruas, as praças, os cafés e os lares puderam dar voz e imaginação aos contos infantis, às poesias e aos diversos tipos de romance. A imprensa, com sua força de mercado, introduz nos jornais histórias em cuja leitura o povo sentirá prazer, e, no contexto do mundo, tinta e papel caminham para que a literatura apresente à humanidade sua valiosa contribuição: as palavras como subversão. Através da literatura, a leitura pôde ser apresentada como um novo modo de sentir as palavras. Leitura como lazer e satisfação, passando a fazer parte da vida como algo necessário. Quanto mais livros, mais leitores; quanto mais leitores, mais diversificados se tornam os modos de ler. Portanto, os livros foram se tornando uma possibilidade real, e os leitores puderam, individualmente, experimentar o “silêncio” durante uma leitura.

[...] com a leitura silenciosa, o leitor podia ao menos estabelecer uma relação sem restrições com o livro e as palavras. As palavras não precisavam mais ocupar o tempo exigido para pronunciá-las. Podiam existir em um espaço interior, passando rapidamente ou apenas se insinuando plenamente decifradas ou ditas pela metade, enquanto os pensamentos do leitor as inspecionavam à vontade [...]. (MANGUEL, 2004, p. 69).

A leitura tornava-se ainda mais pessoal: os pensamentos e as reações só podiam ser percebidos pelo próprio leitor. Aos poucos, as pessoas estavam distribuídas nas cidades com seus livros em mãos, dentro dos transportes públicos, nos bancos das praças, nos cômodos da casa, lendo e vivendo cada história que os livros poderiam lhes proporcionar. O ato de ler sozinho marcou o avanço da liberdade diante das amarras que as figuras de poder lançavam sobre a população: não se podia mais controlar os pensamentos e os sentimentos diante do que era lido. A leitura solitária dos textos literários apresentou, de maneira ainda mais profunda, as sensações que um corpo pode experimentar diante de um texto. O hábito de ler tornou-se cada vez mais constante, a ponto de o leitor vivenciar de maneira introspectiva uma leitura e sentir-se movido a partilhá-la em grupo. O costume histórico retoma sua força na contemporaneidade e, em meio aos grupos, a literatura segue acolhendo as singularidades. Em pleno século XXI, as pessoas se reúnem em torno de um livro para partilharem suas histórias e os sentimentos que emergem diante delas. Os clubes de leitura expressam a potência que há na literatura.

4.3 Os clubes de leitura e sua evolução na contemporaneidade

A denominação dos clubes de leitura, bem como sua formação a partir desse reconhecimento, é um movimento mais próximo da atualidade. Os grupos de leitores, como visto até aqui, fazem parte do desenvolvimento histórico da leitura e da literatura em meio à civilização, eclodindo, inicialmente, nos países europeus e, mais adiante, nos demais continentes. Eles surgem, inicialmente, com a função de distração e entretenimento, e depois vão ganhando outras finalidades. A propagação desses clubes/grupos muito deve à imprensa escrita e, mais recentemente, à mídia digital. O seu crescimento, dentro de uma perspectiva de leitura livre e participativa, tem sido considerado em várias outras culturas. Os estudos científicos sobre o hábito da leitura vêm galgando espaços no universo das importâncias culturais, sociais, acadêmicas e também pessoais. Buscando delinear quão fundamental é inserir essa prática na vida dos sujeitos, os estudiosos dessa temática discorrem, em suas investigações, sobre

atos que contemplam o hábito da leitura, desde os povos antigos até os atuais, no intento de tornar tal acontecimento ainda mais recorrente na sociedade e presente nas discussões acadêmicas. A leitura compartilhada é uma dessas vias exploratórias. Como afirmam Fioreto e Peres (2018):

Há a preocupação com a formação de leitores literários e o fomento da leitura literária na universidade e na comunidade com a finalidade de integrar, por meio do texto literário como patrimônio cultural, a universidade e a comunidade [...], na tentativa de distanciar fatores acadêmicos e alimentar a todos com partilhas de experiências de leituras e sentimentos.

Assim nascem formas de ler em grupo que, com o passar dos tempos, recebem denominações diferentes em suas diversas manifestações, dentro e fora da escola: círculo de leitura, clube do livro ou clube de leitura (COSSON, 2014, p. 131). Pessoas reunidas para ler, ouvir e falar sobre o que leram. Do conhecimento ao prazer, a leitura – o universo intelectual – vem ganhando notoriedade através dos clubes. Segundo Almeida (2019, p. 14), “os clubes subvertem a ordem de uma sociedade que está acostumada à ideia de palco-plateia, propondo a troca de ideias”. No momento presente, é possível deparar-se com um leque de pluralidades no que diz respeito aos estilos e objetivos dos clubes de leitura. Eles podem ser estruturados a partir de uma série de direcionamentos. Leitura não apenas como aprendizado, mas com outros propósitos que os clubes vêm demonstrando abraçar. De acordo com Sardi (2015, p. 19, tradução nossa):

Os clubes de leitura são um convite para compartilhar nossas ideias e percepções, onde nossa visão pessoal de leitura e a diferença é encorajada. É por isso que um clube do livro pode ser formado por pessoas diversas e heterogêneas, que compartilham o gosto para determinadas leituras, com a generosa capacidade de tolerar percepções de outras pessoas no mesmo texto.

Para Veroneze, Javarez e Nadal (2019, p. 317), os clubes de leitura apresentam uma experiência da leitura como uma atividade de socialização: o que antes era uma atividade individual, introspectiva, silenciosa, nos clubes de leitura torna-se atividade em grupo. Trata-se de um espaço onde todos podem participar, e a opinião de todos sobre o texto é relevante. Não há uma única leitura sobre um texto: nos clubes, não se tem uma verdade sobre o que o livro/autor(a) quis dizer; existem olhares e modos de ler, que são levados em conta na partilha. Um clube de leitura literária é movido pela satisfação de ler, pelo prazer de estar diante dos livros, das

palavras. De acordo com Carreño (2015, p. 41, tradução nossa), “[...] a rigor, para o nascimento de um clube de leitura não é preciso mais do que a vontade do encontro regular com um grupo de leitores que pretendem expressar e receber as opiniões expressas em uma ou mais leituras [...]”.

Com o advento da tecnologia cada vez mais forte, as telas foram se revestindo com algo mais aconchegante, e os encontros à distância foram ganhando outros significados. Atualmente, muitos clubes funcionam exclusivamente *on-line*, reunindo pessoas de várias regiões, motivadas pelo prazer de ler. Veroneze, Javarez e Nadal (2019) pontuam que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), enquanto recursos informacionais, podem ser trabalhadas de maneira lúdica e interativa, mesmo havendo distância física entre os envolvidos. Os clubes de leitura vêm apresentando variadas potencialidades para sua realização, pois são múltiplos em suas possibilidades de espaços, perspectivas e mediações. Os clubes de leitura podem funcionar tanto a partir de uma perspectiva livre quanto de algo mais específico. Podem estar abertos a qualquer público ou delimitá-lo. Podem selecionar os textos a serem lidos/discutidos de forma aleatória, ou optarem por seguir um gênero literário específico ou um determinado autor(a), ou ainda ler apenas obras escritas por mulheres, literatura negra ou LGBTQIA+. Esses são os clubes de leitura abertos e/ou temáticos. Quanto aos clubes abertos, Carreño afirma:

Um clube de leitura aberto é aquele em que não encontramos filtros de gênero, nem temáticos, nem específicos. É o clube de leitura por excelência, a reunião regular de um grupo de leitores para discutir uma leitura anterior, e essa leitura pode ser qualquer leitura [...]. (CARREÑO, 2015, p. 58, tradução nossa).

Esse estilo visa reunir leitores que se posicionam de maneira mais eclética no mundo da literatura. Já no que se refere aos clubes temáticos, Carreño (2015) pontua que se trata de clubes cuja trajetória de leituras segue um gênero literário, uma literatura nacional ou clássicos. Entre liberdade e especificidade, os clubes vigoram a leitura por prazer. Aquela que é capaz de deixar saudade quando o conteúdo de um livro chega ao fim, deixando, assim, a certeza de que a literatura é muito mais que uma disciplina: é um encontro com variados mundos e culturas. É uma via capaz de proporcionar conhecimentos sobre as questões que atravessam a humanidade, e, quando levada para um grupo disposto a explorar o potencial de uma narrativa,

também é capaz de ensinar sobre as relações, os laços sociais, a tolerância e o respeito pela palavra do outro.

Independentemente de seus estilos, os clubes de leitura funcionam a partir da intervenção de um mediador. Sendo assim, os encontros podem ser conduzidos por uma ou mais pessoas que compõem o grupo. Geralmente são os idealizadores do projeto, mas também podem ser escolhidos no decorrer dos encontros. Eles têm a incumbência de movimentar e direcionar as discussões em torno do texto escolhido, sem ocultar as vozes dos participantes. De acordo com Souza (2018, p. 682), “um mediador se apresenta como um elemento para facilitar e incentivar a interação de forma dirigida”. Cada clube terá seu próprio modelo de mediação, e é a partir desse modelo que será dado seu funcionamento. Segundo Petit (2009), os mediadores propõem uma interpretação: eles levam uma obra, sugerem outra, e seguem percebendo as reações dos participantes. Os clubes, representados por seus participantes e mediadores, exprimem as palavras que são sentidas no corpo mediante o contato com um enredo; acolhem os olhares identificados com as histórias, simbolizando um espaço em que a literatura pode ser apresentada como porta para muitas das questões existentes na vida.

4.4 Os clubes de leitura como espaços de fala e produção de pesquisa psicanalítica

Diante do que já foi apresentado no desenvolvimento deste trabalho, é possível compreender que a literatura é uma via de encontro com as palavras, e as pessoas que dela se utilizam podem vivenciar inúmeras experiências, individuais ou coletivas. Isso é o que geralmente pode ser encontrado nos clubes de leitura: textos, falas, pessoas e expressões humanas. Uma conjuntura que toca na singularidade de cada ser, que convoca o um à coletividade e que oferta à psicanálise um cenário valioso para o avanço de sua teoria. A psicanálise, enquanto teoria e técnica, é uma via para tratar das questões humanas, utilizando-se dos efeitos da palavra no que se refere ao sujeito do inconsciente, buscando escutar o que dele se enuncia, interrogando “o dizer que fica esquecido por trás do dito” (LACAN, 2003g, p. 450).

Toda compreensão alcançada em torno da psicanálise até o momento atual deu-se pelas investigações de vários psicanalistas, e até mesmo de alguns simpatizantes da teoria de Sigmund Freud e/ou dos pós-freudianos, possibilitando que teoria e técnica seguissem evoluindo constantemente. Investigações que partiram

tanto de dentro dos consultórios, a considerar a vivência clínica de cada um, quanto de dentro dos centros acadêmicos, estando apoiadas em livros e na atualidade, em diferentes campos de atuação, pois o essencial, na construção de um trabalho em psicanálise, é que a palavra possa ser tomada por sua capacidade de simbolizar – através da escrita ou da fala – os efeitos de significantes que escapam à própria linguagem. As pesquisas em psicanálise podem ocorrer de diferentes formas, desde que o sujeito seja considerado como o ser dividido entre o saber e a verdade. Verdade enquanto aquela que não pode ser lida diretamente, que, de acordo com Lacan ([1970]/1992a), tem mais de um rosto e se situa como um ponto de interrogação; aquela que, por mais que seja falada, não se diz de todo pela linguagem, pois ela é não-toda dita, e, ainda que o sujeito a experimente no corpo, não é possível conhecê-la devido a sua vinculação com o real. De tal modo, não é o mesmo saber e a mesma verdade que a ciência propõe.

Enquanto a verdade na ciência é colocada no lugar das garantias, das respostas, na psicanálise ela emerge pela via da suspeita, da questão, marcando um saber que não se veste de conhecimento, mas que aponta a existência de uma verdade inconsciente, a qual não se pode conhecer de frente. Esta é a ciência que se faz necessário marcar nas pesquisas psicanalíticas: aquela que Lacan chamou de “ciência do real” (LACAN, 2003g, p. 450). Em qualquer lugar em que os conceitos fundamentais da psicanálise – inconsciente, repetição, transferência e pulsão – se façam presentes, estes cabem à teoria e aos métodos psicanalíticos, bem como aos pesquisadores nessa área, pois se trata de conceitos que não se ausentam quando o espaço é demasiadamente humano, tal qual um clube de leitura. Considerando como ponto de partida o inconsciente – estudado por Freud enquanto “lugar” do arredo, estudo que revolucionou a civilização –, é possível falar do sujeito que escapa de si mesmo e que não é senhor nem mesmo em sua própria casa (FREUD, [1917]/2010b).

O sujeito é tomado pelo que dele escapa nos tropeços da língua, língua esta que Lacan apresentou como morada da letra, trazendo à tona sua compreensão de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem (LACAN, [1967]/2003h, p. 334). O ser falante, que pela fala simboliza aquilo que o antecede e o atravessa, é o mesmo que compõe os grupos que se debruçam e se deleitam em torno de uma leitura, sentindo e verbalizando sobre o que lhe causou o encontro com o texto. Algo que não se refere ao real inalcançável, mas que traz na fala seus efeitos. “Tudo o que é inconsciente joga apenas com efeitos de linguagem” (LACAN, 2003h, p. 335). Os

clubes de leitura estão repletos de efeitos de linguagem, pois esses espaços são capazes de estruturar-se para acolhê-los. As pessoas que formam os grupos seguem, por meses e até mesmo anos, convivendo com suas histórias em meio aos enredos literários, transferidos por algo que as faz permanecer. As estruturas textuais de uma narrativa confluem com os enigmas das verdades de cada um e, singularmente, em meio ao coletivo, elas os chacoalham, mas também os acolhem.

O sujeito operado pela linguagem faz dela seu destino e suas relações, repetindo, sofrendo, amando e demandando, na tentativa de encontrar aquilo que jamais alcançará e que sempre escapará à linguagem por sua impossibilidade de representação. Mas, ainda assim, terá na língua, na letra e no corpo meios de lidar com o insuportável da vida, trazido na teoria lacaniana como real. Portanto, diante de algo que possa aproximar o sujeito do real, ele novamente repetirá, pois “a repetição demanda o novo” (LACAN, [1955]/1998e, p. 62), sempre de novo. Entre os tropeços dos pés que derrubam o corpo e os tropeços na língua que desconstroem e reconstroem os mal-entendidos, ainda que marcando a falta, a linguagem, em seus efeitos, é o caminho. É no utilizar da fala que a psicanálise acontece, e é por meio da palavra e do sujeito de linguagem que ela poderá ser aplicada, seja na construção de uma pesquisa psicanalítica, seja na direção de um tratamento clínico. Os conceitos psicanalíticos fazem referência ao universo dos seres falantes, e são esses seres que movem um clube de leitura, lugar onde a literatura aciona gatilhos que fazem falas e sentimentos circularem. E é nesse lugar que a psicanálise pode elaborar importantes estudos.

5 PESQUISA PSICANALÍTICA: ENTRE POSSIBILIDADES E SINGULARIDADES

É sabido que a psicanálise passa a ser reconhecida como uma teoria e um método a partir das observações emergidas de dentro dos laboratórios, dos atendimentos clínicos e da análise pessoal de Sigmund Freud. Ele investe em sua compreensão sobre o funcionamento do inconsciente e segue enfrentando as oposições e as duras críticas da medicina de sua época, aprofundando cada vez mais suas investigações em torno do aparelho psíquico.

Freud não adivinhou: ele observou, investigou, estudou seus pacientes e as hipóteses levantadas em torno dos sintomas que apresentavam. Ele pesquisou. “Ao longo de sua obra, Freud afirmou sua submissão a um ideal de ciência ao mesmo tempo em que subverteu os limites da ciência da época ao tentar estendê-los ao estudo da subjetividade” (PINTO, 2018, p. 65). Todos os desdobramentos deixados como frutos de seu empenho para conseguir entender o funcionamento psíquico foram sendo esmiuçados e, cada vez mais, desenvolvidos pelos pós-freudianos, alguns mais fiéis às suas ideias, outros nem tanto, mas o fundamental é que a psicanálise seguiu sendo pesquisada. Seus modos de ler os sintomas, dirigir os tratamentos e acolher as palavras foram se fundamentando numa construção teórica que proporcionou ao método psicanalítico fortalecer-se, desde o final do século XIX até os dias atuais.

Sua evolução não seria possível se não houvesse indivíduos dispostos a investigá-la, contribuindo com uma base teórica que nunca parou de se inquietar diante das questões humanas, e que, por isso, não se limita aos modos padronizados de produzir pesquisa. Assim, na posição de um pós-freudiano assumido – reinventando a psicanálise –, Lacan também quis entender o cerne da experiência freudiana, nomeando como a letra de Freud aquilo que dela se inscreve em seu texto (DINIZ, 2018). Ele se debruçou sobre os escritos do inventor da psicanálise disposto a entender o que suas palavras – que tratavam de conceitos em torno do estudo do inconsciente – pretendiam dizer. Isso ofertou campos ainda mais vastos para a produção de trabalhos no viés psicanalítico.

5.1 Freud, Lacan e as universidades

Conhecida desde Freud como um método de investigação e tratamento, a psicanálise marca, na atualidade, forte presença nas universidades. Em seu meio, ela

vem proporcionando importantes contribuições a partir de diversos tipos de pesquisa sobre o ser humano e seu funcionamento psíquico. A universidade teve uma participação significativa nos primeiros passos de Sigmund Freud rumo à criação da psicanálise. Como relembra Fonteles e Coutinho (2018), sua carreira teve início no laboratório, investigando o sistema nervoso dos animais inferiores, deparando-se com professores que seriam seus grandes influenciadores, e debruçando-se na pesquisa científica a partir daquilo que seria o grande interesse de sua vida: o inconsciente. Ou seja, Freud era um pesquisador, tendo suas inquietações e curiosidades despertadas, também, dentro da universidade, o que é muito comum no que se refere ao percurso inicial de muitos, já então, psicanalistas – sublinhando-se, ao mesmo tempo, que esse percurso é sempre singular.

Foi em meio aos professores, aos laboratórios e ao seu desejo de saber que a psicanálise de Freud emergiu, bem como o mal-estar provocado por ela em meio à sociedade médica e científica da época. O incômodo causado pelos estudos e descobertas da sexualidade infantil e os caminhos tomados para tratar dos sintomas oriundos dos traumas sexuais na infância foram sendo, aos poucos, confrontados com a eficácia do tratamento na clínica aplicada e, posteriormente, com a apresentação desses casos clínicos perante a comunidade científica, o que não a tornou predileta em meio aos diversos estudantes, pesquisadores e curiosos, algo já esperado desde seu surgimento. É preciso suspeitar de uma dita psicanálise que aglomera, fascina e não causa estranheza, a considerar seu surgimento no mundo ocidental. Em seu texto *Contribuição à história do movimento psicanalítico* ([1914]/2012), Freud relata sobre uma conferência de que participou na Sociedade Psiquiátrica de Viena, presidida pelo psiquiatra Krafft-Ebing, na qual sentiu todo o desconforto causado diante da apresentação de suas descobertas teóricas:

[...] Apenas o silêncio que houve após minhas palestras, o vazio que se formou ao redor de minha pessoa, as insinuações que me foram transmitidas, me fizeram pouco a pouco entender que afirmações sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses não podiam ter a mesma acolhida que outras comunicações. Compreendi que a partir de então eu estava entre aqueles que “incomodaram o sono do mundo” [...]. (FREUD, 2012, p. 191).

Sigmund Freud inaugurou a diferença no modo de ver o humano e, mesmo compreendendo as dificuldades que o aguardavam nesse percurso, não cedeu de seu desejo: seguiu e fez da psicanálise o que almejava, “a primeira tentativa de psicologia

profunda” (FREUD, [1919]/2010a, p. 286), possibilitando que, posteriormente, além de um método de tratamento, ela fosse também um campo vivo de pesquisa. A psicanálise tem uma linguagem capaz de ser transmissível universalmente, podendo estar embasada nos referenciais de seus pares para abordar suas evidências. Portanto, ela é amplamente aplicável nas universidades, nos centros de pesquisa e nas comunidades científicas. Sua entrada nas universidades atesta sua relevância, a todo momento, através de muitas contribuições incontestáveis ao universo acadêmico, substancialmente aplicáveis ao mundo científico.

Por mais que não seja um empirismo, a psicanálise não está isenta de seu valor empírico. Ela não é a dita ciência que permeia os debates dogmáticos em determinados centros de pesquisa, mas não está excluída do campo das ciências – já que, na atualidade, não é mais cabível um olhar reduzido sobre tantas investigações, que partem de inúmeras áreas, apresentando trabalhos imensamente capazes de conversar com os rigores do que se compreende por ciência. Pois “[...] quanto maior a pluralidade de esquemas teóricos explicativos plausíveis, maior será a liberdade com a qual o cientista terá que trabalhar os objetivos que tem em vista. A pluralidade de explicações é sempre preferível a um dogmatismo despótico e unitário” (COUTO, 2010, p. 65).

A psicanálise tornou-se parte das propostas universitárias, mas não sem marcar as especificidades que lhe são próprias. É sabido que, desde as primeiras articulações em torno da temática – psicanálise e as universidades –, assinalam-se importantes observações. Já no ano de 1919, no texto *Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?*, escrito por Freud, essa discussão caminhou por dois vieses: o do aprendizado teórico e o da aplicação do método. Como o próprio autor afirmou em suas considerações sobre o ensino da psicanálise no curso de medicina,

[...] cabe considerar a objeção de que dessa forma o estudante de medicina jamais aprenderá realmente a psicanálise. Isso é verdadeiro se pensamos no efetivo exercício da psicanálise, mas para os propósitos em vista é suficiente que ele aprenda algo *sobre* e *com* a psicanálise. Afinal, tampouco se espera que o estudo universitário transforme o estudante de medicina num cirurgião hábil; quem escolhe a cirurgia como profissão não pode escapar a vários outros anos de trabalho e especialização no departamento cirúrgico de um hospital. (FREUD, 2010a, p. 287).

É nítido que Freud se preocupava com o movimento de inserção da psicanálise nesse espaço. Ele entendia que os centros acadêmicos poderiam se beneficiar do

conhecimento sobre a teoria psicanalítica, mas também afirmava que o psicanalista não se formaria pelo crivo universitário, e sim pela tríade *análise pessoal, supervisão e estudo teórico*, o conhecido tripé psicanalítico. Freud era um médico neurologista que compreendia a importância da subjetividade humana, bem como a distância que a medicina de sua época mantinha dela. De tal modo, o inventor da psicanálise defendia uma formação psicanalítica que não se encontrava nas dependências de uma grade curricular: tinha claro que não seria possível absorver a teoria e aplicá-la sem antes tê-la experienciado. Ou seja, desde o começo das discussões, tem-se o conhecimento de que apenas o ensino em psicanálise não é suficiente para formar um psicanalista, e que, ainda que o indivíduo adquira conhecimento teórico, este não é o bastante para que se possa aplicar a psicanálise em outras pessoas. De acordo com Freud,

[...] todo aquele que quer analisar outros se submeta antes a uma análise ele próprio. Somente [...] quando vivenciam no próprio corpo – ou melhor, na própria alma – os processos postulados pela psicanálise, adquirem as convicções que depois os guiarão como analistas. (FREUD, [1926]/2014, p. 116).

Freud nomeou como análise leiga a desvinculação da formação de um psicanalista a partir de uma graduação específica; tal conceito e sua compreensão passaram a ser discutidos para que a teoria e a prática da psicanálise não se esquivassem da base que fundamenta sua criação, que é o inconsciente. É a partir do trabalho das questões que rondam o inconsciente que o psicanalista se forma, sem que um diploma possa ser colocado como prioridade nesse percurso, porque, ainda que Freud tenha transitado por anos nos corredores da universidade, o que o levou a inventar a psicanálise não foi algo que emergiu especificamente em sua formação de médico, mas algo que ocorreu mediante sua curiosidade em torno do funcionamento psíquico – incluindo suas questões pessoais –, em que a hegemonia médica de sua época não estava nem um pouco interessada.

De tal modo, tornar-se um psicanalista é muito mais do que ler sobre psicanálise e conseguir uma vasta titulação. Isso não impede que a psicanálise funcione por seu potencial teórico nas universidades, compreendendo, na atualidade, a relevância dos inúmeros trabalhos produzidos para além dos institutos de psicanálise, ou seja, nos centros acadêmicos de pesquisa. Freud não descartou a possibilidade de o professor poder realizar pesquisa, ao contrário, pensou em meios

para isso, sugerindo que encontrasse ambulatórios com pacientes neuróticos ou serviços de internação que pudessem lhe servir de apoio para tal (FREUD, 2010a), bem como reconhecia que levaria considerável tempo para que sua descoberta adentrasse, de modo firme, o universo científico.

[...] provavelmente eu conseguiria me manter graças aos êxitos terapêuticos do novo método, mas a ciência não tomaria conhecimento de mim durante meu tempo de vida. Algumas décadas depois, um outro depararia inevitavelmente com as mesmas coisas para as quais a época não estava antes madura, obteria reconhecimento para elas e me prestaria homenagem como precursor necessariamente malgrado. (FREUD, 2012, p. 191).

À medida que essas colocações vão sendo estruturadas (e também bastante desconfiguradas após sua morte), os dispostos leitores de Freud – aqueles que leram seus textos por inteiro e não aos pedaços – vão lhes dando cada vez mais sustento. Sendo assim, a psicanálise adentra as universidades e alcança um espaço que hoje não é mais possível retirar. Seu método investigativo produz pesquisa, e seus resultados também podem ser observados além do consultório. O avanço das produções científicas e das discussões em torno dessa temática já alicerçaram a compreensão de que a psicanálise tem sua cientificidade, apoiando-se em um tipo de ciência que não exclui o sujeito do inconsciente; ao contrário, considera que não há produção de pesquisa isenta dele.

Mesmo que com algumas ressalvas, Freud alcançou o entendimento de que o ensino da psicanálise poderia contribuir para a formação dos futuros médicos; ele sabia que a universidade não era um espaço aberto aos fundamentos psicanalíticos, e também sabia quão necessário era tal conhecimento naquela época. A psicanálise, enquanto uma psicologia profunda, poderia ofertar às demais ciências um olhar inovador no que tange às questões humanas, já que estas se perdiam diante da obviedade da ciência (FREUD, 2010a). Freud mostrava-se atento quanto à maneira com que a psicanálise seria passada nas universidades, já que ela marcava (e ainda marca) uma diferença e uma propriedade em seu método, não sendo algo que se limita unicamente ao campo dos distúrbios psíquicos, mas que também é capaz de conversar com outras ciências, como a arte e a filosofia (FREUD, 2010a).

Os centros acadêmicos – que estão repletos de pessoas – são lugares propícios para a emergência de discussões, divergências, confluências e transferências, e é a partir desta última que é possível produzir consideráveis

trabalhos nessa área, levando em conta que uma pesquisa, assim como uma análise, só se “abre para a transferência a partir de uma questão sobre um saber que funciona inconscientemente” (PINTO, 2018, p. 72). Ou seja, o cientista também está atravessado pelo Outro a quem supõe saber: há um sujeito do inconsciente que, movido por sua verdade – a qual ele desconhece –, produz pesquisa. De tal modo, “toda pesquisa psicanalítica encontra a exigência pulsional como causa, para além de quaisquer enunciados gramaticais ou regras de usos de linguagem para dar conta de uma experiência” (PINTO, 2018, p. 72). O pesquisador terá que encontrar um caminho que não o deixe paralisado durante a construção de seu trabalho, a considerar seus atravessamentos pulsionais, que podem ser grandes causadores de angústia; seu funcionamento simbólico precisará entrar em cena, possibilitando que a escrita atue com sua potencial função simbolizadora. Esse modo de entender a relação pesquisa/pesquisador assinala a singularidade da psicanálise nas produções acadêmicas, caracterizando-a como aquela que apresenta sua cientificidade em torno do incompleto, do insabido e do desejo de saber. De acordo com Cristina Marcos:

Se a ciência elimina o sujeito, a psicanálise a subverte pela inclusão do sujeito. A ciência visa objetivar o sujeito, reduzindo-o a objeto de um saber. A psicanálise apoia-se nesse discurso, condicionada pela ciência, para introduzir aí um sujeito clivado, dividido, lacunar. (MARCOS, 2010, p. 100).

Em meio aos *campi* universitários, a teoria psicanalítica pôde ser gradativamente apresentada, sublinhando a importância de que se mantenha firme sua ética, a considerar os modos com que é compreendida e utilizada nas pesquisas científicas. A psicanálise posiciona-se do lado oposto ao da objetificação do sujeito, e isso passa a percorrer o mundo de maneira ainda mais impulsionada com o movimento investigativo da teoria nos centros acadêmicos. Ou seja, a academia é um espaço capaz de fortalecer – a depender da maneira com que é apresentada – a teoria proposta por Freud, possibilitando que avance e que esteja em constante movimento, mas sem que perca os fios fundamentais que a sustentam: o sujeito do inconsciente e o trabalho da associação livre. A psicanálise avança com os pós-freudianos e toma ainda mais força e direção em meio às discussões e aos trabalhos científicos. O fundador da psicanálise fornece linha e agulha, e, com isso, os que vieram depois dele, em especial seu seguidor Jacques Lacan, puderam fazer importantes pontilhados. Uma costura que rende, até hoje, valiosos resultados. Dando seguimento

ao percurso e à construção da teoria psicanalítica de Freud através de sua releitura, Lacan reafirmou a importância e também o desafio da inserção da psicanálise nas universidades. Ele trabalhou para que sua transmissão estivesse apoiada nos princípios de base deixados por Freud, para que seu legado não fosse distorcido. Lacan apostava em

[...] um trabalho, como disse – que no campo aberto por Freud, restaure a sega cortante de sua verdade; que reconduza a práxis original que ele instituiu sob o nome de psicanálise ao dever que lhe compete em nosso mundo; que por uma crítica assídua, denuncie os desvios e concessões que amortecem seu progresso, degradando seu emprego. Objetivo que mantenho. (LACAN, [1980]/2003c, p. 319).

Entre o fundar e o dissolver das escolas, Lacan se manteve firme na demarcação da psicanálise enquanto uma ética e uma experiência que não se equipara a sua proposta de ensino, pois, como o autor afirmava, ainda que seja algo entendido como um ensino, não significa que dele resulte um saber (LACAN, [1970]/2003a). É possível aprender com e sobre a psicanálise por meio de sua conjuntura teórica, mas não é possível apreender, “sentir na pele” a experiência analítica sem tê-la vivenciado. Isso assinala a diferença entre os dois campos, em que teoria e prática podem circular, sem que a psicanálise se torne uma religião, um dogma ou uma jurisdição. Ela é uma ética, e é considerando sua ética que nas universidades se produzem pesquisas. De acordo com Silva e Macedo (2016), na modalidade de encontro entre a psicanálise e a universidade:

[...] reafirma-se a amplitude do corpo teórico e técnico psicanalítico, bem como sua inegável condição ética de promover o avanço e a produção de conhecimento [...] constata-se, portanto, a rica possibilidade de a Academia acolher as inquietações geradas no exercício clínico da escuta psicanalítica.

Nem Freud, tampouco Lacan, se opuseram ao ensino da psicanálise: suas marcações sobre essa temática estão sempre voltadas para a singularidade, para o um a um da experiência em que se formam os psicanalistas. Eles estudaram, proferiram conferências e discutiram sobre a psicanálise nos auditórios acadêmicos, disseminando seus ensinamentos. A teoria e a experiência da clínica psicanalítica – simbolicamente apresentadas nos livros através das letras – podem levar a psicanálise para o mundo, para além dos arredores das escolas e dos institutos, onde os pares constantemente trocam seus entendimentos.

[...] se o ensino pretende transmitir a psicanálise, não é possível que não se vincule à pesquisa – uma questão do professor, do mestrando, do doutorando – e não é possível que esse mesmo ensino esteja alienado de um debate que se faça com outros psicanalistas, pares de um questionamento diante da psicanálise. (ALBERTI, 2010, p. 111).

Pesquisar psicanálise não é equivalente a tornar-se psicanalista: são caminhos distintos, mas que, a depender do desejo de cada um, podem se encontrar. Portanto, seja no campo, nos livros, nos casos clínicos, a pesquisa psicanalítica segue corroborativa junto às universidades. Cristina Marcos afirma que:

Seja a partir da escuta clínica dos casos atendidos nos mais diversos locais de trabalho, seja a partir de um olhar atento à singularidade dos sujeitos que circulam nos serviços de saúde, nos hospitais ou nos tribunais de justiça, seja a partir do diálogo com outros campos do saber, ou mesmo a partir de uma interrogação acerca de como o saber universitário acolhe e torna possível a inclusão do sujeito e do singular em seu ensino, nossos objetos de pesquisa vão sendo delineados e estudados. Podemos dizer que a pesquisa encontra, no âmbito da universidade, um local privilegiado de inserção. (MARCOS, 2010, p. 108).

A divergência entre a psicanálise e as demais disciplinas, no que tange ao entendimento em torno do saber e da verdade, não tira da psicanálise a possibilidade de produzir; ao contrário, acentua seu lugar na escrita e na transmissão acadêmica, marcando que os pesquisadores, os professores e os alunos são sujeitos divididos, não alcançam o saber, buscam e trabalham movidos por suas verdades, as quais eles desconhecem. Sonia Alberti pontua que o professor/psicanalista sabe “que o campo do não-saber é bem maior que o do saber e que toda investigação pressupõe um sujeito sustentado na verdade do objeto a – conforme o discurso histórico” (ALBERTI, 2010, p. 114). O sujeito só pode ser ensinado à medida de seu saber, e esse saber lhe impõe limites, a considerar sua divisão (LACAN, 2003a). É isso que dá forma aos lugares de alunos, professores e pesquisadores nas faculdades e universidades onde a psicanálise se faz presente; é esse olhar diferenciado para o campo humano e sua subjetividade que dá forma a uma variedade de metodologias que confrontam os ideais de neutralidade e imparcialidade que excluem o sujeito do real das pesquisas científicas.

Em psicanálise, o estilo é próprio, seja na escrita ou na escuta. Como afirma Castro (2010, p. 28), “[...] não há escrita sem sujeito para a psicanálise, mesmo no discurso da ciência (em que ele está forcluído) e no discurso universitário (em que ele

está subsumido nas referências autorais)”. Todo(a) psicanalista, bem como todo(a) pesquisador(a) em psicanálise, faz uso das palavras por seus próprios atravessamentos, e é isso que produz texto e fala, é isso que dará sentido ao sem sentido de cada um.

Para que um psicanalista possa se formar, seu desejo de saber precisará interrogar sua verdade durante seu percurso de análise, e, para que uma pesquisa possa falar de psicanálise, ela também necessita considerar que sua realização dependerá do desejo de saber que moverá o(a) pesquisador(a), que o(a) impulsionará a seguir adiante, encontrando, pelo valor simbólico de sua escrita, meios para investigar os elementos ou conceitos que desejar, guiados pelas incógnitas de sua verdade. É preciso desejo para que um trabalho gere frutos: como afirmou Lacan ([1964]/2003b), não se faz necessária uma lista numerosa, mas sim trabalhadores desejosos, capazes de contribuir com o avanço da psicanálise por seu potencial clínico, seja nas escolas, nas universidades ou, de modo geral, no meio social.

Como afirmam Silva e Macedo (2016), “[...] para a Psicanálise, são os impasses e a complexidade reconhecidos e afirmados nos meandros do desejo que instituem, definitivamente, seu caráter investigativo”. Ela é uma ética, não pelo viés moral, mas uma ética do desejo, atravessada pelo Outro a quem se supõe saber, portanto não há produção de trabalho sem transferência, não há pesquisa isenta da verdade de cada pesquisador(a), pois “haja o que houver com o que a ciência deve à estrutura histórica, o romance de Freud são seus amores com a verdade” (LACAN, [1973]/2003f, p. 313).

Atentando para todas as especificidades da psicanálise, Lacan aposta que os psicanalistas podem se servir, de alguma forma, das ciências propagadas à moda universitária, e que estas também podem, no encontro com a psicanálise, ter a oportunidade de renovar-se (LACAN, [1975]/2003i, p. 316). Ou seja, o ensino da teoria psicanalítica nas universidades pode ser um adendo à formação do psicanalista e um encontro com a possibilidade de novas construções acadêmicas no diálogo com outras ciências.

5.2 Os principais tipos de pesquisa psicanalítica a partir das contribuições de Rogério Lustosa Bastos

Considerando o movimento evolutivo da teoria psicanalítica em relação aos modos de fazer pesquisa, este estudo contou com um levantamento da literatura que trabalha o desenvolvimento da pesquisa psicanalítica na língua portuguesa,

destacando trabalhos que muito contribuíram para sua evolução: elaborações que consolidaram o espaço da psicanálise nos centros acadêmicos do país, de onde saem, constantemente, inúmeras pesquisas. De acordo com Silva e Macedo (2016, p. 520), “a pertinência de pesquisas com o método psicanalítico é reforçada na afirmação de que, por meio delas, é evidenciada a vitalidade da escuta e da postura investigativa psicanalítica”.

Tomando-a por sua capacidade investigativa – que a caracteriza como aquela que mais interroga diante de um querer saber do que responde para garantir que sabe –, a psicanálise pode embasar trabalhos que há muito vêm lhe rendendo aportes valiosos. De acordo com Diniz (2018, p. 116), “perguntar é situar-se entre o que se sabe e o que não se sabe. Nesse movimento de instaurar perguntas, em vez de tentar responder a todas elas, o/a pesquisador/a nutre o seu desejo de saber”. Sendo assim, pesquisar em psicanálise é autorizar-se a percorrer o campo das não garantias, da não exatidão das respostas (no sentido das verdades absolutas) e do envolvimento com a palavra e com o humano, que está sempre em mutação e movimento; é saber que cada pesquisador(a), a considerar os principais fundamentos da psicanálise, irá trabalhar a seu modo, apoiando-se na teoria que emergiu pelo desejo de saber de seu criador.

As discussões sobre pesquisa psicanalítica, na atualidade, têm ocorrido com muita frequência, sublinhando-se aqui as universidades. Vários pesquisadores e psicanalistas seguem apresentando suas ideias, caracterizadas pelos diferentes modos de fazer pesquisa no campo, tomando como pontos de apoio teórico produções de colegas psicanalistas/pesquisadores e, também, inaugurando olhares sobre as inúmeras possibilidades de lidar com o que é essencial à psicanálise: o uso da palavra e dos demais efeitos de linguagem para abordar as questões do inconsciente. O pesquisador e escritor Rogério Lustosa Bastos (2009) apresenta, em seu livro *Psicanálise e Pesquisas – Ciência? Arte? Contraciência?*, os principais trabalhos que abriram caminhos para a psicanálise nas universidades, mostrando as diferentes formas de produzir o saber científico para elaborar uma pesquisa psicanalítica. O autor aponta cinco tipos de pesquisa nessa área, bem como os principais teóricos que os defendem a partir de suas produções.

Considerando as articulações de Bastos (2009), segue uma breve explanação dos tipos de pesquisa por ele mencionados. Como primeiro ponto, tem-se a pesquisa psicanalítica do tipo teórico, sendo esse um trabalho realizado a partir dos textos

psicanalíticos dos vários estudiosos que contribuíram para o desenvolvimento da teoria. Luiz Alfredo Garcia-Roza, um importante psicanalista que deixou relevantes contribuições para o universo da pesquisa psicanalítica nos centros acadêmicos, apresenta-o como o tipo mais viável para realização de uma pesquisa psicanalítica, devido à especificidade de seu objeto de estudo e à sua identidade ética, que pode sofrer perdas pelo “apossamento ou pela apropriação por parte dos outros saberes” (GARCIA-ROZA, 1994, p. 11), já que a psicanálise não tem uma rubrica própria nos institutos aos quais está vinculada.

De acordo com as considerações de Santos e Santiago (2009), assinaladas por Ilka Franco Ferrari, a pesquisa teórica é “sempre bem-vinda como modo rigoroso de investigação do texto, propiciando a aquisição e/ou a consolidação da estrutura dos conceitos” (SANTOS; SANTIAGO, 2009 *apud* FERRARI, 2018, p. 81). Esse tipo de pesquisa pode ocorrer por dois vieses: pesquisa teórica do comentário ou pesquisa teórica da releitura. No primeiro viés, o pesquisador não escapa ao texto: ele o utilizará fielmente, sem considerar as entrelinhas. A intenção é apostar na volta ao texto, mais do que trazer algo novo (BASTOS, 2009, p. 18), produzindo a revelação do que estaria oculto naquilo que está escrito. Já a pesquisa teórica da releitura segue um trajeto diferente da anterior. De forma mais espontânea, ela permite ao pesquisador produzir algo com maior originalidade a partir de um texto de referência. “Ela tende a ser mais criativa: parte do texto, mas não se reduz a ele” (BASTOS, 2009, p. 19).

Um segundo tipo abordado por Bastos (2009) é a pesquisa psicanalítica de material baseado e restrito à clínica: pesquisa que aponta a importância do material clínico como fundamento para se abordar a ética, o desejo e a interpretação, que, de acordo com Birman, só são alcançáveis pela incidência da transferência na clínica analítica, a partir da experiência psicanalítica, sendo esta fundada pela ética e pelos impasses do sujeito (BIRMAN, 1994, p. 11). O autor põe em questão a possibilidade da existência da teoria psicanalítica fundada na transferência para a construção de uma pesquisa psicanalítica na exterioridade da clínica. Corroborando tal perspectiva, Angela Vorcaro pontua a função do caso clínico na pesquisa em psicanálise, afirmando que “o caso clínico tem por função problematizar a generalização necessária à teoria, explodindo a imaginarização de universalidade da teoria, sempre avessa à presença singular surpreendente implicado do inconsciente” (VORCARO, 2018, p. 42). Ao falar desse tipo de pesquisa, faz-se necessário compreender sua relação com a forma com que é escrita, já que esta não se resume simplesmente ao

relato de um caso clínico, com um corpo de texto padronizado, mas à maneira como se apresenta enquanto um trabalho de escrita psicanalítica que possa falar sobre a experiência da transferência, perpassando tais vivências experienciadas por aquele que o lê, pois “a interposição da atividade de escrita situa o Outro do escritor” (VORCARO, 2018, p. 57).

Como terceiro ponto, Bastos (2009) apresenta a pesquisa psicanalítica histórica e crítica: esse tipo de pesquisa trabalha com os textos fundamentais da psicanálise, utilizando-se, também, de outros autores psicanalíticos para sua elaboração. Significa fazer uma leitura atenta e equiflutuante que busque captar o texto como um todo. Utiliza-se das lacunas que toda produção textual possui para apresentar suas interpretações sobre ele. Não há uma rigidez quanto à produção sobre o material lido: a pesquisa histórica e crítica defende a ideia de problematizar as questões trazidas no texto, podendo implicar-se a partir do conteúdo lido e produzir um trabalho que respeita as pontuações do autor, agregando novos conhecimentos a partir delas. É o tipo defendido por Renato Mezan, que considera a pesquisa psicanalítica histórica e crítica uma tentativa de “passar para o plano da discursividade da leitura ou da palavra escrita, algumas situações do plano da clínica analítica ou da vivência transferencial” (BASTOS, 2009, p. 42).

A pesquisa psicanalítica na perspectiva estética e semiótica é um tipo que, de acordo com Bastos (2009), trabalha com a polifonia dos signos. Nela, recorre-se às bases fundamentais da teoria psicanalítica sempre que necessário, mas, principalmente, deixando surgir – considerando o cotidiano – o que potencialmente seria encontrado nos postulados teóricos. Para Herrmann, trata-se daquela que busca “o original na situação analítica e, notadamente, nas diferentes situações do dia a dia” (HERRMANN, 1994 *apud* BASTOS, 2009, p. 47). A pesquisa estética e semiótica também traz consigo a teoria dos campos em psicanálise, referindo-se a um dispositivo que marca a importância do cotidiano. Cotidiano este que, junto ao método psicanalítico, pode apresentar originalidade à teoria da psicanálise, observando a forma com que o inconsciente aparece em cada sujeito e em cada campo. Tais campos são considerados por suas relações transferenciais, suas formações e quebras, bem como por suas possibilidades simbólicas e polissêmicas.

Um quinto tipo de pesquisa psicanalítica, ainda abordado por Bastos (2009), estrutura-se sob a perspectiva epistemológica: tipo de pesquisa que objetiva extrair os fundamentos essenciais que se apresentam nas ideias de cada teórico. Requer do

pesquisador uma leitura focada, enfatizando os principais pensamentos, ainda que problematizando-os, para que a base teórica apresentada pelo autor principal não sofra desvios e desconfigure as ideias que fundam a teoria. Uma pesquisa que se baseia na perspectiva de “estudar o pensamento de um autor psicanalítico ou de uma escola em psicanálise”, buscando suas ideias básicas e “desvelando seus fundamentos” (BASTOS, 2009, p. 69). O pesquisador busca fidelidade ao texto para construir seu trabalho: ressalta as ideias, mas não as modifica.

Ao observar as contribuições desses pesquisadores/psicanalistas, torna-se perceptível o avanço das discussões sobre psicanálise, nas universidades, quanto aos modelos metodológicos que o pesquisador pode seguir em sua pesquisa. Como afirma Birman (2018), “a psicanálise não é só formulada, mas também, reinventada na universidade, o que se evidencia pela diversidade de métodos, temas, autores e articulações com outros campos do saber”. Cada pesquisador, considerando as possíveis formas de se trabalhar com a pesquisa nessa área, escolherá como conduzir seu estudo a partir do tipo e do método mais oportunos. Diante disso, prosseguindo com as observações de Bastos (2009), são apontados os principais métodos utilizados na produção das pesquisas psicanalíticas: a) método bibliográfico ou teórico – aquele realizado a partir de textos ou documentos, coletados mediante fontes primárias (textos originais) ou secundárias (publicações editadas que discutem as fontes primárias); b) estudo de caso – representando o método que tem pessoas como fonte de estudo, podendo ser feito o estudo de um caso clínico individual ou de grupo; c) pesquisa participante – referindo-se àquela que problematiza a realidade do indivíduo vislumbrando mudanças significativas, principalmente a partir dos grupos (BASTOS, 2009).

A psicanálise evolui, em suas produções científicas, agregando novos saberes e potencializando os conceitos que são próprios de sua teoria, fomentando importantes discussões e demarcando espaços significativos nas universidades e nos modos de fazer pesquisa na área. Pesquisar para fundamentar a teoria da psicanálise era, para Freud, um fator de relevância, e as universidades estiveram presentes nesse percurso de desdobramentos e estudos. Para Freud, estender suas descobertas aos que pudessem se beneficiar delas era uma importante questão. Quando Jacques Lacan retorna a Freud e constrói uma teoria utilizando-se da matemática, da lógica e das ciências da linguagem, ele expande as possibilidades do trabalho com a teoria psicanalítica na universidade, possibilitando formulações de inúmeras metodologias

utilizadas tanto no ensino quanto na pesquisa nas instituições. Suas formulações fornecem ao analista e ao pesquisador um maior apoio para sustentar a psicanálise dentro e fora do universo da pesquisa:

O nó, a trança, a fibra, as conexões, a compacidade: todas as formas com que o espaço cria falha ou acumulação estão ali feitas para fornecer ao analista aquilo que lhe falta, ou seja, outro apoio que não o metafórico, a fim de sustentar sua metonímia. (LACAN, 2003i, p. 317).

Lacan dá à psicanálise uma identidade que possui relação ímpar com o saber e a verdade, firmando-se a partir de uma ética que, na pesquisa, não tem por objetivo a junção de informações mensuráveis e quantificáveis que possam resultar na verdade absoluta e imparcial dos fatos. Para a psicanálise, trata-se do sujeito operado pela pulsão, aquela que jamais atua como uma força momentânea de impacto, mas sempre como uma força constante, pela qual nenhuma fuga é eficaz contra ela (FREUD, 2019d). Sujeito que, a partir de Lacan, será compreendido através da linguagem, aquela que lhe atravessará, que lhe fará surgir e caminhar, pois é a partir dela que se justificam e se denunciam as atitudes do ser, cujo corpo surge, desde sempre, afetado pela linguagem (LACAN, [1946]/1998c; LANG; ANDRADE, 2020). Um corpo que sente e se move pelo que ouve e pelo que fala. No campo dos afetos de um corpo, tem-se a arte como valiosa para a psicanálise. Desde o surgimento da teoria psicanalítica, a arte foi importante para as elaborações de Freud, principalmente as produções dos literatos e dos poetas. Como afirma Heloísa Caldas:

Para Freud, a literatura contém o segredo: os poetas e os literatos sabem, e esse saber da arte, em nosso caso a literatura, contrapõe-se ao saber da ciência no que tange ao acesso à verdade, que interessa a experiência psicanalítica. (CALDAS, 2007, p. 13).

Arte e psicanálise produzem seus atos, cada qual com sua particularidade. No âmbito do que escapa, cria-se e fantasia-se; psicanálise e literatura falam num tom semelhante. A literatura se aproxima da vida e dá à psicanálise meios de ver circular sua teoria, potencializando seus estudos e descobertas. Sendo assim, a psicanálise mantém diante da ciência uma relação de 'inclusão externa', mas diante das artes seus postos de fronteira estão sempre abertos (PACHECO FILHO, 2019). A literatura tem parte importante na história da evolução humana. Como afirma Puchner (2019, p. 9), "desde que surgiu, há 4 mil anos, a literatura moldou a vida da maioria dos seres

humanos que vivem no planeta terra”, construção que se deu pelo atravessamento dos séculos, percorrendo os campos da palavra falada, da letra e da escrita. Foram os amantes da linguagem que deram à letra a condição de parir a literatura. De acordo com Lacan (1998e, p. 27), “a linguagem profere seu veredito a quem sabe ouvi-la [...]”. Os escritos literários são de suma importância para a humanidade, e a forma com que são escritos possibilita alcançar o leitor de maneira prazerosa, ofertando-lhe conhecimento, ainda que ele não o perceba. De acordo com D’Agord, Lang e Triska (2020), o leitor comum, que sente prazer em ler, mesmo sem o saber, adentra um espaço de memória, um mundo criado e organizado por observações sistemáticas e acuradas, por sensações e pela imaginação, e também por documentos que perpetuam a experiência humana.

O interesse da psicanálise pela literatura está nas bases de sua construção teórica. Freud se inquietava com a potência dos escritores e com os efeitos de seus escritos no leitor. Ele queria saber de onde eles extraíam seus temas e como conseguiam comover e despertar emoções (FREUD, 2020). Segundo o autor:

[...] a partir da irrealidade do mundo poético, se seguem importantes consequências para a técnica artística, pois muitas coisas que não poderiam causar gozo como reais, podem fazê-lo no jogo da fantasia e muitas coisas que em si são desagradáveis podem se tornar para o ouvinte ou espectador do poeta fonte de prazer. (FREUD, 2020, p. 54-55).

Literatura que toca o corpo, onde o sujeito se apropria da linguagem para tentar exprimir sua verdade, ainda que com algumas omissões. Segundo Lang e Andrade (2020), “[...] o sujeito da psicanálise depende da articulação de letras para ser produzido, ou como também podemos dizer, ele depende da articulação entre significantes”. É com a psicanálise, de Freud a Lacan, que se torna possível entender o poder imenso que a linguagem possui: unir, fragmentar e iludir.

6 O CLUBE DE LEITURA LYGIA FAGUNDES TELLES COMO METODOLOGIA DE UMA PESQUISA PSICANALÍTICA

Esta pesquisa utilizou como método o clube de leitura Lygia Fagundes Telles: um espaço para comentar as leituras realizadas e os afetos originados por elas. O objetivo dos encontros e discussões foi a exploração da temática em torno da relação mãe-filha, tendo em vista os conflitos apresentados em alguns dos textos da escritora Lygia Fagundes Telles, sendo tal temática compreendida e estudada pela psicanálise – especificamente na teoria lacaniana – como devastação, que é o objeto de estudo neste trabalho.

O clube de leitura Lygia Fagundes Telles teve seu início nas redes sociais, através da plataforma virtual Instagram. Nela, uma página referente ao clube foi criada para convidar pessoas interessadas no estudo, almejando formar um grupo de seis ou sete participantes. Decidimos não restringir o público participante em termos de sexo biológico, já que, para a psicanálise, feminino e masculino são funções que estão para além da anatomia. Portanto, seria necessário apenas que os participantes fossem letrados, tivessem acima de dezoito anos e, principalmente, interesse pelo mundo literário. Na apresentação da pesquisa, buscamos deixar claro aos interessados qual seria o objetivo do estudo, tratando sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e assinalando a utilização das duas áreas de conhecimento para tal elaboração: a psicanálise e a literatura.

Sendo assim, surgiram interessados por ambas as temáticas, ou por apenas uma delas. A proposta apresentada – dentro do que cada um pôde alcançar – moveu de modo singular aqueles que dela decidiram participar, dialogando com a psicanálise naquilo que ela aposta, no um a um e no desejo de saber que pode originar significativas produções, considerando que ela conta com a ciência, mas pretende subvertê-la ao incluir a causa do desejo em seu campo (PINTO, 2018). As pessoas buscaram o clube, foram movidas pela proposta e decidiram participar. As reuniões tiveram início em abril e finalizaram em novembro, totalizando 12 encontros.

Entendendo a relevância do vínculo entre os participantes para que as discussões pudessem ser fomentadas e para que a fala pudesse fluir mais tranquilamente, projetamos um período de tempo maior, trabalhando outros textos com o objetivo de apresentar a autora, aproximar os componentes do grupo e possibilitar que as pessoas confiassem no estudo e nos pesquisadores. Ou seja,

buscamos estabelecer uma das vias mais fundamentais para que as falas pudessem emergir, entranhadas com a verdade de cada um: apostamos na transferência. Uma pesquisa, especialmente em psicanálise, não se constrói sem os atravessamentos transferenciais. Como afirma Jeferson Pinto (2018, p. 70), “a transferência pode ensinar muito mais sobre o discurso científico do que a filosofia ou a epistemologia supõem”.

6.1 Sobre os encontros do clube e os textos partilhados

A criação do perfil do clube de leitura Lygia Fagundes Telles, na rede social Instagram, ocorreu no dia 20 de agosto de 2020. Nele, diversos textos da autora passaram a ser comentados sob a forma de publicações e, aos poucos, alguns seguidores foram se aproximando. No dia 10 de março de 2021, a proposta do clube passou a ser divulgada, convidando a participar do projeto as pessoas que assim desejassem. Após a procura dos interessados, via mensagem (Instagram e/ou WhatsApp), completando um número considerável de pessoas, no dia 28 de abril de 2021, às 20h, os participantes se encontraram pela primeira vez através da plataforma virtual Google Meet. A princípio, o clube contou com a mediadora/pesquisadora e mais três participantes, que apresentaremos como Virginia, Conrado e Natércio⁶.

O direcionamento do clube seguiu buscando dar relevância a cada fala e sugestão. Os textos, os dias e os horários eram sempre acordados com o grupo. No primeiro dia, a proposta foi apresentada, desde seu objetivo até a sua forma de realização. Falamos sobre a autora e decidimos quais textos seriam lidos no decorrer dos encontros. Os participantes do clube optaram por seguir com o livro de Lygia F. Telles intitulado *Os contos*, coletânea que contempla mais de oitenta textos da autora, inclusive os que foram escolhidos para serem trabalhados nesta pesquisa. Por unanimidade, a preferência deu-se pela leitura dos contos e não dos romances, com a justificativa de que seriam mais curtos e, devido ao tempo, mais proveitosos para discussão.

A pesquisadora, enquanto mediadora do clube, criou um grupo no aplicativo WhatsApp, compartilhando o livro escolhido, em formato digital, para que todos pudessem ter acesso. As reuniões passaram a acontecer quinzenalmente, às quartas-feiras, às 20h15min – levando em consideração o horário de trabalho de um dos

⁶ É importante pontuar que todos os participantes serão referidos, aqui, com a utilização de nomes fictícios, buscando-se preservar as suas identidades.

participantes –, com duração de 50 minutos, 1 hora e, por vezes, 1 hora e 30 minutos. Todos os encontros ocorreram de forma virtual, através da plataforma Google Meet. Desde o princípio, a proposta ancorou-se em um clube democrático, sendo temático, por trabalhar uma escritora específica, mas livre em seu formato, não se tratando de um espaço rígido e obrigatório em termos de seu funcionamento. Todos tinham o direito à fala e às sugestões, pois a literatura e a psicanálise não cabem em espaços onde o pensamento, a fala e o desejo do outro não podem ser respeitados.

O segundo encontro ocorreu no dia 12 de maio de 2021, tendo a duração de 1 hora. Nesse dia, foi discutido o texto *Os objetos*. Pudemos falar um pouco sobre a minuciosidade da escrita de Lygia e dos efeitos que causam os detalhes relatados em cada cena, alimentando, assim, o imaginário do leitor, o que é uma característica da autora. Também foi perceptível a singularidade das leituras sobre um mesmo texto: cada participante trouxe uma peculiaridade a partir de sua leitura, despertando no outro novas elaborações e marcando que cada um pode ter, no contato com o texto, um encontro com sua própria verdade. Como afirma Lacan (1973/2008e), a verdade serve para criar o lugar onde o saber se denuncia.

Como mencionado anteriormente, objetivando a formação de vínculo e a aproximação dos participantes com a escrita de Lygia F. Telles, os primeiros encontros contemplaram outros textos além de *Uma branca sombra pálida* e *A medalha* – que são os textos fundamentais desta pesquisa. De tal modo, o clube seguiu com suas reuniões. O terceiro encontro aconteceu no dia 26 de maio de 2021: no horário programado, o *link* foi disponibilizado, e todos os participantes estiveram reunidos para falar sobre o conto *Verde lagarto amarelo*. A fala circulou por 1 hora, com a participação de todos, cada um pontuando aquilo que o tocou no texto e o que alcançou na relação sofrida entre dois irmãos, uma mãe e a fantasia de ser escolhido ou preterido por ela. O clube seguiu entusiasmado.

No dia 09 de junho de 2021, tivemos o quarto encontro, dessa vez discutindo sobre as leituras do texto *Apenas um saxofone*. Esse é mais um dos escritos de Lygia que falam do feminino, abordando questões culturais e produzindo, por sua escrita ficcional, efeitos de realidade próximos à humanidade e às suas complexas relações. Cada participante, nesse dia, trouxe na partilha de sua fala uma mulher singular e diferentes modos de amar (e, principalmente, de sentir-se amada), tudo em um mesmo texto, sempre lido e sentido de diversas formas.

A data correspondente à reunião seguinte precisou ser modificada por causa do feriado local (São João, 23 de junho), ficando o encontro agendado para o dia 30 de junho de 2021. Chegado o dia, às 20h15min, os participantes do clube se reuniram para trocar experiências de leitura sobre o conto *Helga*. Juntos por uma hora, falamos sobre as diferentes perspectivas do bem e do mal presentes nessa história. Após o último encontro, um participante convidou uma outra participante e, então, formou-se um grupo de cinco pessoas, a contar com a mediadora/pesquisadora. A nova participante, que chamaremos de Otávia, foi adicionada ao grupo do WhatsApp e passou a fazer parte do clube.

No dia 7 de julho de 2021, ocorreu o sétimo encontro, que teve a duração de uma 1 e 30 minutos, em que foram trocados ideias e sentimentos sobre o texto *O moço do saxofone*. Mais uma vez, o feminino surgiu, e o amor, em suas variadas formas, foi pauta diante dos olhares ímpares mergulhados na história de uma mulher, de sua sexualidade aguçada e de um homem que seguia a soprar o que lhe restara da vida em um saxofone. Na reunião seguinte, que aconteceu no dia 21 de julho de 2021 (oitavo encontro), a leitura compartilhada foi sobre o texto *Antes do baile verde*. Alguns trouxeram suas inquietações pelos sutis traços de violência contra a mulher retratados no texto. A imagem do feminino violentado originou uma importante discussão nesse dia.

Pensando no percurso do clube, entendemos que algo de subjetivo e importante foi construído nele, a ponto de possibilitar a sustentação de um considerável entusiasmo para que os encontros seguissem e as trocas de leituras continuassem a promover afetações, pelo novo que cada um trazia em meio ao grupo. Houve quem se identificasse e quem estranhasse alguns dos textos e contextos, mas, entre identificação e estranhamento, seguimos. Ou seja, os encontros foram sustentados pela transferência, como afirma Jorge (2017, p. 13): “A transferência de trabalho orbita em torno do trabalho obtido como fruto do desejo de saber [...]”. Em cada encontro, havia a verdade de cada participante em cena, nas leituras e nos comentários – tanto proferidos quanto escutados – sobre os textos selecionados. Nas discussões do dia 21 de julho de 2021, ficou acordado que cada participante escolheria um texto de seu interesse para ler e compartilhar sua leitura nos encontros seguintes.

Em 4 de agosto, reunimo-nos para falar sobre o primeiro conto da lista, intitulado *Ou mudei eu?*. Nesse escrito, o contexto social mostrado em palavras foi

percebido e relatado por várias perspectivas no clube, abordando a temática sobre a imagem que suscita o prejulgamento e o valor em torno das relações com o outro. Caminhamos para o décimo encontro, que aconteceu em 19 de agosto de 2021, no horário habitual. O conto escolhido para esse dia foi *Você não acha que esfriou?*. O texto apresenta as emaranhadas faces do amor: uma mulher e dois homens em meio a sentimentos confusos e velados, onde não se sabe se se ama ou se é amado. Nesse dia, o encontro teve a duração de 50 minutos.

Chegamos ao décimo primeiro encontro do clube, momento em que foi comunicado ao grupo que os contos selecionados para o respectivo estudo da devastação na relação mãe-filha seriam os próximos – *A medalha* e *Uma branca sombra pálida*⁷ –, considerando que um desses textos – *A medalha* – havia sido a escolha de uma das participantes em meio à lista. Esse também foi o momento em que a mediadora/pesquisadora decidiu apostar na entrada de duas novas pessoas que a procuraram apresentando desejo de participar dos encontros do clube: Afonso e Letícia. Ambos haviam sido alunos da mediadora/pesquisadora em um curso de graduação em psicologia, o que reforça ainda mais a importância da transferência na produção de um trabalho em psicanálise. Então, no dia 14 de setembro de 2021, conversamos sobre o conto *A medalha*. Texto de narrativa forte, que retrata uma relação de amor e ódio entre mãe e filha expressa em palavras, ambas expondo, de forma intensa, seus sofrimentos de mulher. Essa reunião teve duração de 56 minutos e 34 segundos.

Para finalizar os contos acordados, no dia 28 de setembro de 2021, os membros do clube estiveram reunidos pelo período de 45 minutos e 51 segundos para trocar leituras e sentimentos sobre o texto *Uma branca sombra pálida*. Um conto que trata de vida, morte, amor e ódio, presentes em um jogo de afetos complexos entre duas mulheres, sendo elas mãe e filha. Mais um momento em que cada um pôde trazer seu olhar sobre a história, entendendo-a como foi capaz de alcançá-la. Assim, o clube completou 12 encontros, possibilitando trocas riquíssimas e tomando forma em um período difícil para toda a humanidade; como os que bebem das águas da literatura e da psicanálise bem sabem, ambas são saídas para a vida.

O mundo, no ano de 2020, passou a vivenciar tempos de muitas mortes, dores, solidão e isolamento. A pandemia da Covid-19 assolou (e ainda assola) a todos; ainda

⁷ Os recortes das falas dos participantes que contribuíram para esta pesquisa, no que se refere a esses dois últimos encontros (e contos), serão apresentados na subseção 5.3.

que cada um a tenha experienciado de modo singular, ela trouxe caos ao mundo. Pessoas perderam amores, e gente passou a sentir falta de gente. Sem contar com todo o descaso governamental diante dos cuidados para proteger a população brasileira. Discursos de ódio, negacionismo e individualismo ecoaram na massa em pleno século XXI. Como afirmam D'Agord, Lang e Triska (2020):

Difícil, então, era imaginar um mundo em que teríamos que discutir novamente temas como a forma esferoide ou plana da Terra, a eficácia da vacinação para a saúde pública, em que muitos, inclusive governos, negariam uma pandemia planetária e as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS). Nos interstícios disso, a ascensão de discursos religiosos se articulou a uma postura anticientífica que fomentou a fácil circulação de notícias falsas e negacionistas acerca do verdadeiro impacto social da disseminação da COVID-19, uma doença que supostamente estabeleceria a solidariedade e uma fraterna igualdade; ora, não ocorreu assim: os pobres estão mais propensos a contraírem o vírus e morrerem.

É óbvio que esse cenário catastrófico também teve impacto nas reuniões do clube. Além das questões sociais/políticas diante da crise sanitária e humanitária, as atividades rotineiras se restringiram a um único formato: estudo, trabalho, encontros, consultas, tudo pelas telas dos aparelhos celulares, computadores e *tablets*. O cansaço eclodiu, expressando, junto a ele, a falta pela presença dos corpos nos inúmeros e variados compromissos virtuais, com as pessoas saindo de forma sequenciada de uma tela para outra. A emergência nos hospitais e a urgência sanitária impuseram seu ritmo para toda a sociedade e, assim, compreendendo que na urgência – que não tem a mesma representação para todo mundo – tudo se acelera, marca-se, então, um período de confinamento eufórico (NOMINÉ, 2021). De tal modo, esse excesso também provocou exaustão nos participantes do clube de leitura Lygia Fagundes Telles. Foi-se pedindo pausa, e os participantes passaram a verbalizar a necessidade de parar, chegando-se ao fim após um período de grande interação.

O término, entendido como necessário, não descartou sua funcionalidade. Os encontros do clube de leitura mostraram o quanto esse espaço de fala é rico e contém vida, porque literatura e psicanálise são, diante dela, uma afirmação: elas afirmam a vida – ainda que não neguem as durezas que a atravessam. Uma oferta, pela ficção, um suporte ao que se tem como insuportável no ato de viver; a outra aposta que, na releitura do velho, um novo entusiasmo pela vida possa emergir. A psicanálise esteve presente no clube de leitura Lygia F. Telles, tanto por sua concepção teórica, que há anos produz conversas interessantíssimas com a literatura, quanto por sua

representação enquanto uma ética, que aposta no desejo de saber como motor para as inéditas caminhadas. Ela entende que a verdade não é propriedade institucional: o que há são modos de ler e escrever histórias da vida, em que cada sujeito fará, com seu insabido, alguns arranjos que jogarão com o sem sentido que contorna sua vida. Como afirmou Lacan:

O inconsciente é o capítulo da minha história que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado. Mas, a verdade pode ser resgatada, na maioria das vezes, já está escrita em outro lugar. (LACAN, 1998d, p. 20).

As histórias da vida de um sujeito se estruturam nas frestas de sua existência, lá onde ele não pensa. Assim, tal qual um escritor, ele monta sua história, e é esse sujeito montado de histórias que se debruça nas tantas outras ofertadas pelos enredos literários. É no entremeio que o sujeito faz suas escolhas, entre os ditos e os malditos, entre os entendidos e os mal-entendidos, entre o sofrimento e a sobrevivência, lá onde cada um pode posicionar-se em seus romances, tragédias ou dramas de modo único, diante do que foi capaz de entender sobre a difícil tarefa de viver. Não foi à toa que a psicanálise de Freud se lançou como um desafio para tentar elucidar os bastidores obscuros dos sintomas que nos habitam (SOUZA, 2020, p. 317). De tal modo, é atravessado por toda a complexidade desse *entre* que o sujeito se colocará diante de um texto, portanto, a aposta do estudo psicanalítico da devastação pela via da literatura baseia-se no entendimento de que as produções artísticas conversam de forma fluida com a psicanálise (e vice-versa). Como afirma Souza (2020, p. 318), “Freud buscava abrigo na produção literária e artística para suas hipóteses conceituais”.

A literatura tem potencial no uso das palavras: mediante o modo com que o escritor as utiliza em meio a um texto, o leitor pode alcançar um querer dizer, que é sempre singular e que não se relaciona diretamente com a intenção do literato – porque esta é impossível de alcançar –, mas com seus próprios rabiscos, ou melhor, suas próprias rasuras. Com um semelhante apreço pela palavra, a psicanálise aposta na escuta enquanto aquilo que faz cifra no sujeito, e que pode ser por ela simbolizado. A psicanálise aposta na palavra como símbolo de significação. Então, unir esses participantes do clube de leitura, sujeitos entusiasmados com a literatura e interessados pela psicanálise, deixando a palavra circular de forma livre, comprovou

não só a importância dos escritos literários para o estudo psicanalítico, mas também a importância da partilha daquilo que se lê, que se sente ao ler. A fala dos participantes, embebida de literatura, apresentou suas personalidades e as formas particulares com que os textos lhes tocaram. Cada escrito falou com cada participante de maneira particular, e as discussões originadas pelos afetos provocados pela leitura, em meio ao grupo em que o espaço se abriu para a escuta, marcam que o clube de leitura é um dispositivo capaz de promover estudo e construir diversos trabalhos psicanalíticos, e também de outras áreas.

6.2 A fala livre e a escuta diferenciada no campo da transferência

Sigmund Freud cria a psicanálise na certeza de que a relação médico-paciente – considerando que ele era médico e que a medicina era a profissão envolvida nos debates e atuações clínicas e psíquicas da época – seria fundamental para que um tratamento pudesse ocorrer. Ou seja, para que houvesse uma escuta clínica e alguma possibilidade de cura dos sintomas dos pacientes, seria preciso que a transferência se instalasse para que as resistências pudessem ser ultrapassadas. Assim, para a psicanálise, o acesso indireto ao inconsciente ocorreria por fenômenos transferenciais (JORGE, 2017). Não há psicanálise sem que possam ser consideradas as operações da transferência e da resistência, duas das principais razões pelas quais Freud abandonou a técnica da hipnose. Segundo o autor:

Pode-se objetar em relação à hipnose que ela encobre a resistência, impedindo, assim, que o médico consiga vislumbrar o jogo das forças psíquicas. No entanto, a hipnose não acaba com a resistência, ela apenas desvia dela e, por isso, só fornece informações incompletas e sucessos apenas passageiros. (FREUD, [1905]/2017b, p. 39).

Freud apostou na palavra como tratamento sob o contexto da transferência. Ele compreendia que havia um funcionamento transferencial em meio ao desvelamento das questões dos sujeitos. Acreditando nela como uma via de formulação e criação, ele dirá que “a transferência cria, assim, uma zona intermediária entre a doença e a vida, onde se dá a transição da primeira para a segunda” (FREUD, [1914]/2017a, p. 113). A aposta na transferência levou-o ao desenvolvimento da prática e, também, à construção da teoria psicanalítica. Ou seja, ela fez parte de seu percurso de estudos, formação, atuação profissional e desenvolvimento teórico. Toda sua construção esteve atravessada por vínculos significativos, tanto acadêmicos quanto filosóficos,

artísticos e literários, e isso foi fundamental para que ele pudesse criar a psicanálise. Em seu escrito datado de 1914 – *Contribuição à história do movimento psicanalítico* –, o autor apontou a relevância que algumas figuras tiveram no percurso entre seus estudos e formulações psicanalíticas, a exemplo de Josef Breuer e Jean-Martin Charcot, no que diz respeito às suas primeiras compreensões em torno do funcionamento psíquico, bem como as contribuições dos artistas e literatos pelos quais ele nutria grande apreço. Outro vínculo de muita importância, já conhecido pelos leitores da psicanálise, deu-se junto à Wilhelm Fliess, indivíduo com quem Freud trocou inúmeras cartas sobre as suas ideias e os seus sentimentos em torno delas.

O inventor da psicanálise não esteve só em seus desdobramentos frente à investigação da mente humana: ele formulou sua teoria e a sustentou, corajosamente, diante de todo o descrédito da comunidade médica de sua época, ao passo que também encontrou sustento em importantes representações acadêmico-científicas e, principalmente, artísticas e literárias, como William Shakespeare, Fiódor Dostoiévski, Leonardo da Vinci, Michelangelo e muitos outros que, pela via das artes, cruzaram seu caminho de apreciador/leitor. A psicanálise foi construída sob todos esses atravessamentos, e foi partilhada, desenvolvida e aprimorada em meio a um grupo de indivíduos transferidos com as ideias, as atuações e com a própria figura de Freud, inicialmente reunidos todas as noites de quarta-feira em sua casa.

O grupo reunia-se todas as quartas-feiras à noite, dando às reuniões o nome de "Sociedade Psicológica da Quarta-feira"; os debates eram relatados por Stekel na *Neues Wiener Tagblatt*⁸. A partir de 1906, graças a Otto Rank, as *Minutas* da sociedade seriam registradas vindo a publicação várias décadas depois. [...] Pouco a pouco, outros adeptos vieram juntar-se ao grupo: Max Graf, Hugo Heller, Alfred Meisl; em 1903, Federn; em 1905, Hitschmann; em 1906, Otto Rank, Isidor Sadger; em 1907, Guido Brecher, Maximilian Steiner e Fritz Wittels. (CHEMOUNI, 1991, p. 11-12).

A transferência está na base da psicanálise; assim, foram chegando os interessados em levar tal conceito adiante, estruturando sociedades, associações e escolas para formar novos psicanalistas e manter a psicanálise viva, movidos pela transferência e pelo desejo de saber. A psicanálise é representada pela junção de trabalhadores desejosos. A IPA (Associação Psicanalítica Internacional) se estruturou a partir dos encontros de Freud com os entusiasmados e os inquietos em meio às

⁸ Neues Wiener Tagblatt: caracterizado como o jornal vienense mais independente durante a segunda guerra mundial (CZEIKE; HARRER, 2019).

suas descobertas, tendo sua “constituição decidida no congresso de Nuremberg, nos dias 30 e 31 de março de 1910” (CHEMOUNI, 1991, p. 100). Um a um, foram se aproximando, contribuindo e discordando do que era apresentado, alguns permanecendo na caminhada e outros encontrando novos caminhos. As cisões fazem parte da história do movimento psicanalítico, oriundas tanto de divergências teóricas e pessoais quanto de questões políticas – considerando o atravessamento do período de guerra e o autoritarismo predominante em certos países (CHEMOUNI, 1991). Após a morte de Freud, a IPA seguiu tomando direcionamentos que expressam rigidez e autoritarismo, o que resultou em discordâncias e exclusões. Muitas associações e sociedades que se declararam adeptas às ideias de Freud permaneceram à margem por não serem reconhecidas pela IPA (CHEMOUNI, 1991). Jacques Lacan é um exemplo importante desse funcionamento interno: quando passou a apresentar formulações das quais a Associação Psicanalítica Internacional discordava, teve seu ensino por ela censurado.

Meu ensino, designado como tal, sofre da parte de um organismo que se chama *Comissão Executiva* de uma organização internacional que se chama *International Psychoanalytical Association*, uma censura que não é de modo algum ordinária, pois que se trata de nada menos do que o proscriver esse ensino – que deve ser considerado como *nulo*, em tudo que dele possa vir quanto à habilitação de um psicanalista, e de fazer dessa proscrição a condição da afiliação internacional da sociedade psicanalítica à qual pertença. (LACAN, [1964]/2008a, p. 11).

É a partir desse ocorrido, que Lacan (2008a, p. 11) denominou como “excomunhão maior”, que ele caminha para fundar, em 1964, a Escola Francesa de Psicanálise. Em seu *Ato de Fundação* – 21 de junho de 1964 –, Lacan faz significativas modificações, como a liberdade do analisante de escolher seu próprio analista e os meios necessários para ingressar na escola, dando relevância ao desejo de, junto a esta, trabalhar contribuindo com seu caminhar diante da tarefa de formar psicanalistas e transmitir a psicanálise. A via fundamental de acesso à Escola Francesa de Psicanálise passou a estruturar-se pela formação de um grupo em que os membros se escolhiam mutuamente para estudar e produzir trabalhos em psicanálise, nomeado por ele como Cartel – um dispositivo de base no que se refere à psicanálise lacaniana (LACAN, 2003e). Lacan formulou novos modos para que a psicanálise pudesse se estender àqueles que desejassem conhecê-la e experienciá-la, retornando à letra de Freud para dar-lhe, em uma outra época, novos sentidos, mas sem abandonar as

bases fundamentais da psicanálise deixadas no legado freudiano: inconsciente, repetição, transferência e pulsão. Lacan segue apostando no desejo que move o sujeito na busca pelo saber, desconstruindo o lugar de mestria em um espaço onde os laços transferenciais são fundamentais no desejo do analista. Ele segue de mãos dadas com Freud quanto à importância da transferência e do desejo no percurso da psicanálise.

De Freud a Lacan, o sujeito transferido por uma suposição de saber é capaz de inovar na repetição. A transferência é a via de possibilidade para que se criem novos enredos a partir dos romances familiares que dão base à existência de cada um. Ela é uma porta que dá voz ao singular da verdade que habita o sujeito do inconsciente. É diante do estabelecimento da transferência que o sujeito é capaz de falar, de apresentar os seus ditos e de ter os seus não-ditos acolhidos. Um grupo de trabalhadores decididos produz trabalho e transmite psicanálise. Essa foi a aposta do clube de leitura Lygia Fagundes Telles, propondo-se, assim, como um modo possível de fazer pesquisa nessa área, utilizando-se daquilo que temperou as elaborações freudianas, a literatura, bem como daquilo que Lacan afirmou como importante em seu percurso: um grupo movido pelo desejo de saber. Como bem afirmou, “um saber que passa pelo companheirismo faz da mestria outra função” (LACAN, 2003a, p. 307).

O clube de leitura mostrou-se um espaço de acolhimento e produção, acolhimento de falas banhadas pela liberdade de trazer à tona interpretações e sentimentos, sem que a verdade fosse tomada como algo absoluto e de apenas um, que é o oposto daquilo em que a psicanálise acredita. Todos leram e falaram a partir das suas verdades, apresentando um saber que eles mesmos desconheciam, mas que entrou em jogo no ato de ler e alcançar o que foi lido, sem certo ou errado, apenas, e fundamentalmente, seus modos de ler. A ficção acolhe a vida, e, no clube de leitura, isso gera trabalho.

6.3 Pontuações sobre algumas das falas emergidas no clube de leitura Lygia Fagundes Telles pelo viés psicanalítico

Todos os encontros do clube foram banhados por falas valiosas, diálogos sobre a vida apoiados nas ficções lidas individualmente e partilhadas em meio ao grupo. De acordo com o que foi proposto nesta pesquisa, dois dos contos trabalhados pelo clube foram desenvolvidos de modo mais aprofundado, a considerar a fecunda costura entre psicanálise e literatura, bem como a temática abordada em ambos os textos: a relação

entre mãe e filha. Diante disso, os últimos encontros foram gravados – especificamente os dois últimos, como já mencionado, com a concordância dos participantes através do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) – e, posteriormente, transcritos, para que algumas das falas pudessem ser apresentadas aqui.

As leituras/encontros começaram com o conto *A medalha*, no dia 14 de setembro de 2021; em seguida, o segundo conto, *Uma branca sombra pálida*, no dia 28 de setembro de 2021. Abaixo, apresentaremos a rica contribuição que cada participante ofertou a este estudo por meio de suas colocações. As falas aqui pontuadas estarão acompanhadas dos nomes e do momento do encontro em que ocorreram (destaca-se, novamente, que cada participante foi nomeado de forma fictícia, baseado nos personagens do romance de Lygia Fagundes Telles: *Ciranda de Pedra*).

No que tange à movimentação da mediadora/pesquisadora quanto às suas colocações nos encontros, é relevante frisar que ela não esteve isenta de falas: sua conduta foi seguir possibilitando que elas circulassem entre os participantes, fazendo algumas pontuações a partir das colocações emergidas sobre os textos ou provocando-as com alguns questionamentos. Sua função de mediar as falas não a retira do contexto, ao contrário, insere-a por sua importante função de manejá-las em meio ao grupo, estando ela no lugar de uma pesquisadora movida pelo desejo de ouvir e conhecer as várias versões sobre as histórias que se apresentavam a partir das leituras dos contos.

As falas eram livres: elas não dependiam da pesquisadora para que fossem autorizadas, e os participantes falaram o que decidiram ser importante, da forma como conseguiram. Ela seguiu apostando na singularidade de tudo que estava sendo dito, sem se preocupar em encontrar algo específico, mas acolhendo as falas e apreciando o fervilhar das ideias que o clube, enquanto espaço de discussão de leituras e sentimentos, pôde ofertar. E é nisto que a psicanálise aposta: na atenção flutuante do analista e na fala associada livremente pelo analisante. Essas são bases essenciais nas formulações que vão de Freud a Lacan. Levar essa base ao clube de leitura, como uma aposta de produção psicanalítica, possibilitou que os participantes pudessem expressar o que pensavam, sem temer julgamentos por suas colocações. Como afirma Jorge (2017, p. 77):

A atenção fluante é a contrapartida exigida do analista ao acionamento para o analisando da regra da associação livre, através da qual ele é instado a falar sem se pré-ocupar com o sentido do que diz, sem se sentir coagido pela vergonha que algo pode lhe causar, sem se interrogar com que o analista vai achar acerca do que ele está dizendo.

Ainda que esta pesquisa não tenha percorrido a via de um tratamento analítico, o respeito ao sujeito e aos seus dizeres permaneceu como guia em sua construção. Transferência, fala e escuta foram, aqui, os principais instrumentos, caminhando de braços dados com a literatura. A pergunta em torno da funcionalidade do clube de leitura como possibilidade de metodologia em pesquisa psicanalítica foi sendo respondida a cada fala, a cada contribuição que, mergulhada na literatura, convidava a psicanálise a adentrar sua leitura. Leitura esta que, de acordo com Trocoli e Leite (2015, p. 12), tem como grande operador o inconsciente, a considerar o que nele se atravessa como efeito de barra e equívoco que impede a totalização do sentido, sendo ele convidado a uma ética e a uma prática de leitura em que a interpretação possa garantir a inacessibilidade do enigma, escapando ao risco das totalizações do sentido, lugar de encontro entre literatura e psicanálise que convida cada um a dar uma forma a partir das voltas que lhe forem necessárias.

As pontuações que aqui seguirão, tanto referentes ao primeiro encontro quanto ao segundo, apresentarão as falas trazidas pelos participantes, suas principais colocações sobre os sofrimentos presentes nas relações entre mães e filhas, estando eles na posição de participantes do clube, não de estudiosos da temática. A costura entre literatura e psicanálise seguirá as falas, que percorreram os sentidos e os sem sentidos dos contos.

6.4 Sobre o conto *A medalha*

O encontro ocorreu dia 14 de setembro de 2021, às 20h20min. Nesse dia, estiveram presentes os participantes Virgínia, Letícia, Afonso, Natércio e a mediadora/pesquisadora. Os outros dois participantes (Otávia e Conrado) não puderam comparecer. As primeiras falas vieram do participante Afonso, que verbalizou certa dificuldade diante da movimentação com que Lygia vai construindo suas narrativas, o que é característico de sua escrita. Lygia é inventiva e sagaz, e desenvolve as narrativas transitando de um lugar para o outro, sem perder os enlaces necessários na criação dos enredos de seus textos. Isso, às vezes, leva o leitor a

retomar pontos para compreender de quem é determinada fala. Como afirma Resende (2016, p. 47):

Podemos dizer que Lygia Fagundes Telles é uma mestra da narrativa, uma mestra de suas técnicas – em especial, no que diz respeito à escolha de como será a voz narrativa em seus contos, de qual será a perspectiva a partir da qual a história nos será narrada. [...] evidencia-se na obra de Lygia um tenaz conhecimento teórico das técnicas de narração. Os modos como são narradas suas histórias estão intimamente ligados à eleição do que se pretende evidenciar na fábula e do que se pretende que seja elíptico ou narrado subrepticamente através dos elementos de cena, através da ambiência, dos objetos que povoam o espaço.

Ela se desdobra nas palavras, como bem lhe convoca o feminino. Desdobramentos para (se) inventar, construir ficções. Como disse Adélia Prado (2021) em sua poesia intitulada *Com licença poética*: “Vai ser coxo na vida é maldição pra homem. Mulher é desdobrável. Eu sou”. Dialogando com os relances de sua verdade, ela oferece campo para que o leitor, atravessado pelo desconhecido que ronda seus pensamentos, sentimentos e escolhas, elabore uma nova história a partir daquela que ali se apresenta. De tal maneira, o retorno a alguns trechos do conto não impediu que os participantes fossem atravessados pelas afetações a partir dele.

AFONSO (00:01:00) – Esse texto me fez lembrar de um vídeo que se chama *Vida Maria*, por essa coisa que vai passando de geração em geração e que não deixa espaço para que a menina pense.

Após essa contribuição, ele segue desenvolvendo seu raciocínio junto aos demais.

AFONSO (00:05:55) – Não tem espaço para falar ou pensar diferente, se é sufocado.

Diante dessas falas, torna-se necessário fazer um adendo quanto à associação feita, pelo participante, com o vídeo a que se refere. *Vida Maria* é um curta-metragem realizado pelo governo do estado do Ceará, vencedor de mais de 50 prêmios em festivais de cinema nacionais e internacionais. Ele retrata, através do cenário característico do sertão cearense, no nordeste do Brasil, as Marias que seguem repetindo histórias e, junto a elas, dores e desejos silenciados (VIDA, 2006). O que tocou Afonso foi a maneira com que a história tende a se repetir, como que imposta, a ponto de a menina não encontrar espaço para ser, para construir seus próprios

caminhos de mulher, o que, para a psicanálise, é característico de uma relação devastadora entre mãe e filha. Como afirma Soler (2005, p. 91), “no cerne do inconsciente, as falhas da mãe sempre têm lugar [...]”. É nos arredores dessas falhas que a menina tende a fincar seus pés, fazendo remendos nas histórias que, de forma enigmática, se repetem e das quais ela não encontra uma saída simples. Na escuta clínica, é possível perceber quantos lugares nocivos uma mãe pode ocupar nos registros inconscientes de uma filha, resultando, assim, em uma possível relação de devastação.

[...] na associação livre, sejam quais forem as variações individuais, é mais como acusada que a mãe se instala. Imperiosa, possessiva, obscena ou, ao contrário, indiferente, fria e mortífera, presente demais, atenta demais ou distraída demais, quer cubra de mimos, quer prive, quer se preocupe, quer se mostre negligente, por suas recusas ou por suas dádivas, ela é, para o sujeito, uma imagem de suas primeiras angústias, lugar de um enigma insondável e de uma ameaça obscura. (SOLER, 2005, p.91).

As discussões seguem, em meio ao grupo, sob vários sentimentos em torno de Adriana e de sua mãe. Natércio entrou, aos 6 minutos e 39 segundos, verbalizando o seu cansaço após um longo expediente de trabalho, inclusive repercutindo na própria voz, mas, ainda assim, se fez presente. Uma outra participante deu sequência às contribuições:

LETÍCIA (00:17:47) – É a coisa das gerações que passam de mãe para filha, e nesse conto é pela medalha. A medalha vai parar no pescoço do gato porque ela não queria ter filho e passar isso adiante, e porque também não queria casar e assim ter que merecer essa medalha que era da mãe.

Adriana preferiu condecorar o gato a usar a medalha que passou por três gerações femininas, um gesto de recusa que não a livraria do ato de repetição. Ela estava casando por debaixo de uma longa quilometragem de véu, escondendo o que sua mãe apontava como desagrado (ou seja, ela) e apresentando apenas o possível para que por essa mãe pudesse ser aceita. Quando a participante verbaliza, em sua frase, o termo *merecer*, ela marca a compreensão de que não se trata apenas de um recebimento, mas de um merecimento: a filha que busca, numa relação devastadora, ser para essa mãe a todo custo, porque, ainda que sob uma tentativa de recusa, ela permanece no lugar de objeto que se ancorou em uma infância na qual essa relação não teve corte suficiente para que as duas pudessem existir em meio aos seus enigmas.

Se o desejo da mãe é por esse “algo” impossível de ser nomeado, a criança procura identificar-se com esse “algo” que a mãe deseja, sem mesmo saber o que é. Essa identificação resulta da necessidade da criança ser amada e de, através desse amor, procurar um lugar para poder *ser*. Incluir-se como objeto de amor e de desejo da mãe oferece-lhe essa possibilidade – *ser o objeto da mãe*. (ZALCBERG, 2003, p. 73).

Em meio a afetações, as discussões seguem no grupo, agora com as inquietações de Virgínia:

VIRGÍNIA (00:21:33) – Que mulher ressentida! Como uma mãe pode falar as coisas que ela falou?! [...] a todo instante ela tenta barrar essa mãe, e a mãe vem com uma facada, ela tenta se esquivar, tenta sair daquele lugar..., mas por outro lado... ela também alfineta a mãe. [...] e o que é que aconteceu com o pai? Cadê ele?!.

Os sentimentos expressos por Virgínia rendem comentários e outros afetos. A amargura dessa mãe esteve em evidência. Em sua fala, a participante equipara os cruéis atos da mãe a uma facada, alcançando o quão aprisionadores e mortíferos esses golpes podem ser, porque, ao passo que a participante afirma que a filha tenta sair, também diz que ela tenta se esquivar. Desviar-se de uma mãe não é o mesmo que sair de sua clausura. Ela se esquivava da morte, mas não consegue bussolar para si outro caminho. De acordo com Zalcberg (2003, p. 165), “quando a criança não é vista, não é recoberta pelo olhar da mãe, esta passa a encarnar para a criança o supereu arcaico que não cessa de a maldizer, de a amaldiçoar [...]”. Configura-se, assim, uma morte em vida. Virgínia também se inquieta pela ausência do pai; ele marca sua falta no texto e na vida de Adriana. Um pai pincelado por entre as linhas e maldito aos olhos da mãe, pai que Adriana defende com a firmeza de quem precisa proteger uma referência que ainda lhe resta e que, de algum modo, se inscreveu em sua vida, mas não o bastante para que ela pudesse percorrer de outras formas esse feminino que a cerca e a aprisiona.

Pela informalidade das falas, a psicanálise se apresenta em cada voz e em cada sentimento. Quem segue com a fala é Letícia:

LETÍCIA (00:24:40) – Eu acho que o pai era preto, porque a filha fala do preconceito da mãe e parece que ela quer se vingar, atingir essa mãe. Será que ela coloca no pescoço do gato para mostrar para mãe que algumas correntes precisam ser quebradas? Como um corte?! [...] às vezes a gente precisa cortar correntes, inclusive com alguns familiares que nos fazem muito

mal! [...] a mãe diz que a medalha iria enegrecer no pescoço dela, porque ela não seria capaz de ser mãe e de passar adiante como ela fez.

Letícia evidencia uma troca sofrida de ofensas, acusações e disputa: não uma troca simbólica a partir de suas próprias faltas, mas uma atuação violenta sobre os prejuízos de quem não foi capaz de assumi-las. Ainda que Adriana ensaie quebrar essa corrente, ela segue estendendo outros elos que a mantêm ligada à sua mãe, dando sequência à “disputa sobre quem perdeu, onde perdeu, quem perdeu mais, quem perdeu menos” (COSTA, 2020, p. 25). Todas perdem, mas olhar para essa perda sem poder fazer dessa ausência irrepresentável uma possibilidade de existir é desolador. A discussão segue com Afonso:

AFONSO (00:32:14) – O que essa mãe passa não é um presente, mas é um peso, um peso que passa de mãe para filha. E a filha não quer esse peso, porque ela sabe que não foi bom, ela vê isso na mãe, é como se a mãe tivesse se casado obrigada e quisesse cuspir na filha esse destino. Ela vê na filha essa possibilidade de repetir a mesma história. São tantas coisas que passam na cabeça... não sabia que a literatura era tão boa assim pra conversar. Eu vejo muita dor, tanto da mãe quanto da filha, e vejo também um pai que não está presente.

Os participantes mergulharam na leitura do conto e o vivenciaram em meio ao grupo do clube, expressando seus sentimentos e seus saberes. Em seguida, temos a fala de Virgínia:

VIRGÍNIA (00:50:56) – Também acho que ela não quer casar, mas vai casar, e fiquei pensando, ela vai casar, mas vai continuar traindo.

No momento em que Virgínia aponta essa repetição, ela também coloca para o grupo algo de novo que Adriana traz ao modo de repetir a história dessas mulheres, condecoradas com a impossibilidade de seguirem seu desejo. Na tentativa de escapar desse destino, que ela segue como quem não tem escolha, ela estabelece relacionamentos que, no fim, a fazem retornar para essa mãe. O modo rebelde de se relacionar com os homens parece colocá-la no caminho oposto ao da mãe, mas acaba levando-a diretamente a ela, fazendo-a permanecer como a filha que recebe sempre suas facadas. A fala continua com Letícia:

LETÍCIA (00:51:14) – É muita raiva dessa Mãe! Está sempre desmerecendo a filha. Que coisa! Será que se a Adriana tiver uma filha ela vai repassar isso para ela? Eu queria o resto da história!

Ainda que permanecendo por um período em silêncio, devido ao cansaço do trabalho, acompanhando o grupo na escuta, Natércio lança uma importante contribuição para o fechamento desse encontro:

NATÉRCIO (00:53:49) – O texto não revela nada pra gente. O que nós somos é testemunhas da queda dessas personagens, nós caímos junto com elas no abismo, por isso que penso que não há salvação nem para a Adriana e nem para a mãe. Porque é como aquele vaso comunicante que não se conversa, dois vasos que não se conversam, não há comunicação interna entre elas. A mensagem que fica é que a gente não pode julgar o outro. A literatura da Lygia não tem a ver com a ética no campo da moral, mas simplesmente apontar a realidade... é um texto muito humano! Ela não nos coloca como juízes para decidir quem está certo ou errado, ela aponta, e cabe a nós concluir a história.

Natércio fala da impossibilidade de comunicação entre mãe e filha. A filha quer o que não tem resposta, e a mãe não sabe responder aquilo que, um dia, também foi de seu interesse saber. Não há salvação! Ambas precisarão lidar com suas faltas, e a negação disso é que pode resultar em uma devastação. Desencontro, sofrimento... um abismo. Uma geração de filhas que responsabilizam as mães por não lhes ter transmitido o segredo da feminilidade (COSTA, 2020). E, assim, as medalhas seguem condecorando as repetições.

A fala circulou por 56 minutos e 34 segundos. Houve troca e acolhimento das diferentes perspectivas. Não houve lição de moral a cada conto, mas houve sentimentos únicos, cada um falando por seus próprios atravessamentos em torno do texto; várias verdades, várias faces dela. A psicanálise esteve presente nesse encontro, porque ela foi e é montada a partir da excentricidade humana: é disso que ela vive. O fato de nem todos conhecerem a teoria da psicanálise e/ou da literatura não foi empecilho para que as falas ecoassem em ambos os campos. Tanto a psicanálise quanto a literatura – considerando todas as suas especificidades – apostam na verdade como fonte de criação.

6.5 Sobre o conto *Uma branca sombra pálida*

O encontro ocorreu no dia 28 de setembro de 2021, às 20h25min. Nesse dia, estiveram presentes Virgínia, Conrado, Otávia e a mediadora/pesquisadora. Os três outros participantes não puderam comparecer. A primeira fala surge com Otávia, que diz que adorou o conto e lembra que a leitura foi feita exatamente no mês do Setembro

Amarelo, período em que, socialmente, se trabalha a conscientização quanto à questão do suicídio. Nesse enredo, a história da personagem Gina se encerra com sua morte, ao passo que sua existência segue ecoando na vida de sua mãe, pois, mesmo a filha estando morta, a mãe não consegue vê-la como um alguém para além dela. O apreço de Otávia pelo texto soa como uma surpresa agradável em meio ao grupo. Em alguns encontros, ela relatou estranheza mediante a escrita de Lygia, sentindo-a como algo distante, sem uma colocação mais direta em torno dos personagens, o que também é uma característica da escritora. De acordo com Resende (2016, p. 63):

Nos textos de Lygia, principalmente os narrados em 3ª pessoa, geralmente não se explicita alguma tomada de posição em relação a uma ou outra personagem, deixando-as solitárias e deixando-nos incertos quanto a possibilidade de fazermos algum julgamento a seu respeito.

Contudo, Otávia seguiu conosco até esse último encontro, fazendo-se presente quando podia. Esse dia marcou um diferencial: as conversas seguiram sequenciadas, e todos contribuíram trazendo seus olhares a partir das pontuações do outro. A fala que deu seguimento ao diálogo de abertura partiu de Conrado:

CONRADO (00:03:44) – O texto tem uma disputa da mãe com a companheira, uma disputa para saber quem era a mulher da vida da filha. Quem é nessa história a mulher mais potente para a filha?

Conrado percebe um jogo entre mulheres, lugares confusos que resultam em sentimentos de desamparo e ódio, o que não significa ausência de amor. Como afirmou Lacan ([1953-1954]/1996, p. 316), tanto o amor quanto o ódio representam “as vias da realização do ser, não a realização do ser, mas somente suas vias”. Ambos visam a destituição do ser do outro na busca de se satisfazer, ao passo que “[...] o amor aspira ao desenvolvimento do ser do outro, o ódio quer o contrário, seja o seu rebaixamento, seja a sua desorientação, o seu desvio, o seu delírio, a sua negação detalhada, a sua subversão. É nisso que o ódio, como o amor, é uma carreira sem limite” (LACAN, 1996, p. 316). O diálogo segue com Virgínia:

VIRGÍNIA (00:08:18) – Parece uma mulher que não sabe lidar com sua própria sexualidade e, quando a filha chega na adolescência e inicia a sua sexualidade, é como se ela quisesse ficar no lugar da filha. Lembra o trecho do texto quando a mãe entra no quarto de Gina e fica repetindo tudo que ela

fazia com Oriana, fumando, dançando em meio às almofadas, no chão, como se quisesse viver aquilo ali também.

O que abala essa mãe apontada no conto é aquilo que faz menção ao insuportável de sua estruturação como mulher, o que ela própria desconhece quanto a esse gozo suplementar que a toma. Deparar-se com o desejo de sua filha tomando forma, então, coloca-a de frente para seu próprio enigma, o que, para essa mulher/mãe, significa deparar-se com a angústia da sua própria existência. A fala continua com Conrado:

CONRADO (00:09:24) – Uma relação cheia de ressentimentos: desde que Oriana entrou em cena, a mãe disse que ela influenciou Gina, porque antes ela só ouvia música clássica e depois passou ouvir coisas que ela chama com um nome pejorativo [coisa de negrada] e que, assim, ela começa a se transformar com esses outros gostos.

Nesse momento, as falas se engataram, uma contribuindo com a outra, e, ainda que discordando, os sujeitos falantes ali presentes estavam se encontrando. Tomando como referência a fala de Lacan em seu congresso de Roma (1998d, p. 299), “[...] quando vocês se aplaudem por haver encontrado alguém que fala a mesma linguagem que a sua, vocês não querem dizer que se encontram com ele no discurso de todos, mas que lhe estão unidos por uma fala particular”. O grupo se manteve unido por suas particularidades, o que possibilitou um campo rico de trocas por meio da função simbolizadora da fala. A partir do comentário de Conrado, segue a contribuição de Otávia:

OTÁVIA (00:10:18) – A mãe estava incomodada porque a filha era diferente dela! Não foi a filha desejada, a filha ideal... foi a filha possível! E que não era de acordo com os planos dela.

A conversa continua com Conrado:

CONRADO (00:10:35) – E quem é que dá conta de ser de acordo com os planos da outra pessoa?! A mãe não deu conta de viver o luto da filha sonhada, idealizada, que é um luto necessário, porque ninguém dá conta de corresponder a esse ideal, e se dá, ou superficialmente acha que dá [...].

Nesse momento, surge a fala de Virgínia, que complementa:

VIRGÍNIA (00:11:00) – [...] tem muito sofrimento!

A troca segue com Otávia:

OTÁVIA (00:13:46) – A Gina incomodava muito a essa mãe! O termo que ela usa, pequena Gina, pode vir tanto como um carinho como uma forma de diminuir, tipo: ó, como você é pequena! [Otávia gesticula, dando à fala um aspecto de ironia].

Logo após, vem a pontuação de Virgínia:

VIRGÍNIA (00:15:50) – E o que é que ela queria dessa filha!? Ela reclamava porque ela vivia com Oriana, aí, quando a filha faz um ato carinhoso de abraçá-la, ela afasta filha. O que é que ela queria dela?!

Em seguida, quem complementa é Conrado:

CONRADO (00:16:28) – Acho que nem ela sabia o que queria da filha. Porque filho nenhum vem pra ser resposta na vida de pai nenhum. Ainda que atenda as expectativas, não é suficiente, porque isso não é sobre o filho! [...] também percebo que existe uma relação de ambivalência muito extrema, muito amor e também muita raiva e muito ressentimento. A Gina tá morta e a mãe está ali ressentida falando que logo Oriana vai substituir a filha, parece um cuidado de mãe, mesmo que com uma raiva.

A partir dessa fala, é possível retomar uma pontuação de Lacan, quando ele afirma que “o ódio não se satisfaz com o desaparecimento do adversário” (LACAN, 1996, p. 316). Gina e sua mãe eram adversárias? No jogo da disputa feminina, tudo leva a acreditar que sim. O simbólico não foi capaz de atuar nesse drama familiar; não pôde ser criado um espaço suficiente para que as duas mulheres pudessem existir. Nesse momento, emerge certa contestação vinda de Virgínia:

VIRGÍNIA (00:27:30) – Não sei, porque quando a filha morre parece que ela vai organizando o velório, pega o melhor caixão, compra as rosas, mas como se fosse um amor de fachada. [...] aí então quando a mãe se coloca imposta para essa filha, a filha não escolhe!

Mais uma discordância surge, agora por parte de Otávia:

OTÁVIA (00:28:42) – Eu acho que ela escolheu! Ela escolheu uma terceira saída!

Em sequência, vem a fala de Conrado:

CONRADO (00:29:00) – É que ela não escolheu entre as duas opções que a mãe impôs para ela, ela criou uma terceira saída aí.

Isso resulta na seguinte pontuação de Virgínia:

VIRGÍNIA (00:29:04) – Então! Eu acho que ela não escolheu! Nem assumiu o amor por Oriana, nem ficou com a mãe. Ela não escolheu! [...] e a mãe ainda culpa o pai pelo suicídio da filha. Quando ela diz: olha aí no que deu a liberdade que você deu a ela!

A fala continua com Virgínia:

VIRGÍNIA (00:32:14) – Eu estava pensando, a Gina cometeu suicídio, mas e as pessoas que resolvem não se matar, não cometer o suicídio, que fica ali em um sofrimento... para mim acaba que fica morta. Nem comete o suicídio e nem vive.

Conrado complementa:

CONRADO (00:33:47) – Não deixa de ser uma morte. Lembrei de uma animação oriental, onde a mãe faz um bolinho e esse bolinho meio que cria vida, e ela sai segurando, se apegando, se apegando, e o bolinho querendo viver a vida dele, arrumar uma namoradinha, até que ela come o bolinho. Nossa! É muito comum as mães querendo comer os bolinhos [momento de risada].

A animação que Conrado associa ao conto é um curta-metragem da Pixar chamado *Bao*. Nele, a presença massiva de uma mãe resulta em uma relação de conflito entre ela e o filho, que, no curta, é simbolizada por um bolinho que ela mesma prepara e que vai ganhando vida. Quando esse filho/bolinho quer sair da redoma de vidro em que a mãe o colocou, ela o come para que ele não vá (BAO, 2019). A arte, mais uma vez, se apresenta como via para falar da vida (e da morte) em uma de suas criações. O encontro vai finalizando, e Conrado faz a última contribuição da noite:

CONRADO (00:40:24) – Eu também fiquei pensando na gata que ela queria que fosse freira; é como se falasse desse lugar de procriar com homens, que ela preferia ser freira do que seguir essa vida padrão de transar com homens, e é por isso que ela fala da gata como se ela fosse ser freira.

Conrado compreendeu que havia uma homossexualidade emergida como algo subentendido no conto. Gina e Oriana mantinham uma relação que cada um pôde alcançar a seu modo, mas, de toda forma, o amor que ela (Gina) mantinha por essa outra mulher não foi levado adiante: ele não foi maior do que o tamanho de sua mãe,

uma mãe tão real que não possibilitou que Gina pudesse encontrar simbolicamente uma outra saída. O último encontro do clube foi finalizado aos 45 minutos e 51 segundos.

Depois de todo o desgaste entre os participantes e a queda do movimento do grupo, fomos tentando agendar horários em comum para que pudesse ser feito o encerramento com todos, mas não foi possível: todos preferiram realizá-lo por troca de mensagens e partilha de frases e textos, verbalizando o quanto foi significativo e também o quanto seria necessária essa pausa. Diante disso, algumas questões aqui se abrem. Por que, após a leitura e a discussão dos dois textos fundamentais para a conclusão do trabalho proposto, o grupo se quebra a ponto de não mais conseguir se unir como um todo? A escrita tem, aí, um lugar enquanto simbolização dessa vivência enredada que deixa algo em aberto? E, se não houvesse essa quebra, que rumo poderia tomar este trabalho, e quais outras questões poderiam emergir? Bem, a quebra ocorreu. Aos poucos, uma falta ou outra foi sendo marcada entre os participantes e, ao fim, o grupo estava sempre incompleto para um possível encontro de despedida.

A mediadora/pesquisadora finalizou as atividades agradecendo a participação de todos, via mensagem, reforçando a importância da literatura na singularidade de cada um e no atravessamento de momentos difíceis, tal qual a pandemia, e que a conclusão desta pesquisa seria compartilhada com todos, assim que fosse finalizada. A mediadora/pesquisadora percebeu que as portas permaneceriam abertas e que, se possivelmente um novo clube literário fosse proposto, haveria um grupo, talvez não o mesmo, talvez apenas alguns. O fundamental é que a psicanálise e a literatura se apresentaram como uma via de criação para todos que no clube de leitura Lygia Fagundes Telles deixaram sua marca significativa. Os textos literários abraçaram e foram abraçados carinhosamente durante essa vivência, mostrando o quanto eles são capazes de acolher dores, vivências e verdades, tal qual a psicanálise.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O clube de leitura Lygia Fagundes Telles tomou forma com o passar dos encontros, fomentando, pela via da transferência, falas carregadas de significação e singularidades. A literatura de Lygia Fagundes Telles possibilitou que uma temática tão delicada quanto a devastação na relação mãe-filha pudesse ser abordada com beleza e certa suavidade, movimento este que as produções artísticas são capazes de realizar. Um a um os participantes foram se chegando, o grupo se formou e, por identificação, seguiu. O desejo de estar nos encontros se sobressaiu, muitas vezes, ao cansaço de trabalhos intensos em era de pandemia. Através da literatura, os participantes puderam falar da vida, e a teoria psicanalítica pôde unir-se às falas e aos textos para construir um estudo sobre a temática da devastação. No clube de leitura, cada um abordou os textos por sua própria verdade, fomentando no outro novas reflexões. Por meio dos contos de Lygia Fagundes Telles, o insabido teve lugar de fala e pôde ser partilhado.

As relações e os afetos estiveram em pauta durante os doze encontros que realizamos no clube de leitura, e a mediadora/pesquisadora pôde acompanhar e registrar os efeitos valiosos que se apresentaram através das palavras trocadas em meio a um grupo, fazendo, com isso, um trabalho acadêmico. A psicanálise, através das inúmeras pesquisas que se lançam constantemente nas universidades, tem sua singularidade cada vez mais ratificada. Não há um modo padrão para a pesquisa em psicanálise, desde que seu trajeto contemple os conceitos fundamentais deixados por seus fundadores: as produções psicanalíticas só têm a agregar nesse espaço que há muito elas se propõem a ocupar. De tal modo, tomando como base as considerações de Lacan (2008a), pode-se pensar que, no encontro entre psicanálise e pesquisa, os trabalhadores/pesquisadores decididos e desejosos deverão ser sempre bem-vindos, para que tudo o que for feito de válido “tenha a repercussão que merecer, no lugar que convier” (LACAN, 2008a, p. 235).

A literatura e a psicanálise cabem em muitos lugares, e em muitos lugares elas são necessárias. Utilizar um clube de leitura literária para elaborar pesquisas em centros acadêmicos é reconhecer a importância da leitura e da fantasia para a vida humana; é valorizar a particularidade de cada fala e a estranheza de cada afeto emergido. A literatura foi um convite. A sequência dos encontros deu-se pelo manejo relacional e transferencial executado pela mediadora/pesquisadora, e a pesquisa se

estruturou por uma aposta desejante, que aconteceu. A partir daqui, ficam alguns questionamentos. Quais novas apostas podem ser lançadas, considerando esse rico espaço literário? Se esses encontros fossem presenciais, poderiam emergir novas questões, novos formatos? O clube se encerra após a leitura dos dois contos propostos para a realização deste trabalho, apresentando um grupo já fragmentado, em que reunir todos não mais foi possível. A escrita, aqui, teria um lugar de encerramento do trabalho? Bem, a literatura é um convite a viagens inusitadas, e a psicanálise se encanta com isso, então resta-nos a esperança de que novas apostas possam emergir e de que outros viajantes embarquem nos clubes de leitura literária e apresentem ao mundo possíveis saídas para as estranhezas da vida.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Sonia. Pesquisa e transmissão da psicanálise no contexto universitário. *In*: NETO, Fuad Kyrillos; MOREIRA, Jacqueline Oliveira. **Pesquisa em psicanálise: transmissão na universidade**. Barbacena, MG: EdUEMG, 2010. p. 113-129.

ALMEIDA, Carol. **O estar presente como arma de leitura: da função política de clubes de leitura diante do atual cenário brasileiro**. Recife: Cepe Editora, 2019.

ALVAREZ, A. **A voz do escritor**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BAO – The emotional story. (Oscar winning animated short film), 2019. [S. l.: s. n.]. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Movie Mania 3000. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f5CcgFTO274>. Acesso em: 17 maio 2022.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 2014.

BASTOS, Rogério. **Psicanálise e pesquisas: ciência? arte? contraciência?** 2. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

BETTO, Frei. **Ofício de escrever**. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.

BIRMAN, Joel. Normatividade, instituições e teoria psicanalítica: a psicanálise e suas inserções. **SciELO em perspectiva: humanas**, São Paulo, 13 abr. 2018, 15h00min. Disponível em: <https://humanas.blog.scielo.org/blog/2018/04/13/normatividade-instituicoes-e-teoria-psicanalitica-a-psicanalise-e-suas-insercoes/>. Acesso em: 4 fev. 2021.

BIRMAN, Joel. **Psicanálise, ciência e cultura: pensamento freudiano 3**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1994.

BROUSSE, Marie-Helene. Uma dificuldade na análise das mulheres: a devastação da relação com a mãe. *In*: MILLER, Jacques-Alain (org.). **Ornicar?** De Jacques Lacan a Lewis Carroll. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. p. 57-67.

BURGOS, M.; EVANS, C.; BUCH, E. **Sociabilités du livre et communautés de lecteurs**: trois études sur la sociabilité du livre. Paris: Éditions de la Bibliothèque publique d'information, 1996. Disponível em: <https://books.openedition.org/bibpompidou/1802>. Acesso em: 13 maio 2022.

CADERNOS de Literatura Brasileira. **Lygia Fagundes Telles**, n. 5. São Paulo: Instituto Moreira Salles, mar. 1998.

CALDAS, Heloísa. **Da voz à escrita**: clínica psicanalítica e literatura. Rio de Janeiro: Contra-capá, 2007.

CARREÑO, Óscar. **El eco de las lecturas**: introducción a los clubes de lectura. Santiago de Chile: Bibliotecas, Archivos y Museos, 2015.

CASTRO, Júlio Eduardo. O método psicanalítico e o estudo de caso. *In*: KYRILLOS NETO, Fuad; MOREIRA, Jacqueline Oliveira (org.). **Pesquisa em psicanálise**: transmissão na universidade. Barbacena, MG: EdUEMG, 2010. p. 24-35.

CHEMOUNI, Jacquy. **História do movimento psicanalítico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

COSSON, Rildo. **Círculo de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, Teresinha. A devastação na relação mãe e filha. **Bloco mágico**: boletim do corpo freudiano escola de psicanálise, Rio de Janeiro, n. 18, p. 20-25, set. 2020. Disponível em: <http://corpofreudiano.com.br/w/wp-content/uploads/2020/09/Bloco-magico-18-setembro-2020.pdf>. Acesso em: 13 maio 2022.

COUTO, Luis Flávio Silva. Quatro modalidades de pesquisa em psicanálise. *In*: KYRILLOS NETO, Fuad; MOREIRA, Jacqueline Oliveira (org.). **Pesquisa em psicanálise**: transmissão na universidade. Barbacena, MG: EdUEMG, 2010. p. 59-80.

CZEIKE, Felix; HARRER, Paul. Neues Wiener Tagblatt. **Wien Geschichte Wiki**, Alemanha, 12 jul. 2019. Disponível em:

https://www.geschichtewiki.wien.gv.at/Neues_Wiener_Tagblatt. Acesso em: 17 maio 2022.

D'AGORD, Marta Regina de Leão; LANG, Charles Elias; TRISKA, Vitor Hugo Couto. A psicopatologia da pandemia: literatura, ciência, política. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 597-619, set. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/pKhnND7FtYvjT7CbdD9wGVw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 maio 2022.

DIDIER-WEILL, Alain. A nota azul: de quatro tempos subjetivantes na música. *In*: DIDIER-WEILL, Alain. **Nota azul**: Freud, Lacan e a arte. 2. ed. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2014. p. 9-79.

DINIZ, Margareth. O(a) pesquisador(a), o método clínico e sua utilização na pesquisa. *In*: FERREIRA, Tânia; VORCARO, Angela (org.). **Pesquisa e psicanálise**: do campo à escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 111-128.

ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lis Gráfica Editora, 2021. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Retratos_da_leitura_5_o_livro_IPL.pdf. Acesso em: 13 maio 2022.

FARIA, Erika Vidal de; STARLING, Dannielle Rezende. Devastação feminina: o que pode uma análise? **Stylus**, Rio de Janeiro, n. 38, p. 155-164, jun. 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/stylus/n38/n38a09.pdf>. Acesso em: 12 maio 2022.

FERRARI, Ilka Franco. A psicanálise no mundo da informática e dos gráficos. *In*: FERREIRA, Tânia; VORCARO, Angela (org.). **Pesquisa e psicanálise**: do campo à escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 79-95.

FIORETO, T; PERES, D. C. Clube da Leitura: uma experiência de extensão a partir do texto literário. *In*: SEMINÁRIO REGIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA REGIÃO CENTRO-OESTE, 9. 2018. **Anais** [...]. Rio Verde: Universidade de Rio

Verde, 2018. Disponível em: <http://www.unirv.edu.br/paginas.php?id=572>. Acesso em: 17 maio 2022.

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. São Paulo: Editora da Unesp, 2006.

FONTELES, Camila Santos Lima; COUTINHO, Denise Maria Barreto. A pesquisa psicanalítica e suas relações com a universidade. **Revista Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. XXI, n. 1, p. 138-148, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/rwm7KKchmRjz6NnrpLXQGMQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 maio 2022.

FOWLER, Karen. **Clube de leitura de Jane Austen**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2017.

FREUD, Sigmund. A história do movimento psicanalítico (1914). Trad. P. C. de Souza. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. v. 13. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund. A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial (1926). *In*: FREUD, Sigmund. **Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos** (1926-1929), v. 17. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 124-230.

FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade: a feminilidade** (1933). Belo Horizonte: Autêntica, 2019a.

FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade: o declínio do complexo de Édipo** (1924). Belo Horizonte: Autêntica, 2019b.

FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade: sobre a sexualidade feminina** (1931). Belo Horizonte: Autêntica, 2019c.

FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade: sobre um tipo particular de escolha de objetos nos homens** (1910). Belo Horizonte: Autêntica, 2019d.

FREUD, Sigmund. Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? (1919) *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. v. 14. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a, p. 161-239.

FREUD, Sigmund. Lembrar, repetir e perlaborar (1914). *In*: FREUD, Sigmund. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017a.

FREUD, Sigmund. O método psicanalítico freudiano (1904[1905]). *In*: FREUD, Sigmund. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017b.

FREUD, Sigmund. O poeta e o fantasiar (1908). *In*: FREUD, Sigmund. **Arte, literatura e os artistas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 317-331.

FREUD, Sigmund. Sexualidade feminina (1931). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)**. Obras completas. v. 6. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. Uma dificuldade da psicanálise (1917). Trad. P. C. de Souza. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. v. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **A pesquisa de tipo teórico**: atas do 1º Encontro de Pesquisa Acadêmica em Psicanálise: Psicanálise e Universidade. São Paulo: PUC-SP, 1994.

GOLDBERG, Natalie. **Escrevendo com a alma**: liberte o escritor que há em você. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise**: de Freud a Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

KRISTEVA, Julia. **Beauvoir presente**. São Paulo: Edições Sesc, 2019.

LACAN, Jacques. A excomunhão (1964). *In*: LACAN, Jacques. **O Seminário - Livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a. p. 9-21.

LACAN, Jacques. A função do véu (1957). *In*: LACAN, Jacques. **O Seminário - Livro 4**: relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995a. p. 153-166.

LACAN, Jacques. A impotência da verdade (1970). *In*: LACAN, Jacques. **O Seminário - Livro 17**: o avesso da psicanálise. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1992a. p. 174-190.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1998a. p. 496-533.

LACAN, Jacques. Alocução sobre o ensino (1970). *In*: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003a. p. 302-310.

LACAN, Jacques. Aristóteles e Freud: A Outra Satisfação (1973). *In*: LACAN, Jacques. **O Seminário - Livro 20**: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b. p. 57-96.

LACAN, Jacques. As calças da mãe e a carência do pai (1957). *In*: LACAN, Jacques. **O Seminário - Livro 4**: relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995b. p. 362-380.

LACAN, Jacques. Ato de fundação (1964). *In*: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003b. p. 235-239.

LACAN, Jacques. Carta de dissolução (1980). *In*: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003c. p. 319-320.

LACAN, Jacques. Da psicanálise em suas relações com a realidade (1967). *In*: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003d. p.351-358.

LACAN, Jacques. Deus e o gozo d'A/ mulher (1973). *In*: LACAN, Jacques. **O Seminário - Livro 20**: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2008c. p. 70-83.

LACAN, Jacques. Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina (1960). *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1998b. p. 734-745.

LACAN, Jacques. Do gozo (1972). *In*: LACAN, Jacques. **O Seminário - Livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008d. p. 9-20.

LACAN, Jacques. Édipo e Moisés e o pai da horda (1970). *In*: LACAN, Jacques. **O Seminário - Livro 17: o avesso da psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1992b. p. 107-123.

LACAN, Jacques. Formulações sobre a causalidade psíquica (1946). *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1998c. p. 152-194.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem (1953). *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1998d. p. 238-324.

LACAN, Jacques. Litraterria (1971). *In*: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003e. p. 11-25.

LACAN, Jacques. Nota italiana (1973). *In*: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003f. p. 311-315.

LACAN, Jacques. O amor e o significante (1973). *In*: LACAN, Jacques. **O Seminário - Livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008e. p. 44-56.

LACAN, Jacques. O aturdido (1972). *In*: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003g. p. 448-500.

LACAN, Jacques. O engano do sujeito suposto saber (1967). *In*: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003h. p. 329-340.

LACAN, Jacques. O falo e a mãe insaciável (1957). *In*: LACAN, Jacques. **O Seminário - Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise: Tiquê e Autômaton**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008f. p. 58-68.

LACAN, Jacques. O falo e a mãe insaciável. (1957). *In*: LACAN, Jacques. **O Seminário - Livro 4**: relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995c. p. 182-199.

LACAN, Jacques. O seminário sobre "A carta roubada" (1955). *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1998e. p. 13-66.

LACAN, Jacques. Os escritos técnicos de Freud (1953[1954]). *In*: LACAN, Jacques. **O Seminário - Livro 1**: o conceito da análise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. p. 311-327.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo (1960). *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1998f. p. 807-842.

LACAN, Jacques. Talvez em Vincennes (1975). *In*: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003i. p. 316-318.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Editora da Unesp, 2019.

LANG, Charles; ANDRADE, Luciana. Formalização e clínica psicanalítica: a estrutura, o significante e o sujeito. **Estilos da Clínica**, v. 25, n. 2, p. 297-312, set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v25i2>.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MARCOS, Cristina. A pesquisa em psicanálise e a linha de pesquisa Processos Psicossociais do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Psicologia da PUC-Minas. *In*: KYRILLOS NETO, Fuad; MOREIRA, Jacqueline Oliveira (org.). **Pesquisa em psicanálise**: transmissão na universidade. Barbacena, MG: EdUEMG, 2010. p. 99-112.

MOLLIER, Jean-Yves. **A leitura e seu público no mundo contemporâneo**: ensaios sobre história cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NOMINÉ, Bernard. A urgência e a pressa. *In*: FÓRUM DO CAMPO LACANIANO (Fortaleza). **Ato analítico e afirmação da vida**. São Paulo: Aller, 2021. p. 30-49.

PACHECO FILHO, Raul Albino. Prefácio. *In*: QUINET, Antônio. **O inconsciente teatral** – Psicanálise e teatro: homologias. Rio de Janeiro: Atos e Divãs, 2019.

PETIT, Michèle. **A arte de ler**: ou como resistir à adversidade. São Paulo: Editora 34, 2009.

PINTO, Jeferson Machado. O lugar da contingência na clínica e na pesquisa em psicanálise: mais ainda sobre o problema do método. *In*: FERREIRA, Tânia; VORCARO, Angela (org.). **Pesquisa e psicanálise**: do campo à escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 63-77.

PRADO, Adélia. Com licença poética. *In*: PRADO, Adélia. **Bagagem**. 31 ed. Rio de Janeiro: Record, 2021. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Bagagem/ZuQ_EAAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover . Acesso em: 13 maio 2022.

PUCHNER, Martin. **O mundo da escrita**: como a literatura transformou a civilização. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

QUINET, Antonio. A escolha do sexo com Freud e Lacan. *In*: QUINET, Antonio; JORGE, Marco Antonio Coutinho. **As homossexualidades na psicanálise**: na história de sua despatologização. São Paulo: Segmento Farma, 2013. p. 131-140.

RESENDE, Nilton. **A construção de Lygia Fagundes Telles**: edição crítica de Antes do Baile Verde. Maceió: Edufal, 2016.

REUTER, Yves. **Introdução à análise do romance**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SARDI, Gónzalo Oyarzún. Lectura y comunidad. *In*: CARREÑO, Óscar. **El eco de las lecturas**: introducción a los clubes de lectura. Santiago de Chile: Bibliotecas, Archivos y Museos, 2015. p. 17-20.

SILVA, Clarisse Moreira; MACEDO, Mônica Medeiros Kother. O método psicanalítico de pesquisa e a potencialidade dos fatos clínicos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [s. l.], v. 3, n. 36, p. 520-533, jul./set. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/FvV7ZY3SzJRf7rgLzVGjPpm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 maio 2022.

SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SOUZA, Edson Luiz André. Faróis e enigmas: arte e psicanálise à luz de Sigmund Freud. *In*: FREUD, Sigmund. **Arte, literatura e os artistas**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 53-65.

SOUZA, Willian. Clubes de leitura: entre sociabilidade e crítica literária. **Informação e Informação**, Londrina, v. 23, n. 3, p. 673-695, set./dez. 2018. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/informacao/>. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/29187>. Acesso em: 13 maio 2022.

TELLES, Lygia Fagundes. **Os contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TROCOLI, Flavia; LEITE, Nina Virginia de Araujo. Prefácio: interpretação e enigma na literatura e na psicanálise. *In*: LEITE, Nina Virginia de Araujo; TROCOLI, Flávia (org.). **Giro da interpretação**: o enigma na literatura e na psicanálise. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. p. 11-26.

VERONEZE, C. C.; JAVAREZ, J. G.; NADAL, L. M. K. Clubes de leitura em movimento: integração nas bibliotecas do IFPR. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, p. 314-326, 2019. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1350>. Acesso em: 13 maio 2022.

VIDA Maria. [S. l.: s. n.], 2006. 1 vídeo (8 min). Publicado pelo canal Vida Maria. Disponível em: https://youtu.be/yFpoG_htum4. Acesso em: 17 maio 2022.

VORCARO, Angela. Transmissão e saber em psicanálise: (im)passes da clínica. *In*: FERREIRA, Tânia; VORCARO, Angela. **Pesquisa e psicanálise**: do campo à escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

WOOD, J. **A coisa mais próxima da vida**. Tradução de Célia Euvaldo. São Paulo: SESI-SP Editora, 2017.

ZALCBERG, Malvine. **A relação mãe e filha**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.